

PATRÍCIA MIRANDA MACHADO

**A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA SINTÉTICA DE ESTADOS ABSOLUTOS
COM O SUFIXO –ÍSSIMO:
um caso de Desencontro/ Mismatch morfológico**

Juiz de Fora
2011

PATRÍCIA MIRANDA MACHADO

**A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA SINTÉTICA DE ESTADOS ABSOLUTOS
COM O SUFIXO –ÍSSIMO:
um caso de Desencontro/ Mismatch morfológico**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora
2011

PATRÍCIA MIRANDA MACHADO

**A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA SINTÉTICA DE ESTADOS ABSOLUTOS
COM O SUFIXO –ÍSSIMO:
um caso de Desencontro/ Mismatch morfológico**

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Linguística e aprovada pela seguinte banca:

Prof^ª. Dr^ª. Neusa Salim Miranda – Orientadora – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Maria Margarida Martins Salomão – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Aparecida Araújo Oliveira – Universidade Federal de Viçosa.

Juiz de Fora
2011

À Professora Neusa – que dentre tantas as coisas que já me ensinou, fez despertar em mim o desejo de conhecer. Daí o desejo da busca, a inquietação das perguntas – e, de certa forma, dessa dissertação. Caminho no mundo amparada pelos seus exemplos. E assim, posso dizer: vejo o mundo pelos ombros de um gigante.

E também à minha tia Neusa, que estava sempre por perto nas horas de folga da minha orientadora.

AGRADECIMENTO

"Não existe nada tão comovente, nem mesmo atos de amor ou ódio, como a descoberta de que não se está sozinho" (autor desconhecido) e por isso tenho tanto o que agradecer, pois tenho a certeza de que nunca estive sozinha.

Primeiramente, aos meus pais, por me acompanharem, sempre, nos meus sonhos. À minha mãe, dentre tantas as coisas que fez e ainda faz por mim, pelo exemplo de mulher e de força. A meu pai, pela torcida, mesmo, às vezes, à distância, pelo interesse que sempre demonstrou por tudo que faço e pelo exemplo de dedicação.

À minha família, por todo apoio, preocupação e amor.

À Isabel, minha irmã, por encher a casa com seus sorrisos e aliviar a tensão, simplesmente, por estar presente. Pela companhia, de sempre, pelos momentos de descontração, tão importantes, e por ser a ajuda mais certa nos momentos de correria.

À Vó Maninha, pelas orações e pelo amor de sempre.

Às minhas tias, pela torcida, pelos papos de fim de semana e por serem um porto-seguro em minha vida.

À Ana Amoroso, minha tia de coração, pelo apoio, incentivo e ajuda, regados sempre com uma dose extra de carinho.

Aos meus primos, que sempre me renderam ótimos momentos!

À Ana Lúcia, Luiz, Ana Luiza e Diego, pela preocupação e pela acolhida e por me fazerem sentir parte da família, afinal, família de coração também é família.

Ao Thiago, meu amor, por fazer meus dias mais felizes. Por estar sempre ao meu lado e ser a melhor companhia. Por sempre me apoiar e incentivar a ir sempre mais longe. Por aguentar todos os meus *"casadíssimos"* e *"solteiríssimos"*, fazendo graça.

Aos meus amigos, que entenderam minha ausência, mas nem por isso deixaram de demonstrar o seu carinho. Em especial, à amiga Livinha, pelas mensagens de apoio e interesse, por estar presente, sempre que possível, pela honestidade, "sem filtro", pelo carinho constante.

À Núbia, que mesmo estando longe, tenho certeza de sua torcida, carinho e amizade.

Ao casal Dani e Karol, companhias certas e diversão garantida.

Aos amigos do mestrado que dividiram comigo algumas angústia e muitas realizações durante todo esse percurso. À Flavia, companheira de estágio, por compartilhar sua alegria e aliviar a tensão.

Aos Professores do Programa de Pós Graduação e Linguística da UFJF, por compartilhem seus conhecimento e pelo empenho em nos oferecerem uma educação de qualidade. Em especial à Prof^a. Margarida Salomão, pela inspiração e orientação imprescindível a esse trabalho e à Prof^a. Patrícia Fabiane, por se dedicar a mim e me permitir, em suas aulas, refletir sobre meu objeto.

À Prof^a. Regina Salomão, pela “forcinha”, imediata, com o inglês.

Às Professoras Margarida Salomão e Aparecida Oliveira, por aceitarem a companhia dessa dissertação durante o Carnaval.

À Professora Neusa, elemento fundamental nessa conquista, por não medir esforços em seu trabalho e por acreditar em mim. Por saber o real significado do “trabalho em grupo” e me dar a chance de crescer. Agradeço por ver em mim uma linguísta, confiar em minhas ideia, pela orientação na dissertação e na vida.

Aos bolsistas de Iniciação Científica, pela dedicação e por abraçarem o meu objeto como se fosse de vocês. Muito obrigada ao Bernardino, à Taty, nossa *gravidíssima* (à Sofia, também, que, ainda na barriga da mamãe, participou de grande parte das tarefas), à Samia, à Rachel e à Dani.

À Rosangela, pela prontidão em atender nossos pedidos, pela atenção e zelo com tudo o que faz.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Assumindo a perspectiva sociocognitiva e construcionista configurada pela Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980[2002], 1999; SALOMÃO, 1999, 2009a, MIRANDA, 1999; CROFT & CRUSE, 2004; SILVA, 1997) e pelos Modelos de Uso da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT & CRUSE, 2004; SALOMÃO, 2009b; MIRANDA, 2008b, TRAUGOTT, 1995), o presente trabalho busca investigar um dos nódulos da rede de construções superlativas do Português aqui nomeado como **Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos** (CSSEA). Trata-se de uma construção morfológica formada a partir da integração de um **núcleo** que remete a um estado absoluto não-graduável (*desempregada, casada, grávida*) com um **operador de escala superlativa** (- *íssimo/a*). O resultado são types como *desempregadíssima, casadíssima, gravidíssima, formadíssima*. A escolha metodológica, ditada pelo compromisso da Linguística Cognitiva com a empiria, levou ao trabalho com corpora naturais. Dentro dessa abordagem, procedeu-se à constituição de um corpus específico da construção baseado em dados reais e espontâneos de uso linguístico, através do concordanciador eletrônico Web Concordancer beta - <http://webascorpus.org/searchwac.html>. Nosso corpus se configura a partir de um universo total de 8.189.656 palavras em que foram investigados 30 types e registrados 1757 tokens. A configuração da CSSEA aponta para o fenômeno do desencontro/ *mismatch* (FRANCIS & MICHAELIS, 2000; TRAUGOTT, 2007; TRAUGOTT, 2006), uma vez que evidencia incongruências entre as propriedades semântico-formais das unidades que integram este padrão - o afixo superlativo -íssimo e o item lexical por ele graduado. Essa incongruência da construção é abordada a partir das relações polares de contrário e contradição, descritas por Israel (2004). Assumindo a hipótese de que a CSSEA é uma construção, propomos, como tarefa analítica principal, a descrição de seus polos formal e semântico-pragmático. Quanto aos aspectos formais, encontramos três padrões construcionais da CSSEA definidos por núcleos Adjetivos, Substantivos e Adverbiais. O padrão formal majoritário da CSSEA (76,5%) é constituído por radicais deverbiais participiais (*casado, namorado, eleito, comprado...*). No que se refere à Semântica da CSSEA buscou-se desvelar as cenas conceptuais/*frames* a que se vinculam os seus *types* e recobrir o novo perfilamento dado a tais cenas. Assim, postulamos a presença de dois tipos de perfilamento nos contextos discursivos da CSSEA: i. Perfilamento por Traços; ii. Perfilamento por Contradição. A configuração do habitat discursivo da CSSEA, caracterizada pela informalidade, delineou-se através de três categorias de análise em relação ao texto fonte: (i) temática principal, (ii) gêneros discursivos e (iii) público alvo. Nossas análises puderam consolidar a hipótese inicial de que a CSSEA se constitui como um padrão construcional de uso específico dentro da rede de Construções Superlativas do Português. Foram também atestados a produtividade significativa da construção e o processo de convencionalização de alguns de seus types no Português do Brasil em ambientes discursivos marcados pela informalidade.

ABSTRACT

Assuming the sociocognitive and constructionist perspective taken by Cognitive Linguistic (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980[2002], 1999; SALOMÃO, 1999, 2009a, MIRANDA, 1999; CROFT & CRUSE, 2004; SILVA, 1997) and by the Models of Use from the Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT & CRUSE, 2004; SALOMÃO, 2009b; MIRANDA, 2008b, TRAUGOTT, 1995), this work aims at investigating one of the net modules of the Superlative Constructions in Portuguese, here referred as the **Superlative Synthetic Construction of Absolute States** (SSCAS). It is a morphological construction built from the integration of a **chose** which refers to a non-gradable absolute state (*desempregada, casada, grávida*) with a **superlative scale operator** (- *íssimo/a*). The result of this integration are types such as: *desempregadíssima, casadíssima, gravidíssima, formadíssima*. The methodological choice, derived from Cognitive Linguistic engagement to empiricism, led to the search on natural corpora. In this approach, there was built a specific corpus of this construction based on real and spontaneous data of linguistic use, verified by the electronic concordancer Web Concordancer beta - <http://webascorpus.org/searchwac.html>. Our corpus is made of 8.189.656 words in which 30 types were investigated and 1757 tokens were recorded. The configuration of SSCAS points to the mismatch phenomenon (FRANCIS & MICHAELIS, 2000; TRAUGOTT, 2007; TRAUGOTT, 2006), due to the fact that it makes clear the incompatibilities between the formal-semantic properties of the units which integrate this pattern – the superlative affix –*íssimo* – and the lexical item graduated by it. The incompatibility of this construction is approached from the polar relations of contrariety and contradiction, as they were describe by Israel (2004). Assuming the hypothesis that SSCAS is a construction, we propose the description of its formal and semantic-pragmatic poles to be the main analytical task in this work. As concerns the formal aspects, there were described three constructional patterns in the SSCAS, defined by Adjective, Nouns and Adverbs chores. The major formal pattern (76,5%) is made of deverbal participle radical (*casado, namorado, eleito, comprador...*). As concerns the SSCAS Semantic, we aimed at revealing the frames/conceptual scenes which are related to the types and recover the new outline given to these scenes. Therefore, we assess the presence of two types of outline in the SSCAS contexts: (i) Outline of Features; ii. Outline by Contradiction. The configuration of the discourse habitat of SSCAS, characterized by the informality, was pointed out by three categories for analysis of the source: (i) main thematic; (ii) discourse genres; (iii) target. Our analysis got to consolidate the initial hypothesis that SSCAS is built as a constructional pattern for a specific use within the Superlative Construction network in Portuguese. Its productivity was attested as well as its conventionalization process of some of its types in the informal discourse surroundings in the Portuguese from Brazil.

A expressão vocabular humana não sabe ainda, e provavelmente não o saberá nunca, conhecer, reconhecer e comunicar tudo quanto é humanamente experimentável e sensível. Há quem afirme que a causa principal desta seriíssima dificuldade reside no facto de os seres humanos serem no fundamental feitos de argila, a qual, como as enciclopédias prestimosamente nos explicam, é uma rocha sedimentar detrítica formada por fragmentos minerais minúsculos, do tamanho de um/duzentos e cinquenta e sei avos de milímetro. Até hoje, por mais voltas que se dessem às linguagens, não se conseguiu achar um nome para isto.

(SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 350)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação escalar do domínio de Peso	14
Figura 2: Relação dos polos Committed/ Single	15
Figura 3: Modelo de organização do conhecimento gramatical das teorias sintáticas	39
Figura 4: Estrutura simbólica da construção	40
Figura 5: Busca no Corpus do Português	62
Figura 6: Destaque das “Source Options”	67
Figura 7: Busca avançada no concorcenciador eletrônico <i>Web Concordancer Beta</i>	68
Figura 8: Documento com os resultados – <i>Web Concordancer Beta</i>	69
Figura 9: Formalização da Construção Superlativa Genérica	76
Figura 10: Escalas <i>divertido/chato</i>	77
Figura 11: A Construção Superlativa Genérica (Sintética ~ Analítica) de Estados Absolutos	79
Figura 12: Tensão núcleo <i>VS</i> sufixo da CSSEA	80
Figura 13: Relação entre a escala harmônica e a desencontrada	81
Figura 14: Padrão Formal Prototípico da CEASS	85
Figura 15: Padrão Formal das CSSEA como SN substantivos	85
Figura 16: Padrão Formal das CSSEA com núcleo adverbial	87
Figura 17: Diagrama do esquema imagético do container	97
Figura 18: Modelo Escalar da CSSEA com o <i>type casadíssimo</i>	106
Figura 19: Gráfico – Temática Principal e Porcentagem aproximada	110
Figura 20: Detalhamento das temáticas sob o rótulo de “Outros”	112
Figura 21: Gráfico - Temática <i>Entretenimento</i> e os <i>types</i> que a articulam	112
Figura 22: jornal O Globo online	115
Figura 23: notícia de fofoca	115
Figura 24: Gráfico da tendência em relação ao público alvo	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dimensão do Corpus em termos de números palavras	58
Tabela 2: Lista de <i>types</i> possíveis da construção	60
Tabela 3: Resultado da busca no Corpus do Português	63
Tabela 4: Distribuição de “prontíssimo” ao longo dos séculos	63
Tabela 5: Organização do Corpus do Português	64
Tabela 6: Resultado da busca no Google	66
Tabela 7: Resultado da busca no Web Concordancer Beta	70 - 71
Tabela 8: Types constituídos a partir do participio passado	83
Tabela 9: Distribuição Sintática dos SAdj da CSSEA	85
Tabela 10: Padrões Formais da CSSEA	89
Tabela 11: Os Frames emergentes da CSSEA	91 - 93
Tabela 12: Distribuição dos <i>types</i> nos Gêneros Textuais	114

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: Polaridades, Intensidades e Desencontros	13
2. A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM	21
2.1 Fundamentos centrais da Linguística Cognitiva	23
2.2 O resgate do corpo e da imaginação nos processos	26
de conceptualização e categorização	
2.2.1 O efeito de prototipicidade	29
2.3 A Semântica de <i>Frames</i>	31
2.3.1 O empreendimento da <i>Framenet</i>	33
2.4 A Gramática das Construções	37
2.4.1 Sobre a motivação do modelo – a questão do tratamento	38
da composicionalidade	
2.4.2 As hipóteses nucleares do empreendimento	40
construcionista	
2.4.3 A Gramática das Construções como um Modelo	45
Baseado no Uso	
2.5 O Fenômeno do <i>Mismatch</i>	47
2.6 As polaridades semântico-pragmáticas	50
3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	53
3.1 Por uma Gramática das Construções baseada em Corpus	53
3.2 Os princípios metodológicos do trabalho com corpus	55
3.2.1 A noção de corpus e suas dimensões	56
3.2.2 A questão da frequência	58
3.3 A constituição do Corpus Específico	59
3.3.1 O Corpus do Português	61
3.3.2 As buscas no Google	65
3.3.3 O concordanciador eletrônico <i>Web Concordancer beta</i>	66
3.4 Considerações Finais: avanços e dificuldades	71

4. A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA SINTÉTICA DE	74
ESTADOS ABSOLUTOS COM O SUFIXO -ÍSSIMO: UM CASO DE DESENCONTRO MORFOLÓGICO	
4.1 A questão da integração conceptual e a emergência	74
de um novo padrão construcional por Desencontro	
4.2 O Polo da Forma	81
4.3 A configuração semântica da CSSEA	89
4.3.1 A Construção e os <i>frames</i> emergentes	90
4.3.2 Os perfilamentos da CSSEA	100
4.3.3 A semântica do sufixo -íssimo	106
4.4 O ambiente discursivo da Construção Superlativa	109
Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo	
 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	 120
 REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 125
 AXEXO 1	 131
ANEXO 2: CD <i>room</i> que acompanha a dissertação	

1. INTRODUÇÃO: Polaridades, Intensidades e Desencontros

(...)

*Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
Quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!*

(...)

*Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!*

(...)

*Mas não consegui entender ainda
qual é melhor:
se é isto ou aquilo.*

Cecília Meireles, Ou isto ou aquilo, Editora Nova Fronteira, 1990 - Rio de Janeiro, Brasil

“*Ou isso ou aquilo*”, assim começa o poema escrito por Kelen Tomazelli¹, uma livre adaptação do poema infantil de Cecília Meireles que serve de epígrafe a esta introdução, intitulado também por esse verso. Kelen preserva a organização do poema original de Cecília Meireles e encadeia uma sucessão de oposições, sintaticamente marcadas pela construção de alternância “ou X ou Y”. A partir dessa estrutura é possível desvendarem-se uma série de conflitos da vida adulta: “*Ou mão fechada, ou carteira vazia/(...) Ou espinhas, ou rugas. / (...) Ou gorda, ou magra./ (...) Ou committed, ou single./ (...) Ou liberdade, ou segurança.*”.

Fundamentalmente construído a partir de oposições, o poema de Kelen lida com itens que estabelecem as nomeadas polaridades semântico-pragmáticas (ISRAEL, 2004). Assim, em cada novo verso, vão surgindo domínios conceptuais diferentes (situação econômica, estética, relacionamento etc.) e os elementos instanciados ganham dimensão polar, ou seja, se estabelecem como entidades situadas no extremo de um determinado domínio conceptual comum.

O primeiro verso dá o tom para o restante do poema – “Ou isso ou aquilo”. Dessa forma, todas as oposições presentes são encaradas como valores absolutos, não há meio termo – ou isso ou aquilo. Dentro da perspectiva de Israel (2004), Kelen estaria

¹ Disponível em <http://kelengt.blogspot.com/2008/05/ou-isso-ou-aquilo.html>

enquadrando esses estados dentro de uma oposição de **contradição**, dando a eles conotações absolutas em que não se pode graduar aquele estado – ou se é gorda ou se é magra, ou se tem dinheiro ou não tem.

Contudo, apesar dessa aparente uniformidade encontrada no poema, as oposições com que Kelen lida não estabelecem a mesma relação entre si (ISRAEL, 2004). Vejamos a noção de peso. Esse domínio nos permite uma leitura escalar, assim como a representada na figura abaixo:



Figura 25: Representação escalar do domínio de Peso

O peso não é, pois, um domínio de mera oposição binária entre dois valores – ou gordo ou magro. Como vemos na figura acima, temos representados alguns valores do domínio conceptual de *peso*, organizados em duas escalas reversas e em ordens opostas. Assim, percebemos uma possível gradação desse domínio acerca dos estados *gorda/magra*. Da mesma forma como vamos adquirindo peso gradualmente, as palavras que usamos para descrever essa condição também refletem essa gradualidade (ISRAEL, 2004, p. 703). Assim, esse domínio conceptual implica mais que dois possíveis valores, admitindo, pois, noções escalares. *Gordo* e *magro* se relacionam, então, por uma oposição polar de **contrário** (ISRAEL, 2004).

Por outro lado, quando as expressões em inglês “*committed*” e “*single*” aparecem, além de fazerem uma alusão às redes sociais, em que se marca, com esses termos em inglês, o seu estado civil, também estabelecem uma relação entre ser *comprometido/ committed* e ser *solteiro/ single*, dois estados opostos dentro do domínio de Relacionamento Pessoal.



Figura 26: Relação dos polos Committed/ Single

Embora o termo *comprometido* possa evocar, em outros contextos, uma polaridade contrária, admitindo gradação escalar (pouco comprometido, muito comprometido, comprometidíssimo, etc.), o modelo em foco envolve a dimensão semântica e as inferências pragmáticas construídos no espaço do texto de Kelen. Assim, o que *comprometido* em oposição a *solteiro* evoca é uma relação de **contradição**, uma vez que, dentro do domínio emergente de Relacionamento_pessoal, esse estado evoca três possíveis estados civis – namoro, noivo e casado. Nesses termos, temos, pois, uma relação entre estados absolutos em seu estrito senso: ou se é solteiro ou se está comprometido. Os estados absolutos se caracterizam por essa não graduabilidade entre eles e estabelecem entre si, uma relação polar de **contradição** (ISRAEL, 2004). Assim, ao contrário dos termos em relação de **contrário**, os termos em **contradição** se diferenciam por uma oposição binária entre dois valores (sim/ não) e não admitem uma noção escalar/graduável.

É justamente esse caráter absoluto, essa relação de contradição entre casado e solteiro que é questionada pelo usuário *Bad Boy*, em um *site* de perguntas e respostas². Ele pergunta: “*Vida de solteiro é vazia, de casado enche. Não existe meio termo?*”

Ao que parece, principalmente nos tempos de hoje, de fluidez de valores e grande competitividade (BAUMAN, 2007a, 2007b), esses estados absolutos vêm sendo questionados e, porque não, transformados. Então, respondendo ao *Bad Boy*, estar casado e estar solteiro parece ter, sim, meio termo e até valor superlativo. E é exatamente esta a questão que move a presente investigação. Os exemplos abaixo circunscrevem o nosso objeto – a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo *-íssimo/a* (CSSEA):

² Disponível em: <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100804045954AAiHhff>

- (1) **Gravidíssima**, Camila Alves leva seu barrigão para passear
<http://busca2.globo.com/Busca/ego/?query=%22Gravidez%22>
- (2) Estou **Casadíssima** e Sou Felissíssima, pela Graça de Deus... Completamente realizada na minha vida sentimental...
<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080723182457AAXNeoT>
- (3) Fiz este pavê para o fim de ano, ficou ótimo, fez o maior sucesso! **Aprovadíssimo!**
<http://tudogostoso.uol.com.br/receita/1071-pave-sonho-de-valsas.html>
- (4) Conca Camisa 10 clássico e dono de indiscutível habilidade, o argentino seria um **candidatíssimo** à titularidade no time de Dunga.
<http://blogaodofigueirense.wordpress.com/>

Nossa tarefa analítica principal consiste, pois, em provar, através de um Estudo de Caso, que lexemas, cuja base semântica exprime estados absolutos, podem dar origem a unidades lexicais com valor superlativo. Assim, no caso da CSSEA, um núcleo nominal de um estado absoluto (*casado, solteiro, candidato, grávida, desempregado*) fundido com um operador morfológico de escala superlativa (-íssimo) traria, como resultado, uma nova construção instanciada através de *types* como *casadíssimo, candidatíssimo, gravidíssima, solteiríssimo, desempregadíssimo*, que projeta esses estados em uma escala de intensidade superlativa, como ilustram as ocorrências acima.

Sabemos que as construções superlativas têm como função semântica básica evocar um *frame* de escala, focalizado em seu grau máximo ou mínimo (MIRANDA, 2008b). Mas, então, como seria possível conceber um estado absoluto em termos de grau?

Dentro da tradição formalista, os modelos semânticos vêm abordando a questão da integração conceptual dentro do que tem sido nomeado como Hipótese Forte da Composicionalidade. Tal hipótese implica conceber o significado linguístico (separando dicionário e enciclopédia) como resultado da soma do significado das partes dos constituintes de uma determinada expressão. Nessa direção, consideram-se os princípios, regras gerais de combinação sintático-semântica dessas partes, excluindo da construção do significado a sua configuração giestáltica como todo, ou seja, os conhecimentos de mundo ou efeitos pragmáticos decorrentes do uso discursivo. Assim,

espera-se do signo linguístico transparência e previsibilidade quanto ao seu significado. Se, uma expressão linguística implica um processo de integração complexa, com transparência e previsibilidade relativas, é deixada à margem do sistema. O resultado disso é a desconsideração total de um enorme contingente de construções, postas à margem de qualquer agenda investigativa, como irregularidades e idiossincrasias (FILLMORE, 1979).

Dentro dessa abordagem, portanto, “*casadíssimo*”, “*solteiríssimo*”, “*gravidíssimo*”, “*candidatíssimo*”, “*combinadíssimo*” seriam expressões “fora da lei”, ou mesmo agramaticais³, uma vez que, em sua base semântica, a soma de um radical absoluto com um sufixo superlativo é um fenômeno incompatível (estados absolutos não são graduáveis; não há como se estar mais ou menos grávida, nem mais ou menos casado ou solteira).

Contudo, o número de ocorrência de construções formadas a partir dessa aparente incongruência entre radical e sufixo é bastante significativo (30 *types* e 1757 *tokens*). Buscas rápidas através de ferramentas digitais (*site* Google) também comprovaram a existência da construção em sua forma analítica, como vemos nos exemplos abaixo:

- (5) Selena sobre os rumores de namorar Nick Jonas: “Não é verdade, eu estou solteira, ***muito solteira***.”

www.selenagomez.com.br/?p=4493

- (6) preciso trabalhar pois estou ***muito desempregado*** e tenho bastante experiencia nesta aria.

curriculo.catho.com.br/cargos-exassinantes/.../pagina-10/

- (7) A TV passa o lance em câmera lenta, antes desta idiotice do Hawk-eye, e para o lance mostrando que a bola foi ***MUITO dentro***

globoesporte.globo.com/platb/.../2009/05/.../a-cara-de-pau/

Se os fatos existem, é necessário que nos curvemos diante deles. É o que faremos neste estudo.

Assim, ante a decisão analítica anunciada, nossa escolha teórica recai sobre o paradigma sociocognitivista e construcionista. Nosso estudo orienta-se a partir das

³ São consideradas **agramaticais** estruturas que rompem com as regras do sistema linguístico e comprometem o seu entendimento.

noções de conceptualização e categorização, propostas pela Linguística Cognitiva, (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980 [2002], 1999), focalizando, especificamente, o conceito de efeito de prototipia (LAKOFF, 1987). O pilar central de nosso arcabouço teórico é, fundamentalmente, a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT E CRUSE, 2004; MIRANDA, 2008; SALOMÃO, 2009) e seus Modelos de Uso (CROFT, 2007; GOLDBERG, 2006; CROFT & CRUSE, 2004). Considerando as especificidades de nosso objeto, e com base na Semântica de *Frames* (FILMORE, 1982; PETRUCK, 1996; GAWRON, 2008), aborda-se a questão do *mismatch*/ Desencontro (FRANCIS & MICHAELIS, 2000; TRAUGOTT, 2007; TRAUGOTT, 2006; HOPPER & TRAUGOTT, 2003) em construções morfológicas a partir da noção de polaridades semântico-pragmáticas (ISRAEL, 2004).

Tal abordagem teórica implica, do ponto de vista metodológico, um forte compromisso com a empiria. Assim, nossa análise se sustenta a partir de uma base de dados natural e espontânea – um corpus específico construído, através do concordanciador eletrônico *Web Concordancer beta*. Essa ferramenta nos permitiu a busca de dados dentro do universo digital, dando-nos acesso a uma grande gama de textos, os mais diversificados possíveis, disponíveis na internet. Desse modo, constituiu-se um corpus específico da construção, formado a partir de 30 *types*, cuja soma é de 1.757 ocorrências dentro de um universo de 8.189.656 palavras.

Nesse viés teórico, ainda que partindo-se de uma Hipótese Fraca da Composicionalidade (o todo não é o resultado absoluto das partes que o integram), não há como negar que existe um aparente conflito semântico entre os constituintes da construção. Contudo, ao invés de se declarar a agramaticalidade desses usos, estas e outras ocorrências, vêm sendo consideradas à luz do nomeado fenômeno do Desencontro (ou *mismatch*, nos termos de FRANCIS & MICHAELIS, 2000; MICHAELIS, 2004; TRAUGOTT, 2007).

As hipóteses analíticas abaixo sintetizam as questões anunciadas e servirão de guia ao presente estudo:

- a. A CSSEA é um caso de Desencontro/*mismatch* morfológico;
- b. A CSSEA é um padrão construcional produtivo do Português, não um fenômeno idiossincrático e irrelevante para o seu léxico.

- c. A CSSEA com o sufixo –íssimo é um dos padrões da Construção Superlativa Genérica (sintética ou analítica) de Estados Absolutos.

Cabe explicitar, por fim, que o presente estudo integra o macroprojeto *Construções Superlativas do Português do Brasil: uma Abordagem Sociocognitiva* (MIRANDA, 2007 (Edital MCT/CNPq 14/2008 - Universal[477670/2008-3]; MIRANDA, Universal [479984/2010-7] CNPq), ligado à linha de pesquisa Linguística e Cognição do PPG Linguística-FALE-UFJF. Trata-se de um macroprojeto a que se vinculam, cinco dissertações de mestrado concluídas (SAMPAIO, 2007; MIRANDA-CARVALHO, 2008; ALBERGARIA, 2008; COSTA, 2010; CARRARA, 2010); uma tese em andamento (PIRES, 2009-2012); um projeto de pós-doutoramento (MIRANDA, 2008) e quatro bolsas de Iniciação Científica (IC).

Os nódulos da rede investigados pelo macroprojeto são ilustrados pelos seguintes exemplos (MIRANDA, 2011):

- (i) *Morro de medo de escuro.; Morri de rir com o filme.;* (SAMPAIO, 2007)
- (ii) *Não empresto um tostão!, Não escrevo uma linha! Não dou um passo!* (MIRANDA, 2008);
- (iii) *Não vou nem que Cristo desça da cruz! Não vou nem que a TAM me pague!* (MIRANDA-CARVALHO, 2008);
- (iv) *É uma fera no computador; um monstro das artes* (ALBERGARIA, 2008);
- (v) *Lindo de doer, feio de matar, festa de arrasar* (CARRARA, 2010);
- (vi) *Rolar de rir, se borrar de pavor* (COSTA, 2010);
- (vii) *Forte que nem um touro; branco que nem neve; pobre que nem Jô* (PIRES, 2009-2012).

Assim, a CSSEA com o sufixo *-íssimo*, nosso objeto, constitui-se com o sétimo nódulo investigado e o primeiro a tomar a Morfologia como campo.

Nos termos anunciados, a CSSEA, como um par forma-sentido, isto é, como um padrão construcional em seu habitat discursivo, será a tarefa analítica deste estudo (Capítulo 4). Assim, aborda-se, primeiramente, a questão do Desencontro presente nas CSSEA, a partir do conceito das relações polares de **contrário** e **contradição**, descritas por Israel (2004). Em seguida, busca-se descrever a construção em suas multidimensões, a saber, sintática, semântica e pragmática, de modo a comprovar a

hipótese de que a CSSEA é um nóculo da rede de Construções Superlativas do Português, com forma, sentido e uso específicos.

No Capítulo dois, apresentaremos o programa teórico que serve de escopo a tais análises, já, brevemente, anunciado anteriormente. No Capítulo três, são apresentadas nossas escolhas metodológicas que reafirmam o compromisso cognitivista com a empiria e, assim, recaem sobre a análise de corpus, implicando uma utilização de uma base volumosa de dados. Para tanto, toma-se **alguns** parâmetros metodológicos da Linguística de Corpus (SARDINHA, 2004) para o trabalho com corpora, sem, contudo, seguir essa vertente em seu estrito senso. Por fim, o Capítulo conclusivo resume os ganhos teóricos e analíticos – e também profissionais – obtidos com este projeto investigativo.

2. A PERSPECTIVA SOCIOCognITIVA DA LINGUAGEM

A Ideia

De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!
Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constringe,
Chega em seguida às cordas do laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica ...

Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No mulambo da língua parálitica.

Augusto dos Anjos⁴

Não são raras as vezes em que o pensamento do mundo científico encontra nas artes eco e convergência, ou mesmo em que a arte pré-anuncia aquilo que se torna, mais tarde, objeto de relevo da ciência. No domínio das reflexões sobre a linguagem não é diferente. A questão da linguagem em sua relação com o pensamento é, sabidamente, um território amplo, cujas fronteiras, além de perpassar diversas áreas da ciência por muitos séculos, avançam, de modo singular, sobre as artes. É o que nos revela a epígrafe acima. Surpreendida pela leitura desses versos, não posso me furtar a lhe abrir um espaço nesta seção introdutória. “A Ideia”, de Augusto dos Anjos, publicado em 1912, tematiza a grande questão da ciência cognitiva em meados do século XX e no presente século, qual seja as relações mente-cérebro com o pensamento e a linguagem. Vale retomar: A Ideia - *De onde ela vem?! De que matéria bruta/ Vem essa luz...* As metáforas dos primeiros versos articulam uma suspeita acerca dessa origem - luz (ideia) e nebulosas, grutas, criptas (mente?). Em seguida, de modo claro (e sem interrogação!), o poeta evoca o discurso da ciência de seu tempo, a psicogênese (sec. XIX: estudo da gênese e desenvolvimento das funções psíquicas), e descortina a luta, o poder

⁴ O poema Ideia foi publicado em 1912, no único livro de Augusto dos Anjos, intitulado “Eu”. Retirado de: ANJOS, Augusto dos. “Ideia”. In: _____. *Obra completa: volume único*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, P. 204.

determinativo do cérebro (*alta luta/ do feixe de moléculas nervosas,/ que em desintegrações maravilhosas/ Delibera, e depois, quer e executa*) e do corpo ante a fragilidade da ideia (*chega em seguida às cordas do laringe/ Tísica, tênue, mínima, raquítica...*) e, por fim, da língua (*No mulambo da língua paralítica*).

Polêmicas à parte, a questão, tão nuclear à ciência cognitiva contemporânea, está colocada pelo poeta (ou retomada de eras mais remotas?). Os versos de Augusto dos Anjos, escritos no início de um século marcado pelo formalismo, pelas dicotomias, pagam seu preço a essa era. No entanto, “feixes” de modernidade se anunciam nesses versos e se confirmam no pensamento cognitivista contemporâneo e, em especial, na Linguística Cognitiva, escopo teórico nuclear do presente estudo. Integrações e desintegrações “maravilhosas”, de fato, parecem envolver mente e cérebro na origem das ideias, no processamento dos conceitos que as palavras escondem e revelam (cf. seção 2.1). Nesses processos, no entanto, corpo, mente, cultura e linguagem têm contribuição igualmente relevante (cf. seção 2.2). É certo, também, que paralítica (*No mulambo da língua paralítica*) a língua não é. Mas a insuficiência da forma linguística, tão rigorosamente considerada pelo poeta, é uma premissa fundamental da abordagem sociocognitiva: as palavras não portam o sentido; apenas o guiam (cf. seção 2.1).

É, pois, a partir das complexas questões acima anunciadas, em verso e em prosa, e tendo a linguagem e a língua como o ponto de vista central, que o presente capítulo se estrutura, tendo a Linguística Cognitiva em seu paradigma sociocognitivo e construcionista como seu marco teórico (cf. Introdução). Sabemos que o espaço e o tempo de uma dissertação não são satisfatórios para uma abordagem mais aprofundada de uma questão tão complexa. Tomamos, assim, o percurso possível no presente capítulo - buscar ser breve, sem omitir ou ferir os parâmetros essenciais do modelo.

Assim, no presente capítulo, traçamos, em primeiro lugar, um ligeiro panorama do cenário de emergência e dos fundamentos do paradigma sociocognitivo (seção 2.1). Em seguida, passamos aos constructos teóricos específicos que servirão de suporte a nossa tarefa analítica. Na seção 2.2 anunciamos a visão sociocognitivista dos processos de conceptualização e categorização (LAKOFF, 1987, 1993; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980 [2002], 1999), fixando-nos no conceito de efeito prototípico (LAKOFF, 1987). A seção seguinte (2.3) é dedicada à Semântica de *Frames* (FILMORE, 1982; PETRUCK, 1996; GAWRON, 2008), constructo este fundamental à análise de nossa construção. A Gramática das Construções (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT E CRUSE, 2004; MIRANDA, 2008; SALOMÃO,

2009), ocupa o maior espaço deste capítulo (seção 2.4) pela relevância do modelo em nosso estudo. Por fim, em seções subsequentes, dois conceitos específicos, usados em nossas análises, são apresentados – o conceito de polaridades semântico-pragmáticas (ISRAEL, 2004) e o conceito de Mismatch/ Desencontro (FRANCIS & MICHAELIS, 2000; TRAUGOTT, 2007; TRAUGOTT, 2006; HOPPER & TRAUGOTT, 2003).

2.1. Fundamentos Centrais da Linguística Cognitiva

Tendo emergido nas últimas décadas do século XX (1987), como uma forte dissidência ao cognitivismo chomskiano, a Linguística Cognitiva (doravante LC) se impõe uma tarefa especial no confronto com os paradigmas formalistas que a antecedem no mesmo século – o Estruturalismo e, em especial, o Gerativismo – qual seja a de romper, de modo teoricamente substantivo, com o império do significante. Tal império se define pelo trato entitativo do significado e, acima de tudo, por sua subfocalização frente aos componentes morfossintáticos e fonológicos (SALOMÃO, 1999). Tendo, assim, o significante como ponto de partida e de chegada para todo e qualquer estudo linguístico, a Linguística formalista acabou por mutilar a linguagem, higienizando-a, isto é, despindo-a toda a complexidade sociocultural e cognitiva dos processos de significação.

Na contramão de tal perspectiva, a Linguística Cognitiva, definida por seu programa de viés sociocognitivo e construcionista, elege os processos de significação como agenda central para os estudos linguísticos. O significado passa, então, de coadjuvante a protagonista da cena científica, pela simples razão de que:

Na verdade, a linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas, eventualmente mentir sobre elas, expressar seus desejos e temores, tentar resolver problemas, avaliar situações, influenciar seus interlocutores, predizer o futuro, planejar ações.

(SALOMÃO, 1999, p.64)

Assim, como aponta o fragmento transcrito acima, uma vez que a linguagem remete às experiências dos homens no mundo (Ou mais ainda - constrói experiências humanas!), torna-se também inaceitável tanto a tese estruturalista de exclusão do sujeito da linguagem, quanto a tese gerativista de um sujeito puramente cognitivo – o falante-ouvinte ideal (SALOMÃO, 1999). Dessa forma, dentro da Linguística Cognitiva, os

significados ganham uma dimensão processual – social, cultural e cognitiva – e deixam de ser entendidos como uma propriedade intrínseca da linguagem (MIRANDA, 2002). Passa-se, então, a conceber as atividades linguísticas como construídas no jogo da interação, no uso real da linguagem, só podendo ser compreendidas desse modo. A linguagem deixa, pois, de ser compreendida como um sistema que independe do falante ou como um conjunto de regras abstratas e algorítmicas e ganha uma dimensão social e cognitiva.

Salomão (2009a) estabelece três pontos fundamentais que definem a Linguística Cognitiva contemporânea: **(i)** a linguagem não é um sistema cognitivo autônomo; **(ii)** a gramática é uma grande rede de construções calcada no uso linguístico (continuidade entre sintaxe e léxico) e **(iii)** todo processo de significação procede pela projeção entre domínios cognitivos.

O primeiro desses três pontos remete à negação da hipótese da autonomia da linguagem. Nesse enquadre, a perspectiva Cognitiva postula uma continuidade entre a cognição linguística e os demais sistemas cognitivos, considerando a organização cognitiva como um conjunto integrado de sistemas, dos quais a linguagem e a estrutura sociocultural fazem parte. Dessa forma, acredita-se que as habilidades cognitivas usadas na produção e na interpretação de um enunciado não se distinguem, significativamente, daquelas usadas na percepção visual ou nas atividades motoras (LAKOFF, 1987), por exemplo. Assim, a noção de integração contrapõe-se às teorias de modularidade da mente e a linguagem passa a ser considerada como um instrumento cognitivo (MIRANDA, 1999, p. 81), estando, então, integrada a outras capacidades cognitivas. Nos termos de Croft e Cruse (2004):

Certamente, a linguagem é uma habilidade cognitiva diferente. De uma perspectiva cognitiva, a linguagem é percepção e produção em tempo real de uma sequência de unidades simbólicas discretas estruturadas. Essa configuração particular das habilidades cognitivas é, provavelmente, única da linguagem, mas a habilidade requerida nela não.
(CROFT & CRUSE, 2004, p. 2)

O segundo ponto revela a noção de gramática adotada pelos cognitivistas e o modo como o paradigma assume uma perspectiva construcionista. Nesse viés, a gramática se define como uma grande rede de construções, ou seja, de pares de forma e função. Tais pares, que se estendem do morfema, à palavra, ao sintagma, à frase

divergem apenas no caráter de sua especificação formal, por isso é possível postular-se, neste modelo construcionista, não só a continuidade entre os modos da cognição, como também entre os nomeados níveis da linguagem, como Léxico e Sintaxe (SALOMÃO, 2009a). Ao adotar a construção como unidade, a concepção cognitiva de gramática, também conhecida como Gramática das Construções (cf. seção 2.4), equaciona no signo linguístico a relação indissociável entre dois polos, i.e., entre a forma e as condições semântico-pragmáticas de construção do sentido. Assim, como veremos mais detalhadamente na seção 2.4, o conhecimento linguístico de um falante é uma coleção sistemática de pares de forma-função, isto é, de construções aprendidas com base na língua que ouve ao seu redor (MIRANDA, 2008b).

Finalmente, o terceiro ponto afirma o caráter imaginativo da linguagem humana (das relações figurativas - metafóricas e metonímicas, das contrafactualidades, da mesclagem). A projeção entre domínios (*desintegrações* - e integrações- *maravilhosas* de Augusto dos Anjos) adquire, pois, nessa perspectiva, um importante papel na configuração das diversas redes de integração conceptual (FAUCONNIER & TUNER, 2002) e pode ser considerada o princípio nuclear da cognição humana, operando produção, fracionamento da informação, transferência e processamento do sentido (SALOMÃO, 1998 apud MIRANDA, 1999 p.82).

O breve panorama traçado nessa seção ressalta os pontos fundamentais definidores da perspectiva da Linguística Cognitiva. Partindo da hipótese guia da insuficiência do significado, a Semântica é resgatada da periferia dos estudos linguísticos e passa a ocupar uma posição central. A partir daí, acredita-se que “o sinal linguístico (em concomitância com outros sinais) guia o processo de significação diretamente no contexto de uso” (SALOMÃO, 1999, p. 64). Assim dimensionados, os estudos da Linguística Cognitiva relevam a importância da questão da integração da linguagem às outras habilidades cognitivas, da concepção da Gramática como uma rede de construções erguidas na cultura e dos processos de projeções entre domínios envolvidos na significação.

Dentro desse cenário teórico em que a compreensão do modo de significação da linguagem ganha força, o primeiro tema condutor da Linguística Cognitiva são os processos de conceptualização e categorização, sobre os quais nos debruçamos na próxima seção.

2.2. O resgate do corpo e da imaginação nos processos de conceptualização e categorização

Os pressupostos cognitivistas que fundamentam a compreensão dos processos de conceptualização e categorização podem ser anunciados a partir das seguintes premissas (LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980 [2002], 1999):

- (i) centralidade da experiência na arquitetura de nossos sistemas conceptuais;
- (ii) existências de estruturas pré-conceptuais da experiência (esquemas imagéticos e categorias de níveis básicos);
- (iii) existência de domínios complexos do conhecimento (*frames*) e
- (iv) centralidade das projeções metafóricas e metonímicas.

São esses pontos que abordaremos nesta seção.

Segundo Silva (1997), a Linguística Cognitiva “é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana no mundo” (SILVA, 1997, p. 59). Nesse sentido, as experiências linguísticas passam a ser entendidas como socialmente construídas, ou seja, refletem não apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas, sobretudo, como seres inseridos em um ambiente cultural. Estabelece-se, assim, uma relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência.

A perspectiva anunciada implica pensar os processos de conceptualização e categorização na contramão da tradição filosófica Ocidental. Tal tradição diferencia a espécie humana dos animais pela nossa capacidade de perceber o mundo através da razão, estabelecendo uma dicotomia radical entre concepção e percepção. Assim, estipula uma relação de correspondência direta entre linguagem e mundo (SAMPAIO, 2006). Nessa perspectiva, a linguagem teria a função de rotular as coisas que já existem de maneira pronta e acabada. O mundo se apresentaria categorizado de antemão. Nas palavras dos cognitivistas precursores, Lakoff e Johnson (1980, [2002], p. 323):

O cerne da tradição objetivista em filosofia vem diretamente do mito do objetivismo: o mundo é feito de objetos distintos, com propriedades inerentes e relações fixas entre eles a qualquer instante. Argumentamos, com base nas evidências linguísticas (especialmente a metáfora), que a filosofia objetivista

deixa de explicar a maneira como compreendemos nossa experiência, nossos pensamentos e nossa linguagem

Os estudos da Linguística Cognitiva apontam para outra direção marcadamente influenciada, em princípio, pelas pesquisas de Berlin & Kay (1969) e mais tarde pela de Taylor (1989) acerca da categorização das cores básicas. Esses estudos mostraram que o processo de categorização das cores tem fundamento em nossas bases cognitivo-perceptuais e não se institui em termos de unidades discretas, mas sim, em torno de entidades focais (mais ou menos centrais).

Assim, as categorias não teriam um fundamento objetivo ancorado diretamente na realidade, mas se baseariam nas experiências perceptuais condicionadas pela cultura, história e neurofisiologia do homem. Tal concepção traz para o seio da Linguística Cognitiva um novo conceito de motivação – a construção do significado é pautada e motivada por nossas experiências.

Partindo também dessa dimensão experiencialista, na década de 70, Eleanor Rosch reafirma, de forma experimental, a crítica à visão tradicional e insere a categorização no círculo das capacidades cognitivas essenciais. Para ela, a categorização envolveria as noções de tipicidade e prototipicidade e não a separação das entidades do mundo.

Dessa forma, os estudos supracitados comprovam que o homem categoriza o mundo na tentativa de organizá-lo, mas essa categorização é construída a partir de sua interação física, sensorial e cultural com o ambiente em que ele vive.

É a partir dessa perspectiva e de seus estudos sobre metáfora que Lakoff (1987), descartando as noções de modularidade e autonomia e integrando as noções de mente e corpo, propõe uma abordagem experiencialista da linguagem sustentada, fundamentalmente, por uma base conceptual corporificada (e social) para a cognição humana. Segundo Lakoff (op. cit.), a percepção que temos do mundo perpassa por nossas características e limitações físicas, ou seja, a construção da significação referente ao nosso universo cultural se dá em termos de nossas experiências com o mundo a nossa volta.

Dentro dessa visão integradora de mente e corpo, o linguísta postula que as bases de nossos sistemas conceptuais se estabelecem a partir das experiências mais básicas humanas, pautadas por nosso sistema sensorio-motor. Enfatizar a importância do corpo e das restrições que ele impõe ao modo como experienciamos o mundo implica admitir

a importância da noção de perspectiva no processo de significação e expressão do mundo, dando aos sujeitos da interação papel de destaque nesse processo.

São muitas as evidências que nos levam a considerar fundamentais os nossos sistemas perceptuais e motores no desenvolvimento de diversos tipos de conceitos e de toda vida cognitiva, de modo geral (KOCH & CUNHA-LIMA, 2007, p. 275). Prova disso seria a existência dos Esquemas Imagéticos e das Categorias de Nível Básico, estruturas advindas fundamentalmente de nossas experiências e, por isso, anteriores aos conceitos (LAKOFF & JOHNSON, 1999).

Assim, o processo de conceptualização conta com categorias cognitivas pré-conceptuais instituídas a partir de nossa experiência, que irão moldar nosso pensamento. Essas categorias pré-conceptuais geram padrões básicos que emergem espontaneamente da experiência de nosso corpo no mundo. Essas estruturas se dão a partir de dois tipos básicos de interação corpórea com o mundo: (i) o deslocamento no espaço e (ii) a manipulação de objetos.

Da nossa experiência de deslocamento no espaço emergiriam os chamados esquemas imagéticos, os quais, nas palavras de Johnson (1987, p. 29), seriam “gestalts experienciais minimamente estruturadas que permitem a organização de um número indefinidamente grande de percepções de imagens e eventos”. Os **esquemas imagéticos** são estruturas abstratas e genéricas advindas de experiências sensório-motoras no ambiente. São constituídos através da recorrência e sistematicidade de experiências sensoriais e perceptuais quando interagimos com o mundo a nossa volta (JOHNSON, 1987). Os esquemas imagéticos mais comuns refletem as experiências de percurso, contêiner/conteúdo, parte/todo, ligação, centro/periferia, em cima/embaixo, frente/trás, entre outros.

Desde a infância, o ser humano internaliza, por exemplo, a experiência de mover-se de um lugar para outro. Essa experiência física rotineira consolida-se na mente de forma esquemática, dando origem ao esquema de percurso, cujos elementos estruturais são uma *origem* (ou ponto de partida), um *alvo* (ou ponto de chegada), uma *distância percorrida* (ou uma sequência de locais contíguos que conectam uma origem a um alvo) e uma *direção* (para um alvo).

Das nossas experiências de manipulação de objetos emergiriam as chamadas Categorias de Nível Básico. Essa noção foi proposto por Rosch et al. (1976 apud LAKOFF, 1987) e diz respeito a segmentações do mundo a partir de nossas características sensório-motoras.

Segundo Lakoff, “o nível básico é aquele em que somos capazes de formar imagens mentais detalhadas e sobre o qual temos estruturas mais ricas de conhecimento” (LAKOFF, 1993, p. 212). Assim, podemos dizer que o nível básico ainda permite a identificação da categoria (é possível formar uma imagem mental genérica para carro, mas não para veículo, uma vez que este conceito envolve objetos muito diferentes).

As categorias podem, ainda, ser vistas em diferentes níveis: superordenadas (frutas); categorias de nível básico (maça, banana) e subordenadas (banana nanica, maçã argentina) (CROFT & CRUSE, 2004).

Além da organização hierárquica, as categorias de nível básico foram organizadas por Rosch (1976, apud LAKOFF, 1987) de acordo com seus efeitos de prototipicidade. Assim, uma categoria se institui, de forma radial, em termos de seus elementos mais centrais ou periféricos.

Devido à importância do conceito de efeito de prototipicidade para o nosso trabalho, passamos a tratá-lo, de forma um pouco mais detalhada, na próxima subseção. Sobre a existência de domínios cognitivos complexos ou *frames*, uma premissa anunciada no início desta seção e de substancial relevo em nosso estudo, falaremos na seção 2.3, dedicada à Semântica de *Frames*.

2.2.1. O efeito de prototipicidade

Tradicionalmente, como visto na seção anterior, as categorias eram entendidas como uma espécie de contêineres e as coisas do mundo estavam ou dentro ou fora deles. Para estar dentro, era preciso compartilhar condições necessárias e suficientes, o que corresponde a dizer que cada categoria teria uma essência em si (SALOMÃO, 1999).

Contudo, os trabalhos de Eleanor Rosch, durante a década de 70, ao questionar essa concepção clássica de categorização, suscitam, basicamente, duas questões: (i) se as categorias são definidas apenas por características inerentes a seus membros, elas deveriam ser independentes das peculiaridades dos seres que as categorizam; (ii) se as categorias são definidas apenas por características partilhadas por todos os membros, então nenhum membro pode exemplificar a categoria melhor que outro (LAKOFF, 1987).

O primeiro questionamento já foi discutido na seção anterior e diz respeito à influência de nosso aparato sensório-motor na maneira como categorizamos o mundo.

Já o segundo questionamento, foco da atual seção, traz a tona o fato de que as categorias apresentam exemplares mais representativos, o que chamamos de protótipos.

Assim, através dos trabalhos de Rosch e seus seguidores sobre a categorização de cores, dos frutos, das aves e de outras classes de entidades, a noção tradicional de categorização começou a ser modificada, ao comprovarem que as categorias se organizavam em torno de um protótipo, com membros mais ou menos periféricos.

Dessa maneira, em vez de considerar as categorias como estruturas estáveis e definidas claramente, o modelo de protótipos as concebe como estruturas de **atributos** com diferentes graus de relevância. A relevância dos atributos pode ser graduada na medida em que se aproxima ou se afastam do protótipo – centro cognitivo exemplar. Faz, então, sentido falar-se em diferentes graus de prototipicidade ao invés de um único protótipo.

Em outras palavras, uma categoria vai agrupar membros que apresentem maior ou menos grau de prototipicidade. Tomando, então, a categoria *cavalo*, como exemplo, o *pônei*, mesmo não sendo o protótipo de cavalo, é, sem dúvida, mais prototípico do que um cavalo-marinho ou um cavalinho de brinquedo. Isso porque o pônei apresenta determinados atributos que se aproximam mais dos atributos do cavalo, considerado o elemento mais prototípico.

Ao adotar a noção de atributo, o modelo dos protótipos descarta o emprego clássico de traços ou componentes, que estabeleciam relações binárias entre as entidades. Assim, a existência de membros mais representativos implica na existência de atributos mais centrais que outros. Para Rosch (1976, apud LAKOFF, 1987), o protótipo atua como ponto de referência cognitiva (*cognitive reference point*) para os processos de classificação dos elementos de nossa experiência.

Até aqui essa seção definiu o efeito de prototipia a partir dos trabalhos de Rosch e seus seguidores com categoria simples (Salomão, 1999). Contudo, o que se faz mais relevante para o presente estudo são os efeitos de prototipia na categorização de estruturas complexas, ou seja, aquelas que envolvem os chamados domínios conceptuais ou *frames*⁵. Segundo Lakoff (1987), estruturas categoriais, bem como os efeitos de prototipia, são subprodutos dessa organização, sobre as quais falaremos na próxima seção.

⁵ Na década de 80, os domínios complexos eram nomeados por Lakoff e Johnson como Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Hoje, o rótulo que vigora na Linguística é o de *frames*.

Segundo Kleiber (1991 apud LAKOFF, 1987), a Teoria dos Protótipos e seus princípios possuem um amplo campo de aplicação, pois não só domina toda a semântica lexical, mas também é aplicável a todo fenômeno que implique uma categorização. Decorre daí o nosso interesse por tal teoria, na medida em que nosso estudo de caso implica o reconhecimento de emergência de uma nova categoria simbólica – a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos.

2.3. A Semântica de *Frames*

A Linguística Cognitiva concebe a linguagem como um instrumento cognitivo que tem como função organizar e fixar a experiência humana. Desse modo, os significados só podem ser descritos com base nessas experiências, assim, como no conjunto de conhecimentos dela proveniente. Assim, a Semântica de *Frames* (FILMORE, 1982) tem como premissa fundamental a noção de que os “significados são relativizados às cenas”. Nesse sentido, a semântica de um determinado item linguístico interage com a cena ativada por ele. Em outras palavras, a construção do significado de uma expressão linguística requer processos que ativem a cena conceptual em que ela se insere.

A Semântica de *Frames* pode ser definida como uma abordagem empírica que enfatiza a continuidade entre língua e experiência e se aplica à organização do conhecimento (PETRUCK, 1996). Toma-se, então, como noção central, a noção de *frame* (FILLMORE, 1982, p. 11) como “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender um deles é necessário entender-se toda a estrutura na qual ele se encaixa”. Nesses termos, a introdução de qualquer elemento do esquema conceptual torna os demais cognitivamente disponíveis (embora não necessariamente disponíveis de modo consciente). Essa concepção de *frame* leva a Semântica a lidar com estruturas de conhecimento implícitas (o “conhecimento do mundo”) a partir das quais se operam processos semânticos de inferenciação, como ilustram os exemplos (8) e (9) abaixo⁶:

(8) *A gente está quase chegando: já vamos atracar.*

(9) *A gente está quase chegando: já vamos pousar.*

⁶ Esses exemplos foram inspirados nos exemplos discutidos por Fillmore (1985).

O entendimento dos enunciados acima depende, substancialmente, dos processos de inferenciação invocados pelos verbos em destaque *atracar* e *pousar*. Assim, acessando nosso conhecimento de mundo, facilmente, identificamos que em (8) o meio de transporte é marítimo (atraca-se um navio), enquanto em (9) ele é aéreo (pousa-se um helicóptero). Sem recuperar o contexto conceptual (*conceptual background*) desses dois verbos não é possível estabelecer-se o sentido do enunciado, uma vez que o meio de transporte não está lexicalmente expresso.

Esse contexto conceptual, como vimos, nos é fornecido pela estrutura dos *frames* emergentes de cada um desses verbos. Assim, segundo Gawron (2008), os *frames* são estruturas conceptuais que fornecem contextos para a interpretação de elementos. Explica-se, a partir dessa noção, como nosso entendimento pode ir além do que o texto está dizendo literalmente.

Além da noção de *frame*, outro conceito básico da Semântica de *Frames* é o de Unidade Lexical (UL), definido como o emparelhamento entre um *frame* e uma expressão linguística monolexêmica (*em*) ou polilexêmica (*em frente de*). Assim, para a Semântica de *Frames*, a completa descrição do significado lexical requer a descrição das condições combinatórias da UL, tanto em termos sintáticos quanto em termos semânticos, ou seja, de seus padrões de valências.

Conforme destacou Sampaio (2010), esse seria um dos pontos que, essencialmente, aproximaria a Semântica de *Frames* da abordagem feita pela Gramática das Construções, uma vez que ambas buscam a integração de aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos do fenômeno linguístico. E, dessa forma, são propostas compatíveis e, em muitos aspectos, complementares, como veremos nas abordagens analíticas da nossa construção mórfica.

A noção de Elementos de *Frame* (EF) também é fundamental dentro da abordagem da Semântica de *Frames*, pois são eles que particularizam e podem ser inferidos pelo *frame*, mesmo que não estejam explicitamente lexicalizados. Os EFs são de extrema importância para o estabelecimento de um determinado *frame* e podem ser divididos em dois grandes grupos: os nucleares e os não-nucleares.

Os EFs Nucleares são aqueles considerados imprescindíveis para a conceptualização do *frame*, uma vez que são responsáveis por particularizá-lo e podem ser inferidos pelo *frame*, mesmo que não estejam explicitamente lexicalizados. Já os EFs Não-nucleares são aqueles que atribuem características adicionais ao evento

principal. Esse tipo de EF pode acrescentar características genéricas – geralmente, informações adicionais de modo, lugar, finalidade ou tempo – sendo denominados EFs Periféricos; ou, então, pode ter a propriedade de se combinar com muitos *frames*, constituindo um acervo (não exaustivo) de possíveis relações semânticas, ou ainda, incluir outro *frame* em seu escopo, sendo, assim denominados de EF Extra-temático. Na próxima subseção, ilustramos, através do *frame* de Relacionamento Pessoal, tipos de EFs acima descrito.

Por fim, o último conceito básico que iremos destacar nesta seção é o de **perfilamento**, também relevante para uma Semântica de *frames* e para as análises que serão empreendidas nesta dissertação. De modo geral, o mecanismo de perfilamento corresponde à habilidade cognitiva básica de se deslocar a atenção de um aspecto para o outro dentro de um esquema. Assim, Geeraerts (1993 apud SILVA, 1997) define esse conceito através da metáfora do holofote: “o sentido é o espaço semântico iluminado pelo holofote que, a medida que se desloca, foca diferentes espaços” (GEERAERTS, 1993 apud SILVA, 1997, p. 63).

Por fim, cabe considerar a contribuição substantiva que a abordagem de domínios conceptuais complexos imposta pela Semântica de *Frames* vem trazendo para o campo da lexicografia ao organizar itens lexicais como estruturas de conhecimento em rede (rede de *frames*). O empreendimento do projeto lexicográfico da *Framenet* é um exemplo disto. A natureza deste projeto e sua contribuição para os estudos da significação passam a tema de nossa próxima subseção.

2.3.1. O empreendimento da *Framenet*

A *Framenet*, um projeto lexicográfico computacional, constituiu-se, fundamentalmente, como fruto dos estudos acerca da Semântica de *Frames*. Coordenado por Charles J. Fillmore e Collin F. Baker, da Universidade de Berkeley, na Califórnia, tem como objetivos principais:

- (i) Descrever a valência sintática da UL-alvo;
- (ii) Capturar os requisitos gramaticais que prevalecem para as UL-alvos, inclusive os constituintes fora da localidade sintática, constituintes relativizados ou extrapostos;
- (iii) Anotar sintaticamente os EFs Nucleares, Periféricos e Extra-Temáticos.

Diferentemente dos dicionários tradicionais, que simplesmente definem, sucintamente, os lexemas, e de outras abordagens do léxico, como a WordNet e os chamado *thesauri*, que se preocupam com as relações lexicais como sinonímia, antonímia, hiperonímia, acarretamento e etc., a *Framenet*, em particular, busca, segundo Fillmore (2008a apud SALOMÃO, 2009c, p. 174) construir um léxico “(i) que seja baseado em evidências extraídas de corpus; (ii) com unidades lexicais que estejam associadas ao *frame* que evocam e (iii) que documente as propriedades combinatórias de cada uma destas unidades lexicais através de sua anotação”

O projeto *Framenet* vem desenvolvendo na internet uma plataforma onde é possível pesquisar-se o acervo de *frames* e Unidades Lexicais descritos para o Inglês. Também está disponível a visualização das relações estabelecidas entre os *frames* que constituem uma rede conceptual inter-relacionada. O *frame* de Relacionamento_pessoal/*Personal_relationship* ilustra o modo como os *frames* aparecem descritos neste projeto:

Personal_relationship

Definition:

The words in this *frame* have to do with people and the personal Relationships they are or can be a part of. Some of the words denote people engaged in a particular kind of Relationship, others denote the Relationship, yet others the events bringing about or ending the Relationships. Many of the words presuppose an understanding of states and events that must have occurred before another event takes place or before a person can be classified in a certain way.

FES:

Core:

Partner_1 [Partner_1]

Requires: Partner_2

Excludes: Partners

That partner in the Relationship who is realized as the subject of verbs in active form sentences, or of adjectives in predicative uses.

John is MARRIED to Sue.

John is Sue's HUSBAND.

When the target word is a noun (e.g. mistress, lover, bachelor), that noun is annotated as Partner_1 and, if there is one, the other member of the Relationship is Partner_2.

George is a BACHELOR.

	George's MISTRESS left the party.
	George has a MISTRESS.
	When there is a word other than the target that refers to Partner 1, that word is tagged rather than the target.
	George is Laura's LOVER.
Partner 2 [Partner 2] Requires: Partner_1 Excludes: Partners	That partner in the Relationship who is not expressed as the external argument. John is Sue's HUSBAND.
	John is ENGAGED to Joan.
Partners []	The joint construal of both Partners in the Relationship. John and Sue are MARRIED.
	They are ENGAGED.
Non-Core: Degree [Degr] Semantic Type: Degree	Degree to which event occurs
Depictive [Dep]	Depictive phrase describing the Partners.
Duration [] Semantic Type: Duration	The length of the relationship. I'd like you to meet my long-time FRIEND.
Manner [Mann] Semantic Type: Manner	Manner of performing an action
Means [Means] Semantic Type: State_of_affairs	An act whereby a focal participant achieves an action indicated by the target. He BEFRIENDED her by staying after to talk every day.
Relationship [rel]	The Relationship between Partners. His wanderings caused the BREAK-UP of their marriage.

Source_of_relationship [Src]

The source of the relationship.

Have you seen my old High School BUDDY Johnathan Rich lately?

Frame-frame Relations:

Inherits from:
Is Inherited by:
Perspective on:
Is Perspectivized in:
Uses: [Relation between individuals](#)
Is Used by:
Subframe of:
Has Subframe(s):
Precedes:
Is Preceded by:
Is Inchoative of:
Is Causative of:
See also:

Lexical Units:

adultery.n, affair.n, affianced.a, amigo.n, bachelor.n, beau.n, befriend.v, betrothed.a, betrothed.n, boyfriend.n, break-up.n, buddy.n, chum.n, cobbler.n, cohabit.v, cohabitation.n, companion.n, couple.n, court.v, crush.n, date.v, divorced.a, divorcee.n, engaged.a, engagement.n, estranged.a, familiar.a, friend.n, friendship.n, girlfriend.n, husband.n, innamorata.n, lover.n, marital.a, marriage.n, married.a, mate.n, mistress.n, moll.n, pal.n, paramour.n, partner.n, romance.n, seeing.v, significant other.n, single.a, sleep_(with).v, spinster.n, spousal.a, spouse.n, sugar_daddy.n, suitor.n, widow.n, widow.v, widowed.a, widower.n, wife.n

Created by 605 on 04/30/2001 12:55:11 PDT Mon

Em primeiro lugar temos acesso a uma pequena definição do *frame* o que nos permite ter uma noção geral da cena que ele descreve, seguida por uma definição dos EFs nucleares e não-nucleares. Nosso exemplo, o *frame* de Relacionamento_pessoal, abrange as pessoas e seus relacionamentos íntimos e pessoais. Esse *frame* se define basicamente por três EFs nucleares: Parceiro_1, Parceiro_2 e Parceiros. Desse modo, podem-se citar *noivo*, *casamento*, *solteiríssimo*, *amizade* como exemplos de ULs que pertencem ao *frame* de Relacionamento_Pessoal.

Essa plataforma pode ser acessada pelo site <http://framenet.icsi.berkeley.edu/> e disponibiliza, como identificado em sua página inicial, até o momento, mais de 11.600 Unidades Lexicais, das quais quase 7.000 já estão completamente anotadas, em mais de 960 *frames*, exemplificados em mais de 150.000 sentenças anotadas.

O empreendimento da *Framenet*, como dito anteriormente, teve origem nos Estados Unidos, contudo, vem servindo de base para o desenvolvimento de recursos semelhantes para o Espanhol (<http://gemini.uab.es:9080/SFNsite>), o Alemão (<http://www.laits.utexas.edu/gframenet/>), o Chinês e o Japonês (<http://jfn.st.hc.keio.ac.jp/>), e, agora, também para o Português - o Projeto *Framenet* Brasil. Desenvolvida na Universidade Federal de Juiz de Fora sob orientação da Professora Doutora Maria Margarida Martins Salomão, a *Framenet* Brasil, ainda que em processo de implantação, já pode ser acessada através do endereço <http://www.framenetbr.ufjf.br/> onde informações sobre corpus, dados, artigos são disponibilizadas.

2.4. A Gramática das Construções

A presente seção busca descrever a teoria da Gramática das Construções (GrC), vista pelos cognitivistas, fundamentalmente, como um modelo alternativo para uma abordagem sociocognitiva dos fenômenos sintáticos, sejam eles centrais ou periféricos. Por outro lado, dada a premissa da continuidade essencial entre Sintaxe e Léxico (cf. seção 2.1) sustentada por este paradigma, a transposição deste modelo construcionista para o campo do Léxico, da Morfologia parece ser uma tarefa prevista, mas ainda por se cumprir. E é justamente esta a tarefa que buscamos enfrentar, ainda que de modo iniciante, em nosso projeto investigativo. De fato, temos como objeto uma expressão mórfica “periférica” – tida pela tradição formalista como uma idiossincrasia ou uma agramaticalidade do sistema – que estamos postulando como uma construção do Português – a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo. Assim, os pressupostos da Gramática das Construções, fundamentados em um modelo sociocognitivo e construcionista da linguagem, são, seguramente, uma abordagem teoricamente rica e abrangente para a descrição e para possíveis explicações acerca de nosso objeto.

Na presente seção apresentamos os fundamentos da abordagem construcionista, assumindo, fundamentalmente, o recorte teórico proposto pelos estudos de Goldberg (1995, 2006).

2.4.1. Sobre a motivação do modelo – a questão do tratamento da composicionalidade

A preocupação em se dar aos idiomatismos (como é o caso nossa construção: *solteiríssimo, dentríssimo, formadíssimo, compradíssimo*) um espaço dentro do conhecimento linguístico de um falante, presente nos estudos precursores de Lakoff (1987) Fillmore, Kay, O'Connor (1988), constituiu-se como o gatilho propulsor do programa construcionista para a abordagem da gramática. Nesse sentido, a GrC surgiu, em primeira mão, como resposta ao modelo de conhecimento gramatical proposto pelas várias versões da Gramática Gerativa, onde os idiomas sempre foram deixados à margem do sistema linguístico, como meras idiossincrasias.

Para Croft & Cruse (2004, p. 225 a 256), o modelo construcionista da gramática se contrapõe à Gramática Gerativa nos termos que passamos a sumariar.

Para a Gramática Gerativa o conhecimento linguístico é organizado em componentes que governam propriedades do mesmo tipo. Cada tipo de conhecimento linguístico é separado em seu próprio componente, dando-lhe autonomia, o que significa dizer que cada um dos componentes – fonológico, sintático e semântico – é gerado isoladamente. O Léxico, por sua vez, é pensado em termos de uma unidade básica da combinação sintática, i.e., os itens lexicais combinam informações dos diferentes componentes, perpassando, por isso, todos eles.

O modelo componencial, proposto pela Gramática Gerativa, postula, como dito anteriormente, a autonomia de seus componentes. Assim, os componentes gramaticais são associados através de regras de ligações, que projetam um componente no outro, estabelecendo um elo entre eles. Esses elos de ligação são constituídos de regras gerais aplicáveis a todas as sentenças de uma língua.

A figura abaixo, retirada de Croft & Cruse (2004, p. 227), representa o modelo componencial com seus componentes isolados e regras de ligações externas.

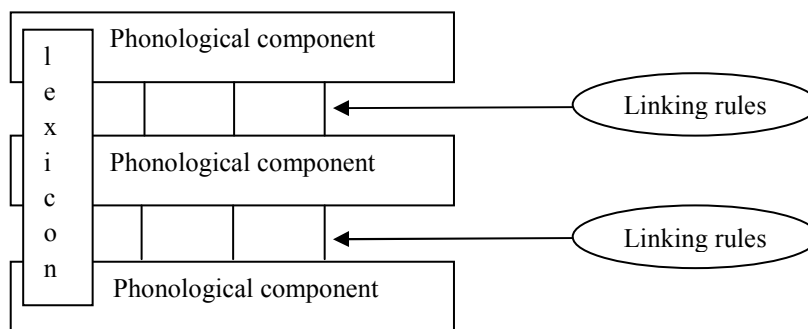


Figura 27: Modelo de organização do conhecimento gramatical das teorias sintáticas

Dentro da perspectiva dos modelos componenciais, as frases e as sentenças de uma língua são governadas por regras altamente gerais do componente sintático e por sua contraparte nos componentes semântico e fonológico. Por outro lado, as palavras representam uma união de forma (fonológica e sintática) e sentido totalmente arbitrária, uma vez que não envolvem as chamadas regras de ligações. Assim, considerando a generalidade da sintaxe, os aspectos idiossincráticos da gramática seriam exclusividade do componente lexical, tido como o território dos “fora da lei”.

Assim, como já explicitamos, a concepção de gramática anunciada não dá espaço para se lidar, de forma sistemática e organizada, com os idiomatismos. A crença na autonomia dos módulos serve de barreira para a explicação desses idiomas, uma vez que sua explicação requer a inclusão de informações de múltiplos componentes ao mesmo tempo e que não podem ser previstos por regras gerais dos componentes sintáticos e semântico. Com isso, um grande número de fenômenos, constitutivos do repertório dos diferentes sistemas linguísticos, foi deixado de lado. De fato, a “diferença não faz diferença” neste modo de pensar a linguagem.

Foi, portanto, dentro deste contexto que o paradigma construcionista se instaurou, buscando repensar, teórica e metodologicamente, o tratamento da gramática. O caráter simbólico, da GrC veio a ser o principal divisor de águas. Assim, as relações de correspondência entre forma e sentido, representadas no modelo gerativista por regras de ligações externas e gerais, vão ser tratadas, no modelo da GrC, como relações de correspondências chamadas de links/elos simbólicos. Esses elos simbólicos são internos à construção como podemos ver na figura abaixo retirada de Croft & Cruse (2004, p. 258):

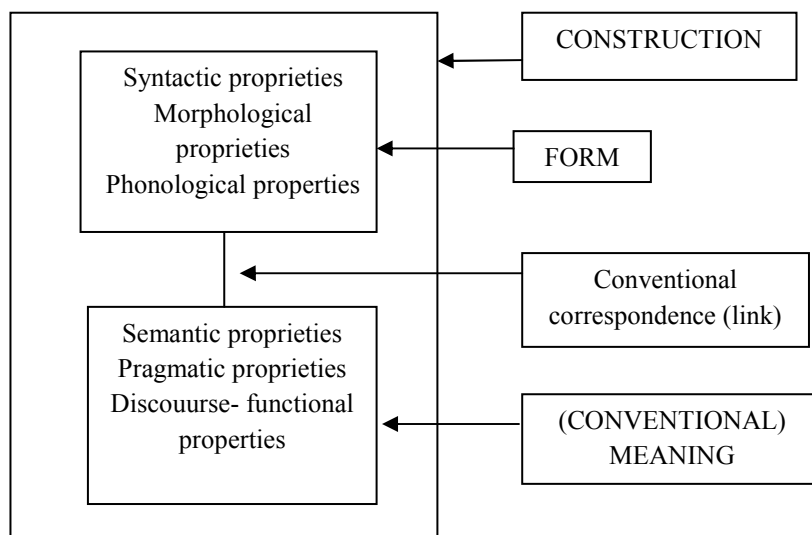


Figura 28: Estrutura simbólica da construção

A GrC tem, pois, como princípio fundamental, o caráter simbólico das unidades gramaticais ou sintáticas. A forma básica de uma estrutura sintática é uma construção – um pareamento de uma estrutura gramatical complexa com seu significado (CROFT, 2007). No entanto, a dimensão holística e não-modularista do paradigma sociocognitivo e construcionista que sustenta tal modelo trouxe, de imediato, uma visão mais ampla e uniforme de construção de modo a se envolver todo o conhecimento linguístico – da sintaxe à morfologia e ao léxico; do centro à periferia do sistema.

A mudança promovida pelo modelo da GrC significa, portanto, uma revisão acerca do tratamento estritamente composicional dos processos de integração formal e conceptual. Nesse sentido uma Hipótese Fraca da Composicionalidade ganha espaço – o todo não corresponde à soma das partes que o integram, ou seja, não se chega ao significado, seja de uma sentença, seja de uma palavra, seja de um morfema através da simples concatenação dos itens linguísticos (lexicais ou morfológicos). Para se compreender um enunciado é preciso que se considere mais que a forma, mais que os itens linguísticos; é imprescindível que possamos recuperar seu valor simbólico dentro do jogo semântico e discursivo a que se vincula, de modo estável e a um só tempo flexível, naquela língua.

2.4.2. As hipóteses nucleares do empreendimento construcionista

O empreendimento construcionista vem atraindo um grande número de adesões sem, contudo, estabelecer uma unidade política (SALOMÃO, 2009b). Entretanto, todas

as vertentes da Gramática das Construções (GrC) buscam tratar TODAS as construções de uma língua, das centrais às periféricas, dentro de um rigor teórico e formal. Assim, apesar das consideráveis divergências, as diferentes versões da GrC – Gramática das Construções Unificada (Fillmore, Kay, O'Connor); Gramática Cognitiva (Langacker); Gramática das Construções Radical (Croft) e Gramática das Construções Cognitivas (Lakoff, Goldberg) – compartilham alguns pontos de convergência dentre os quais Salomão (2009b) destaca os seguintes:

- i) Construções são pares de forma e sentido;
- ii) Construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico;
- iii) A gramática é uma rede de construções.

Passamos à apresentação desses pontos de convergência.

i) Construções são pares de forma e sentido.

O primeiro ponto do consenso define o conceito fundador da perspectiva construcionista: a noção de construção. Segundo Lakoff (1987) uma construção é “um par forma-sentido (F, S), em que F é um conjunto de condições da forma sintática e fonológica; S, um conjunto de condições de significado e uso”.

Nesse sentido, o conhecimento linguístico do falante é articulado em de dois polos: (i) o polo da **forma**, que abrange as dimensões fônicas e morfossintáticas do significante e (ii) o polo da **significação** que envolve as dimensões conceptual e discursiva (MIRANDA, 2008b). Dito de outro modo, construções articulam, por meio de elos simbólicos (CROFT E CRUSE, 2004), as dimensões físicas do significante (expressão fônica ou outras semioses como os gestos) e suas informações acerca da classe sintática dos constituintes, suas relações de hierarquia e dependência (polo formal) com seus vínculos pré e pós-conceptuais e as implicações contextuais e pragmáticas que o item linguístico adquire no jogo interacional (polo de significação) (SALOMÃO, 2009b, p. 42 - 43).

Além do padrão simbólico, Goldberg (1995) também define a construção em termos das propriedades que a compõem. De acordo com a autora, uma construção diferente existe se uma ou mais de suas propriedades forem específicas dessa construção e não predizíveis de outra já existente na gramática. Assim:

C é uma CONSTRUÇÃO se C for um par de forma-sentido $\langle F_i S_i \rangle$ em que algum aspecto de F_i ou de S_i não for estritamente previsível das partes dos componentes de C ou de outra construção previamente estabelecida. (GOLDBERG, 1995, p. 4)⁷

Nesse sentido, para ser considerado uma construção, o item lexical deve apresentar algum aspecto de sua forma ou de seu significado que não seja estritamente predizível das propriedades de seus componentes ou de outra construção já existente (GOLDBERG, 1995, p. 4). No que tange ao significado, isso quer dizer que *a construção tem significado independente das palavras que concretamente a instanciam*.

ii) Construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico.

Levando em consideração o conceito de construção, o segundo ponto de consenso dimensiona a concepção construcionista acerca do sistema linguístico. O conceito de *construção* como um símbolo ou um signo traz mudanças significativas não só no tratamento dos itens linguísticos, mas na própria fundamentação do que seria a gramática de uma língua, como já discutido, em parte, à subseção 2.4.1.

Um ponto crucial nessa mudança consiste, pois, na visão da construção como unidade básica da linguagem (GOLDBERG, 1995, p. 4). A partir daí, fenômenos linguísticos, desde os mais idiossincráticos até os mais gerais recebem o mesmo tratamento; todas as unidades linguísticas, em todos os níveis, têm um formato único de descrição, adquirindo contornos construcionais.

Interessa-nos, em especial, dada a natureza mórfica (Morfologia Derivacional) de nosso objeto investigativo, a extensão deste conceito ao campo da Morfologia.

Goldberg (1995, p. 4), ao falar da construção como unidade básica da linguagem, propõe, explicitamente, a consideração dos morfemas como instâncias de construções, defendendo um tratamento igualitário do Léxico em relação aos demais níveis gramaticais. Nas palavras da autora:

⁷ C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions.

(...) os morfemas são, claramente, instâncias de construções, na medida em que são pares de sentido e forma que não são previsíveis de nada além (SAUSSURRE, 1916). Como consequência dessa definição, o léxico não se define de modo distinto do resto da gramática. (GOLDBERG, 1995, p. 4)⁸

Portanto, para a autora, o Léxico não é visto como um quadro desestruturado de entidades independentes, mas sim como uma grade de informações altamente relacionadas (GOLDBERG, 1995, p. 5).

Nos mesmos termos, Salomão (2009b, p. 39) afirma:

Além dessas formações, sintaticamente complexas, também definem-se como Construções do Português as diversas flexões verbais e nominais, regulares e irregulares, todas as unidades na área de conhecimento tradicionalmente designada Morfologia Flexional e todas as unidades na área de conhecimento tradicionalmente designada Morfologia Derivacional (tanto formações prefixais, como composições multilexicais). (SALOMÃO, 2009b, p. 39)

Dentro da visão apresentada, são, pois, exemplos de construções do Português os morfemas (*pagod+eiro*, *solteir+íssimo*), as palavras simples (*a*, *bela*, *casa*) ou complexas (*óculos de sol*), as expressões idiomáticas fechadas (*sua batata está assando*), semi-abertos (*X que nem Y – forte que nem um touro*), ou mais abstratos (*Construção Causativa Agentiva – Suj V Obj*).

Corroborando para tal perspectiva holística do sistema linguístico o conceito de Léxico proposto por Jackendoff (2002). Vale um pequeno espaço para referenciar, ainda que de modo muito abreviado, este estudo. O autor propõe uma noção de Léxico mais integrada aos componentes gramaticais dentro de um modelo em que a gramática é gerada por múltiplas fontes que, de modo paralelo, combinam seus subcomponentes a fim de formar um dado item lexical. Trata-se de sua Hipótese da Arquitetura Paralela que dá novos contornos ao Léxico, passando a concebê-lo como lugar do conhecimento linguístico.

Para tanto, o autor sugere uma nova unidade de análise que abrange construções de diferentes tamanhos – o item lexical. Distingue-se, pois, a noção de **palavras** (padrão fônico, dicionarizável que possui um padrão gramatical, como N, V, A, P, C, F etc.) e de **item lexical** (unidade armazenada na memória de longo-termo, que pode ser maior ou menor que uma palavra). Assim, a noção de item lexical abarca desde afixos (*x-íssimo*) e expressões idiomáticas (*quebrar o galho*) até formulas interacionais (*De*

⁸ (...) morphemes are clear instances of constructions in that they are pairing of meaning and form that are not predictable from anything else (Saussure, 1916). It is a consequence of this definition that lexicon is not neatly differentiated from the rest of grammar.

nada!), marcadores discursivos (*Por falar nisso...*) e os próprios gêneros discursivos (*carta, piada*).

A hipótese apresentada por Jackendoff (2002) acerca da arquitetura paralela da linguagem dá novas proporções principalmente ao Léxico. Nesse sentido, o Léxico e, mais especificamente, a Morfologia são concebidos como níveis linguísticos integrados ao sistema gramatical e, de modo convergente com o paradigma construcionista, como provedores de padrões construcionais essenciais ao uso linguístico. Nesses termos, a proposição de uma construção no nível mórfico tem endosso explícito não só dos construcionistas, como também do conceito de Léxico proposto por Jackendoff.

iii) A gramática é uma rede de construções.

Sendo a construção a unidade básica da linguagem, a gramática, como expressão do conhecimento linguístico, passa a ser, por consequência, o conjunto de TODAS as construções de uma determinada língua - terceiro ponto de consenso. Dessa forma, os construcionistas deixam de pensar a gramática em termos de geração de sequências formais, para pensá-la em termos de um repertório de construções vinculadas radialmente por relação de herança (SALOMÃO, 2009b). Ou seja, a gramática de uma determinada língua é uma grande rede de construções, que abrange desde os níveis mais simples até os mais complexos.

Nesses termos, o conhecimento linguístico dos falantes não é uma lista aleatória de itens e regras, pelo contrário, é um conjunto de construções relacionados entre si, distribuídas em forma de redes a partir de uma base construcional comum.

Contudo, a concepção dos laços de heranças existentes entre as construções não é um consenso entre as principais versões da GrC. Para a nossa análise tomaremos a noção de herança implementada por Goldberg e Lakoff, que acreditam que as redes construcionais são *organizadas radialmente* ou *by default* (SALOMÃO, 2009b, p.51)

Essa perspectiva de herança abraça as principais convicções da Linguística Cognitiva, no que se refere aos processos de categorização, dando às redes construcionais uma organização radial em torno de uma *Construção Base*, centro da rede, de onde se irradiam outras construções em direção à periferia (MIRANDA, 2008b, p. 22). Isso quer dizer que há elos de herança, semânticos e formais, entre construções relacionadas, que permitem que sejam colocadas dentro de uma mesma rede construcional. Este é um ponto defendido e evidenciado em nossas análises em que uma

herança se impõe da Construção Superlativa Nominal Canônica para a nossa Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos.

Dentro dessa perspectiva, Goldberg (1995) propõe quatro tipos laços de herança:

- (i) **herança por polissemia** – quando uma construção estende o significado da construção-mãe;
- (ii) **herança por subparte** – quando uma construção se configura como parte da construção-mãe;
- (iii) **herança por instanciiação** – quando uma construção se configura como um caso da construção-mãe;
- (iv) **herança por metáfora** – quando a construção é motivada como uma projeção metafórica da construção-mãe.

2.4.3. A Gramática das Construções como um Modelo Baseado no Uso

A abordagem construcionista da linguagem acaba, por fim, por imprimir um recorte epistemológico que confere ao USO papel fundamental na emergência e constituição da Gramática e do Léxico de uma língua (MIRANDA, 2008b).

É a partir desse enfoque que a GrC se configura como um Modelo Baseado no Uso. Nesse enquadre, o uso gramatical determina, fundamentalmente, as representações gramaticais. Especificamente, a frequência de uso e a similaridade da forma e sentido são fatores determinantes para a estruturação do conhecimento gramatical. Dito de outro modo, ao contrário da tradição formalista de representação da gramática, que distinguia as formas como *regulares* ou *irregulares*, a representação gramatical, dentro da Concepção dos Modelos de Uso, é determinada pelos modos de expressão na comunicação. Ou seja, a arquitetura cognitiva da gramática se codifica no uso. Assim, a gramática de uma língua é concebida como uma rede de construções erguida na cultura através do uso e o conhecimento linguístico do falante, nos mesmos termos, consiste em uma rede de símbolos (MIRANDA, op. cit.). Nesses termos, para se apreender a real natureza desse conhecimento é preciso que o sujeito (na ontogênese ou na sociogênese) participe, necessariamente, das molduras interacionais em que tal rede de construções emerge e se consolida (TOMASELLO, 2003). De tudo isto resulta a afirmação da **diversidade** como parâmetro nuclear da gramática.

Duas hipóteses fundamentais (CROFT, 2007, p. 499-500) definidores desse modelo interessam, de perto, às nossas análises:

- (i) O armazenamento da forma de uma palavra, regular ou irregular, é função da sua frequência de ocorrência;
- (ii) A produtividade de um esquema é função da frequência de tipo instanciada pelo esquema.

As hipóteses anunciadas remetem aos métodos empíricos de análise impostos aos estudos linguísticos do uso. Assim, os Modelos Baseados no Uso operam com duas propriedades fundamentais: a frequência de ocorrência (*token*) e a frequência de tipo (*type*). A frequência de ocorrência diz respeito à repetição de determinada construção. Na medida em que ela se reitera na língua, seu grau de convencionalização se torna maior. Nesse sentido, a noção de frequência de ocorrência se relaciona com a noção de convencionalização da construção.

Já a frequência de tipo diz respeito às diferentes formas linguísticas que são consideradas instâncias de uma construção particular. Desse modo, a frequência de tipo se relaciona à produtividade de uma construção, ou seja, quanto maior o número de tipos, mais produtiva é a construção.

Dentro da perspectiva dos *Modelos de Uso* a rede construcional de uma língua se organiza em forma de um sistema hierárquico radialmente constituído de construções com diferentes níveis de esquematicidade (GOLDBERG, 1995). Assim, dispostas em um continuum, as construções, em termos de esquematicidade, podem se apresentar como (MIRANDA, 2008b, p. 22):

- (i) **Macro-construções** – construções mais esquemáticas, com um significado independente do preenchimento lexical (construções transitivas, construções partitivas, etc.);
- (ii) **Meso-construções** ou construções semi-abertas – construções que correspondem a um padrão similar na instanciação, são parcialmente preenchidas (A Construção Concessiva com *nem que* - [S1[nãoP] *nem que* S2[Q]] – *Não vou nem que me mate*);
- (iii) **Micro-construções** – construções concretamente instanciadas (*E daqui não saio nem que me empurrem* (Corpora NILC);

- (iv) **Idiomas cristalizados** ou construções fechadas – construções que já apresentam um padrão inteiramente preenchido lexicalmente (expressões idiomáticas como *quem corre, cansa, bom dia, até já*).

Segundo Croft & Cruse (2004), ancorados no uso, processos intuitivos de abstração e organização nos permitem armazenar modelos de representação gramatical capazes de acomodar tanto padrões idiossincráticos – tradicionalmente relegados à periferia dos estudos linguísticos (idiomas cristalizados) – quanto padrões mais gerais de comportamento linguístico (macro e meso-construções). Salomão (2009a) destaca ainda que esse tratamento das idiossincrasias, tal qual o do significado, estabelece a definitiva ruptura da Linguística Cognitiva com a Linguística Gerativa de Chomsky.

As próximas seções têm como foco os conceitos de *Mismatch*/ Desencontro (2.5) e de polaridades semântico-pragmáticas (2.6), dois constructos específicos e fundamentais a nossas análises.

2.5. O Fenômeno do *Mismatch*

Como temos visto ao longo deste capítulo, o elo simbólico entre forma e significado na rede de construções da gramática ou do léxico de uma língua ultrapassa os limites de simples regras gerais de combinação. Desvelar os mapeamentos “rebeldes” do sistema, sem tratá-los como meras exceções, tem sido, como vimos em seções anteriores, uma meta analítica do programa sociocognitivista e construcionista. É nesse sentido que o conceito de *mismatch* ou desencontro⁹ tem sido usado, para descrever um conjunto de fenômenos linguísticos que envolvem elementos ou estruturas (aparentemente) incongruentes (FRANCIS & MICHAELIS, 2000). Essa incongruência é resultado de um mapeamento da relação entre forma e função das construções, considerado os padrões mais gerais de correspondência na linguagem (TRAUGOTT, 2007). Nesse sentido, temos construções harmônicas que vão estabelecer as condições típicas, ou defaults, que servirão de base para a identificação das construções desencontradas.

Traugott (2007) usa os modificadores de grau da língua inglesa para ilustrar a diferença existente entre construções harmônicas e desencontradas. A autora distingue

⁹ Tradução feita por SAMPAIO, 2010, p.47

dois tipos de operadores de grau, os **intensificadores** e os **maximizadores**. Os intensificadores projetam o seu núcleo em uma escala e, a partir de um ponto estabelecido, o localizam para cima (*muito*) ou para baixo (*pouco*). Já os maximizadores colocam seu núcleo no topo de uma escala (*completamente/ totalmente*). Os maximizadores e os intensificadores ainda se distinguem quanto ao tipo de núcleo com que se relacionam. Enquanto os intensificadores combinam-se, harmoniosamente, com núcleos graduáveis ou ilimitados, como exemplificado em (10), os maximizadores juntam-se com núcleos não-graduáveis ou delimitados, exemplificado em (11).

- (10) Hoje foi divulgado mais um cartaz, aliás **muito bonito** , do filme “Avatar“, de James Cameron.

www.pipocablog.pop.com.br/.../confira-um-novo-e-muito-bonito-cartaz-de-avatar

- (11) Apostila Grátis: Apostilas e Cursos **totalmente grátis!** Serviço de utilidade pública!

www.apostilagratias.com/

O que as sentenças acima demonstram são as relações harmônicas entre os modificadores de grau e seus núcleos. Assim, em (10), temos um intensificador e um núcleo graduável (*muito bonito*) e, em (11), temos um maximizador e um núcleo não-graduável (*totalmente grátis*). Contudo, Traugott (2007) observou que há, no uso linguístico, outras combinações possíveis que misturam maximizadores com núcleos graduáveis, como em (12) e intensificadores com núcleos não graduáveis, como em (13). Os exemplos abaixo seriam evidências da ocorrência do mismatch:

- (12) Ela é **completamente bonita** , da cabeça aos pés!

http://forum.jogos.uol.com.br/as-mulezinha-mais-gatas-do-vt_t_1269818?page=2

- (13) Dezenas de papéis de parede **muito grátis** para celular e computador pc.

www.papeldeparedede.etc.br/fotos/muito/

De um modo geral, o fenômeno do *mismatch* evidencia que a gramática constitui-se a partir de diferentes níveis de representação, uma vez que são licenciadas incompatibilidades evidentes entre elementos ou categorias de nível diferentes (FRANCIS & MICHAELIS, 2000). A Sintaxe e a Semântica estariam, pois, distribuídas na gramática de forma paralela e uma análise de um *mismatch* sintático-semântico não

necessitaria nenhum nível extra de estrutura sintática (d-structure), nenhuma categoria vazia ou qualquer tipo de movimento, contrariando a concepção derivacional da gramática gerativa.

Dessa forma, como afirma Traugott (2006), a Sintaxe e a Semântica podem mudar independentemente uma da outra, ocasionando o que estamos chamando de *mismatch*/ desencontro. Ou seja, a mudança semântica pode ocorrer na ausência de mudança sintática, levando a casos de "incompatibilidade" entre sintaxe e semântica. Traugott (2007) também destaca o processo de subjetificação em construções desencontradas. Assim, as novas construções tornam-se mais próximas dos enunciadores, uma vez que deixam mais aparentes suas crenças e as atitudes (TRAUGOTT, 2006).

De modo geral, nos casos de *mismatch*, as propriedades sintáticas de uma categoria são associadas a propriedades semânticas de uma categoria diferente, surgindo categorias com propriedades mistas. Assim, através de processos de reanálises, uma determinada propriedade sintática de uma categoria se associa a propriedades semânticas mais típicas de uma categoria diferente.

Segundo Lakoff (1987) e Goldberg (1995, p. 69 - 72), utilizar o que já é familiar na gramática é uma estratégia bastante comum nas línguas, de um modo geral e é um uso bastante eficiente de nossos recursos cognitivos. Se, como postula a Gramática das Construções, a gramática de uma língua consiste em polos paralelos e autônomos, tomar mão de categorias já existentes para criar novos sentidos é uma estratégia muito mais econômica do que criar categorias completamente novas.

Diante disso, estudiosos da mudança linguística têm se interessado, cada vez mais, pelo fenômeno do *mismatch*, atribuindo a ele papel fundamental nos processos de gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 2003). De fato, o que ocorre é que os casos de *mismatch* resultam de um arranjo não-usual das propriedades gramaticais, dessa forma, a gramaticalização lança mão de categorias gramaticais já existentes para criar novas construções.

Assim, os Desencontros, não criam incongruências semânticas, mas atuam no discurso como gatilhos para um ajuste de interpretação, fazendo emergir novas construções, com novas funções dentro do sistema linguístico. Este é o fenômeno que buscaremos demonstrar em nossas análises – a CSSEA é um caso de Desencontro entre um item lexical que expressa estado absoluto (casado) e um morfema derivacional que imprime uma gradação superlativa (-íssimo/a).

2.6. As polaridades semântico-pragmáticas

A Polaridade, a primeira vista, parece ser uma relação simples e simétrica – termos igualmente opostos, ou seja, um termo não pode ser mais oposto que o outro. Contudo, a gramática das polaridades se coloca como um paradoxo, uma vez que, nas línguas naturais, as relações polares são fortemente marcadas por assimetrias e os opostos quase nunca são iguais (ISRAEL, 2004). Há, portanto, na língua, um constante desequilíbrio entre itens polares, o que nem sempre permite que se faça uma correspondência entre eles, principalmente quando levamos em conta questões pragmáticas.

Para Israel (2004, p. 1), a polaridade é “uma relação entre oposições semânticas – entre sentidos (ou expressões que denotem sentidos) que são fundamentalmente incompatíveis entre si”. Assim, as relações polares envolvem não só as relações lógicas de proposições negativas e positivas, mas também as relações conceptuais que definem tanto os pares contrários, tais como quente-frio, bom-ruim, quanto relações entre argumentos favoráveis e desfavoráveis a uma conclusão.

Basicamente, Israel (2004) distingue três tipos de oposição polar – a oposição por **contradição** (*contradiction*), a oposição por **contrário** (*contraeity*) e a **reversão** (*reversal*). Segundo o autor, todos os três tipos de oposição são proeminentes na linguagem natural e na cognição humana de modo geral.

A **contradição** é o mais fundamental dos tipos de oposição. É uma relação binária, em que um termo precisa ser falso para que o outro seja verdadeiro, assim, as polaridades contraditórias esgotam um determinado domínio em termos de seus valores semânticos. As frases *Sally sorriu* e *Sally não sorriu* expressam uma polaridade contraditória entre uma negativa e sua expressão não marcada, porque ou você está sorrindo ou você não está. No plano lexical a contradição se dá em relações como *solteiro - casado*, *aprovado - reprovado*, *vivo - morto*, *empregado - desempregado* que definem o núcleo lexical da Construção Superlativa de Estados Absolutos.

Contudo, a maioria dos domínios conceptuais lida com mais de dois valores possíveis. Nesses casos, as entidades estão em uma polaridade **contrária**. Tal oposição não permite que as duas proposições sejam simultaneamente verdadeiras, mas podem ser as duas falsas. Em *Sally sorriu* e *Sally franziu a testa* temos uma relação de contrariedade uma vez que não se pode sorrir e ao mesmo tempo franzir a testa, mas se

pode fazer outra coisa com o rosto que não seja sorrir ou franzir a testa. No léxico, temos exemplos como *bonito-feio*, *alegre-triste*, *magro-gordo*, *baixo-alto*.

A polaridade contrária se estabelece a partir de inúmeros termos dentro de um determinado domínio, o que requer um domínio no qual as entidades possam ser ordenadas em uma escala. Assim, faz sentido falar em oposições máximas, uma vez que estamos lidando com domínios escalares.

Segundo Israel (2004), grande parte, se não todos, os domínios conceptuais mais básicos são escalares por natureza: perceptual, emocional e experiências avaliativas de todos os tipos aparecem em termos de grau, e as palavras que usamos para descrever tais experiências refletem essa “escalaridade”. Assim, como era de se esperar, os contrários polares são uma das relações semânticas básicas do léxico de qualquer língua.

Cruse (1986:197 apud Israel, 2004, p. 3) em seus estudos sobre a Semântica Lexical, afirma que o sentido de oposições como quente-frio, feliz-triste, bom-ruim, amar-odiar e tudo-nada é provavelmente o sentido mais saliente e mais profundo de todas as relações lexicais – o que tem maior probabilidade de ter um nome não-técnico em qualquer idioma (e.g. Francês: *contraire*, Alemão: *gegenteil*, Turco: *karsi*) e é o mais provável de ser entendido por qualquer criança de três anos de idade.

Vale antecipar: a tendência acima descrita parece conferir ao nosso objeto de estudo sua legitimidade. Nossa hipótese analítica é de que a CSSEA impõe uma polaridade contrária e, portanto, uma escala (*casado*, *casadíssimo*), sobre bases lexicais de polaridade contraditória (*casado-solteiro*) onde apenas relações binárias são previstas. Tal direção de mudança parece convergir, pelo que vimos nos dois parágrafos acima, para relações polares que seriam mais básicas no léxico de uma língua.

Israel (op. cit.) ressalta ainda que, apesar de mais básica, a semântica lexical dos antônimos e das expressões escalares é, de modo geral, bastante complexa. De fato, as polaridades contrárias não estão apenas separadas em uma dimensão escalar, mas, na verdade, elas pertencem a ordenações/ escalas não só distintas como **opostas**.

Nesse sentido, domínios como os de *quantidade*, *modalidade epistêmica*, *temperatura*, *preferência* e *avaliação* licenciam duas escalas diferentes, com polaridades diferentes, como é possível perceber a partir dos exemplos abaixo¹⁰:

¹⁰ Esses exemplos foram retirados de Israel (2004, p.4) e traduzidos por nós.

- | | | |
|------|----------------------------------|-------------------------------------|
| (14) | <tudo, a maioria, muitos alguns> | <nenhum, pouquíssimo, pouco> |
| (15) | <necessário, provável, possível> | <impossível, improvável, incerto> |
| (16) | <fervendo, quente, morno> | <congelado, frio, resfriado> |
| (17) | <adorar, amar, gostar> | <detestar, odiar, desgostar> |
| (18) | <excelente, bom, ok> | <terrível/horrível, ruim, medíocre> |

Os exemplos acima demonstram que cada domínio comporta duas escalas distintas ordenadas de maneira oposta de acordo com os extremos do seu domínio. Assim, em (16), por exemplo, o domínio de temperatura comporta tanto a escala de “calor”, em que *fervendo* é maior que *morno*, quanto à escala de “frio”, em que *congelado* está em um nível superior a *resfriado*.

O último tipo de polaridade descrita por Israel (2004) é a reversão. As polaridades reversas se diferenciam das demais, contradição e contrária, uma vez que envolvem uma oposição, não entre proposições em si, mas entre proposições **ordenadas**, ou seja, entre **escalas**. Nesse sentido, as escalas podem e definem relações inferenciais entre proposições de acordo com a maneira com que são organizadas, i.e., a ordenação das proposições faz suscitar implicações.

Contudo, as implicações escalares nem sempre tem fundamentos lógicos, mas podem se amparar nas expectativas acerca do funcionamento do mundo (FAUCONNIER, 1975a, 1975b, 1976 apud ISRAEL, 2004). Por exemplo, podem-se ordenar tipos de comidas de acordo com sua suculência, complexidade de preparo e até mesmo preferências pessoais. Assim, a estrutura do *modelo escalar* é constituída a partir de determinadas inferências, linguístico-conceituais ou, inclusive, subjetivas.

Os pressupostos teóricos alinhados no presente capítulo compõem o instrumento teórico que fundamenta e justifica a análise da Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos que passamos a apresentar no próximo capítulo.

3. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A natureza dos estudos sociocognitivos e construcionistas, subscritos no presente estudo (cf. Cap. 2), sugere, como vimos afirmando reiteradamente, um recorte epistemológico que confere ao USO papel fundamental na emergência e da Gramática e do Léxico de uma língua (MIRANDA, 2008b, p. 4). Nesse sentido, o conhecimento linguístico de um falante é visto como uma rede de símbolos erguidos na cultura através do uso (MIRANDA, op. cit.) e apreender a real natureza desse conhecimento só é possível se o observarmos dentro das molduras que configuram o discurso real.

Tais supostos, implicando um sólido compromisso com a empiria, direcionam nossas escolhas metodológicas para a análise de corpus o que implica a utilização de uma base volumosa de dados, capazes de fornecer indicadores acerca do uso da construção em seu habitat discursivo real.

3.1 Por uma Gramática das Construções baseada em Corpus

Em Alemão *liebe*, em Tcheco *láska*, para os ingleses é *love*, para os franceses, *amour* – palavras de idiomas diferentes para expressar o mesmo sentimento. Em Português, por sua vez, *a gente ama, gosta pra caramba, se amarra nele(a), morre de amores, fica doido de amor, ama de paixão*, etc. Pode-se até compartilhar a emoção, mas para se entender o significado de cada uma dessas palavras e expressões, em cada cena de uso, em cada cultura que emerge, é preciso fazer-se parte da comunidade linguística falante desses idiomas. Estamos, então, diante de um dos grandes espetáculos que a linguagem humana propicia: a diversidade.

Para Tomasello (2003, p.1), essa diversidade é um dos fatores distintivos entre a espécie humana e as demais espécies animais. O autor argumenta: enquanto os animais se comunicam com todos de sua espécie, os homens só conseguem se comunicar com aqueles que pertencem a comunidades linguísticas específicas. Importam, pois, as teses sobre a diferença linguística e suas peculiaridades sociais e culturais e, nesse sentido, as teses universalistas cedem espaço à diversidade. Vale retomar aqui, de modo sintético, algumas dessas premissas (cf. seção 2.4):

- a. Assumpção de uma perspectiva maximalista e não-reducionista da linguagem, em contraste com a perspectiva minimalista e

reduzida da Gramática Gerativista (SILVA, 2008). O interesse dos linguistas incide, portanto, sobre **todas** as construções de uma língua e não apenas sobre as ditas “regulares”.

- b. A consideração do uso e da reiteração como constitutivos dos padrões construcionais de uma língua. Assim, padrões de frequência apreendidos (frequência de tipos/*types* e de ocorrência/*token*) são vinculados a contextos de uso, o que implica uma visão não aleatória de variação (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007; CROFT & CRUSE, 2004).

Tal visão empirista e padronizada¹¹ da linguagem, fomentada no seio dos estudos linguísticos sociocognitivistas e construcionistas, em especial os Modelos Baseados no Uso (cf. seção 2.4.3), acaba por determinar uma virada metodológica dentro deste paradigma, baseada na adoção de métodos empíricos (SILVA, 2008) e no uso de grandes massas de dados – os corpora.

A mudança metodológica anunciada implica uma sólida divergência em relação ao cognitivismo chomskiano. Para os gerativistas a introspecção é o modo exclusivo de acesso aos dados que, por sua vez, são considerados como **possibilidades** linguísticas admitidas pelo conhecimento que o falante tem de sua língua. Desconsidera-se, portanto, o uso efetivo ou não de determinada estrutura (SARDINHA, 2004). Por outro lado, dimensionados por uma perspectiva **probabilística** da linguagem, os modelos construcionistas defendem que, apesar de possíveis, estruturas linguísticas pontuais e descontextualizadas, podem não ser prováveis ou realizáveis no uso real da linguagem.

Nessa direção, argumenta-se também contra uma análise puramente introspectiva dos dados. Segundo Miranda (2008b, p. 41), análises fundamentadas apenas no caráter intuitivo do falante podem conduzir a equívocos, uma vez que “aquilo que as pessoas pensam sobre o pensamento e sobre a linguagem não é necessariamente o modo como o pensamento e a linguagem operam” (MIRANDA, 2008b, p. 41).

Contudo, a abordagem metodológica assumida não desconsidera a introspecção do linguista, um importante indicador na interpretação dos dados (PERINI, inédito). A presença da evidência empírica na análise de frequência em contexto de uso específico requer, de modo qualitativo, o olhar introspectivo e interpretativo do analista. O que

¹¹ Entende-se padrão aqui no sentido construcional, isto é, como pares de forma e modos de significação semântico-pragmático.

está sendo questionado aqui é sua adoção como única fonte de acesso aos dados para pesquisa.

A escolha por uma Linguística Cognitiva baseada em estudo de corpora naturais implica, contudo, em novo desafio para o linguísta. É preciso buscarem-se, de modo teoricamente sustentável, procedimentos metodológicos para validação da pesquisa. Embora a Linguística Cognitiva sustente a tese do necessário trabalho com corpus (GIBBS, 2006), parece ainda não dispor, de modo geral, de parâmetros metodológicos mais específicos para o trato efetivo dos dados. O Projeto lexicográfico da *FrameNet* representa uma vanguarda dentro deste paradigma. Elaborado para atender necessidades do mundo informatizado, é um exemplo de definição metodológica clara, vinculada à tecnologia. Serve, por isso, como um dos parâmetros de orientação para nossos procedimentos de análise. Em busca de definições de base, contudo, projetos analíticos como o nosso têm buscado **alguns** de seus parâmetros metodológicos para o trato com corpora na **Linguística de Corpus** (SARDINHA, 2004).

Assim, a Linguística de Corpus se coloca neste estudo como uma fonte metodológica porque, de modo convergente com os Modelos de Uso, se apóia na realidade discursiva da linguagem, encarando o desafio da sistematicidade do uso e facultando-nos definições mais precisas acerca da natureza do corpus e de procedimentos de ordem quantitativa dos dados. Tal âncora metodológica não significa dizer, contudo, que estamos fazendo Linguística de Corpus, uma vez que, como veremos neste capítulo e no capítulo 4, a natureza de nosso objeto de análise nos obriga a decisões “não muito ortodoxas” do ponto de vista desse modelo. Assim, vale reiterar, a Linguística de Corpus tem neste estudo um papel de coadjuvante metodológico.

Na próxima seção passamos a apresentar, de maneira sucinta, os princípios metodológicos que instrumentalizarão nossa análise das Construções Superlativas Sintéticas de Estados Absolutos.

3.2 Os princípios metodológicos do trabalho com corpus

A revolução tecnológica trouxe, para os estudos linguísticos, novas perspectivas e possibilidades, influenciando questões fundamentais como a concepção de linguagem e sua organização, seus métodos de ensino e aprendizagem (SARDINHA, 2004). Novos métodos e ferramentas de análise do fenômeno linguístico emergiram, em grande sintonia com os avanços eletrônicos, oferecendo um espaço mais seguro para os estudos

empíricos das línguas. A própria noção de corpus, como base crucial dessa abordagem, passou por significativos refinamentos. Passemos ao detalhamento deste conceito.

3.2.1 A noção de corpus e suas dimensões

Embora a noção de corpus retroceda a muitos séculos¹², foi nos anos 60 que o surgimento do computador e, mais tarde, a sua popularização vieram a contribuir decisivamente para o fortalecimento da pesquisa linguística baseada em corpus. Nesse sentido, Sardinha (2004, p. 15) destaca a importância do desenvolvimento tecnológico, permitindo um melhor armazenamento de corpora e sua exploração através de novas ferramentas computacionais.

Assim, as investigações baseadas em corpora consideram o uso efetivo da linguagem, a partir de dados autênticos, produzidos com finalidade comunicativa. Nesse sentido, o fenômeno linguístico é apreendido dentro de sua complexidade e multidimensionalidade (formal, semântica e discursiva), não emergindo apenas resultados isolados, mas cenários naturais em meio a uma grande diversidade de dados.

Para os linguístas de corpus, a noção de corpus implica em conotações bem específicas (ALMEIDA & ALUÍSIO, 2007, p. 157), uma vez que nem todo conjunto de dados é considerado um corpus. Sardinha (2004) destaca alguns pontos importantes para se tomar um conjunto de dados como um corpus. São eles:

- i) **origem** – o corpus deve ser composto por dados autênticos em linguagem natural. Isso quer dizer que a coleta deve ter como base situações reais e espontâneas de uso linguístico, produzidas por falantes nativos;
- ii) **propósito** – o corpus deve servir como objeto de estudo linguístico, adequando-se aos interesses investigativos do pesquisador;
- iii) **composição** - o conteúdo do corpus deve ser escolhido de forma criteriosa;

¹² Na Grécia antiga, por exemplo, tem-se notícia do Corpus Helenístico, constituído por Alexandre, o Grande e na Antiguidade e na Idade Média havia corpora de citações bíblicas (SARDINHA, 2004). Mais recentemente, ao longo do século XX, muitos pesquisadores como Thorndike, Boas e Fries basearam suas pesquisas em corpora coletado, mantido e analisado manualmente (SARDINHA, op. cit.). Alguns desses corpora não-computadorizados serviram, inclusive, como parâmetro para os corpora atuais, como é o caso do *SEU* (*Survey of English Usage*), compilado por Randolph Quirk e sua equipe em Londres, por volta de 1959.

- iv) **formatação** – os dados devem ser digitalizados possibilitando a sua leitura pelas ferramentas computadorizadas;
- v) **representatividade** – o corpus deve ser representativo de uma língua ou uma variedade;
- vi) **extensão** – o corpus deve ser suficientemente extenso de modo a representar um determinado campo do uso linguístico e
- vii) **heterogeneidade** – o corpus deve ser formado de textos dos mais diversos gêneros, autores e temáticas

Assim, um *corpus* se define por:

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizado segundo determinados critérios, suficientemente extenso em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (SANCHEZ e CANTOS, 1996, p. 8-9 apud SARDINHA, 2004, p. 18)

Dentro das noções discutidas acima e assim como dimensionaram Dubois et al. (1993 apud ALMEIDA & ALUÍSIO, 2007, p. 158), o corpus deve ser concebido como uma **amostra** da língua e, como tal, atende a determinados objetivos, estabelecidos pelo pesquisador, e possui uma determinada representatividade. Assim, torna-se importante se observar não só o total de palavras (*tokens*) ou o número de palavras diferentes (*types*), mas também a quantidade de categorias presentes (gêneros, tipos textuais, autores, etc.), a fim de se delimitarem os limites e as abrangências do corpus com que se está lidando.

Um dos aspectos relevantes para a determinação da representatividade do corpus é, sem dúvida, a sua extensão. Nesse sentido, quanto maior for um corpus em relação ao número de palavras e de textos que reúne, maior a probabilidade de aparecerem palavras de baixa frequência (SARDINHA, 2004, p. 23). Apesar de não ser possível se estabelecer, com precisão, o tamanho ideal de um corpus, Sardinha (2004, p. 26), sugere uma classificação quanto ao seu número de palavras:

Tamanho em Palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno

80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Tabela 13: Dimensão do Corpus em termos de números palavras

Segundo essa classificação o corpus específico constituído para esse trabalho pode ser considerado um corpus *Médio-grande*, uma vez que apresenta um universo de palavras de aproximadamente 8. 189. 656.

Cabe ainda destacar uma questão acerca do uso do corpus em pesquisa, (Silva, 2008). Se de um lado, não basta utilizar o corpus de modo meramente ilustrativo, como uma simples reunião de ocorrências e analisá-las de modo predominantemente intuitivo; por outro, não se podem propor, a partir do corpus, análises automáticas, sem fundamentação teórica ou de cunho exclusivamente interpretativo. Na realidade o corpus deve ser encarado com campo para análises estatísticas, através de métodos de análise quantitativa e multivariacional. Além disso, devem-se formular hipóteses que sejam empiricamente testáveis, permitindo que corpus proporcione material para confrontar hipóteses com dados empíricos, refinando-as gradualmente. Desse modo, a investigação empírica baseada em corpus não implica abandonar a teoria em favor de uma investigação puramente descritiva, mas antes testá-la e refiná-la (SILVA, 2008, p. 57).

3.2.2 A questão da frequência

Conforme explicitado à primeira seção deste capítulo, para os Modelos Baseados no Uso – em convergência com a Linguística de Corpus – a linguagem é concebida como um sistema probabilístico, em que as diferentes estruturas se distribuem diferentemente, no que se refere ao número de ocorrências, na língua (SARDINHA, 2004, p. 30 e 31). A partir disso, a frequência de ocorrência passa a ser uma espécie de “termômetro” para se medir a probabilidade teórica de um determinado traço linguístico.

De modo geral, opera-se com duas propriedades fundamentais de frequência que voltamos a considerar (cf. seção 2.4.3) dada a sua relevância na definição do trabalho

metodológico: a **frequência de ocorrência** (*tokens*) e a **frequência de tipo** (*types*). A frequência de ocorrência diz respeito à reiteração de determinada construção. Na medida em que ela se reitera na língua, seu grau de convencionalização se torna maior. Nesse sentido, a noção de frequência de ocorrência se relaciona com a noção de **convencionalização** da construção.

Já a frequência de tipo (*types*) diz respeito às diferentes formas linguísticas que são consideradas instâncias de uma construção particular. Desse modo, a frequência de tipo se relaciona à **produtividade** de uma construção. Ou seja, quanto maior o número de tipos, mais produtiva é a construção.

Nesse sentido, a utilização de corpus torna-se extremamente importante, uma vez que esse passa a ser representativo tanto da produtividade de uma determinada construção quanto de seu grau de convencionalização, possibilitando a aferição da frequência de diversos traços das construções linguísticas.

Nas próximas seções passamos à apresentação das bases empíricas concretas constituídas em nosso projeto investigativo na busca de descrição de nossa Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo –íssimo.

3.3 A constituição do Corpus Específico

O primeiro passo para a análise foi a construção de um **corpus específico** da construção em estudo, constituído de dados escritos reais e espontâneos de uso linguístico. Considerando os pontos definidores de um corpus (cf. seção 3.2.1), buscamos apreender nesse corpus uma grande variedade de registros, formais e informais, do Português do Brasil (PB), abrangendo os mais diversificados gêneros textuais, com pluralidade de autoria e heterogeneidade.

Primeiramente, foram elencadas alguns possíveis *types*/tipos da construção estudada, tendo em foco sua peculiaridade de unir um radical de um estado não-graduável e o sufixo –íssimo. Nesse primeiro momento, foi utilizada nossa intuição como linguístas e, principalmente, como falantes nativos do Português para listar exemplares possíveis da construção. Alguns desses *types* foram atestados pela nossa experiência (interações orais, mídia, rede sociais, etc.); outros apenas tidos como “possíveis”. Foram 37 os *types* considerados e listados no quadro abaixo:

1	<i>aprovadíssimo(a)</i>
2	<i>assassinadíssimo(a)</i>
3	<i>assinadíssimo(a)</i>
4	<i>batizadíssimo(a)</i>
5	<i>candidatíssimo(a)</i>
6	<i>casadíssimo(a)</i>
7	<i>combinadíssimo(a)</i>
8	<i>confirmadíssimo(a)</i>
9	<i>compradíssimo(a)</i>
10	<i>condenadíssimo(a)</i>
11	<i>dentríssimo(a)</i>
12	<i>desempregadíssimo(a)</i>
13	<i>doutoradíssimo(a)</i>
14	<i>eleitíssimo(a)</i>
15	<i>eliminadíssimo(a)</i>
16	<i>empregadíssimo(a)</i>
17	<i>fetíssimo(a)</i>
18	<i>foríssimo(a)</i>
19	<i>formadíssimo(a)</i>
20	<i>graduadíssimo(a)</i>
21	<i>gravidíssimo(a)</i>
22	<i>julgadíssimo(a)</i>
23	<i>mestrandíssimo(a)</i>
24	<i>mortíssimo(a)</i>
25	<i>namoradíssimo(a)</i>
26	<i>namorandíssimo(a)</i>
27	<i>nascidíssimo(a)</i>
28	<i>noivíssimo(a)</i>
29	<i>prontíssimo(a)</i>
30	<i>recomendadíssimo(a)</i>
31	<i>reprovadíssimo(a)</i>
32	<i>separadíssimo(a)</i>
33	<i>solteiríssimo(a)</i>
34	<i>terminadíssimo(a)</i>
35	<i>vendidíssimo(a)</i>
36	<i>vivuvíssimo(a)</i>
37	<i>vivíssimo(a)</i>

Tabela 14: Lista de *types* possíveis da construção

A partir daí iniciou-se uma coleta criteriosa de dados com vistas a comprovar ou não a ocorrência de tais *types* em base de dados reais do Português. Tal coleta teve

como base, principalmente, três fontes: o Corpus do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>), o site de busca Google (www.google.com.br) o concordanciador eletrônico *Web Concordancer Beta* (<http://webascorpus.org/searchwac.html>). Dos trinta e sete (37) *types* listados, apenas sete (*assasínadíssimo*, *doutorandíssimos*, *empregadíssimo*, *julgadíssimo*, *mestrandíssimos*, *terminadíssimos*, *batizadíssimo* – destacados em vermelho na tabela) não puderam ser comprovados, o que quer dizer que não apresentaram nenhuma instanciamento. Nossos *types* ficaram, assim, reduzidos a trinta (30).

Nas próximas subseções passamos à apresentação e discussão das tais bases de dados utilizadas, explicitando os procedimentos metodológicos específicos de cada uma.

3.3.1 O Corpus do Português

O Corpus do Português foi organizado pelos professores Michael J. Ferreira, da Georgetown University e Mark Davies, da Brigham Young University, e é formado por mais de 45 milhões de palavras de quase 57 mil textos em português que vão dos séculos XIV ao XX. A busca pode ser feita a partir de **palavras exatas** ou **frases, curingas, classes gramaticais e lemas** o que facilita a pesquisa de construções morfológicas, uma vez que não é necessário se fazer uma a uma a busca de todas as variações. Como é possível observar-se na figura abaixo:

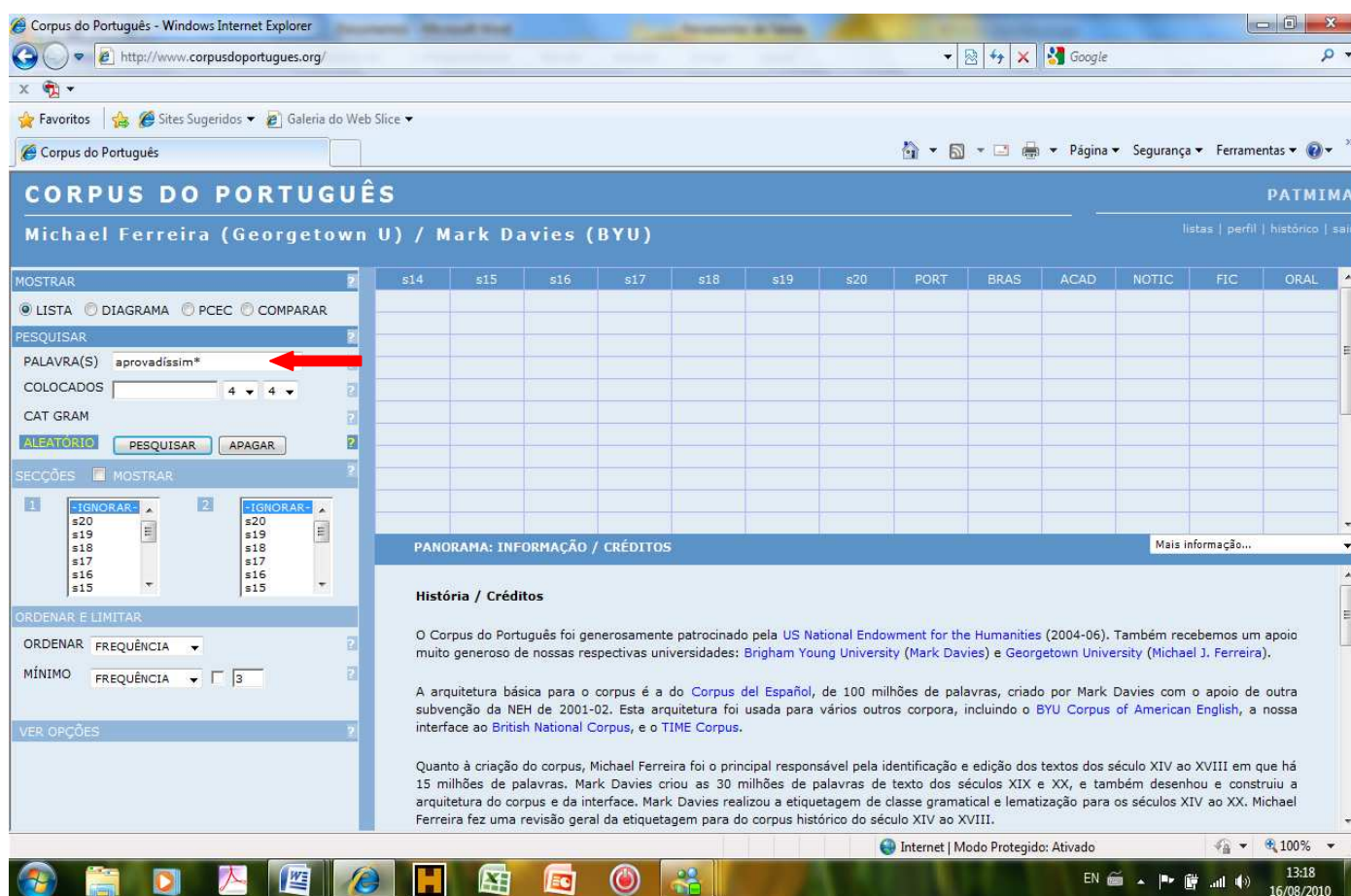


Figura 29: Busca no Corpus do Português

Uma vez que a busca pode ser feita a partir do lema, no menu PESQUISAR, coloca-se, um asterisco (*) no final da palavra onde deve ocorrer a variação de gênero e número (aprovadíssim* - sinalizado pela seta na figura acima) e a busca irá abranger as diferentes instâncias (no caso: aprovadíssimo, aprovadíssima, aprovadíssimos, aprovadíssimas) em uma única pesquisa, como demonstra a figura acima. A figura 5 também mostra a possibilidade de se restringir a busca quanto ao século e às seções, restrição essa que não foi utilizada em nosso processo de busca.

Apesar da grande representatividade do Corpus do Português, a construção investigada teve uma baixíssima ocorrência em seus corpora. Foram encontrados, dos 37 *types*/tipos elencados nesta seção, (tabela 2) apenas 4, que também apresentaram baixa frequência, assim como demonstra a tabela abaixo:

	Type	# de ocorrências	Exemplos
1	<i>prontíssimo(a)</i>	13	A. R. depende o facilitar-me os meios de me ouvir. Estou <u><i>prontíssima</i></u> a desenvolver na sua presença quanto me inspira o mais vivo, o mais ardente
2	<i>reprovaadíssimo(a)</i>	2	? que tal acham este fato? AMOROSA - Muito feio. O BAR - <u><i>Reprovaadíssimo</i></u> .
3	<i>aprovaadíssimo(a)</i>	1	** <u><i>Aprovaadíssimo</i></u> no vestibular de Agronomia da Federal, em 1.º lugar, Willian Augusto Castelains Cecílio, filho de Luiz Carlos Halla (Vera Lúcia Castelains) Cecílio.
4	<i>solteiríssimo(a)</i>	1	: chamou-lhe maçónico. Depois foi a madrinha que se sentiu mais do que nunca <u><i>solteiríssima</i></u> e, já, vais ver, deserdou o afilhado. Não contente m mandar

Tabela 15: Resultado da busca no Corpus do Português

O mais representativo é o *type* “*prontíssimo*” que apresentou 13 *tokens* distribuídos da seguinte forma, ao longo dos séculos:

<i>prontíssimo(a)</i>	séc. XIX	4
	séc. XVIII	3
	séc. XVII	6

Tabela 16: Distribuição de “*prontíssimo*” ao longo dos séculos

A única ocorrência registrada dos *types* “*aprovaadíssimo*” e “*solteiríssimo*” está no século XX, sendo que “*solteiríssimo*” aparece em Português de Portugal. Já os *tokens* de “*reprovaadíssimo*” estão localizados em um texto do século XIX.

A primeira vista, a baixa frequência de tipos (04) e de ocorrências (17) encontrado nos resultados poderia nos levar a pensar que estamos diante de um fenômeno nada produtivo, assistemático e que nos deparamos com ele por força do acaso. Contudo, nossa intuição nos dizia o contrário. Principalmente, por ocasião da Copa do Mundo (julho 2010), a construção insistia em aparecer. “Essa bola foi dentríssimo”, ouvimos um locutor empolgado dizer diante de um gol anulado que o juiz não viu a bola cruzando a linha do gol. “A Alemanha é uma das candidatíssimas a ganhar o título mundial” disse outro locutor diante da vitória da Alemanha sobre a

Inglaterra, outra potência esportiva, no futebol. Todos esses e muitos outros exemplos estavam nos rodeando cotidianamente e contrariavam diretamente o resultado da busca obtida através do Corpus do Português. De alguma forma, isso indicava que a construção existia, só que aquele não era o lugar certo para se procurá-la.

O conjunto de textos que constitui o Corpus do Português privilegia, em sua maioria, o registro mais formal da linguagem, sendo esses textos voltados para os gêneros literário clássico, jornalístico e acadêmico. A organização dos textos pode ser vista no quadro abaixo, retirado do próprio *site* do Corpus do Português:

PALAVRAS	SÉCULO	PAÍS	GÊNERO
550,968	XIII	Portugal	
1,316,268	XIV	Portugal	
2,875,653	XV	Portugal	
4,435,031	XVI	Portugal / Brasil	
3,407,741	XVII	Portugal / Brasil	
2,234,951	XVIII	Portugal / Brasil	
10,008,622	XIX	Portugal / Brasil	
3,087,052	XX	Portugal	Acadêmico
3,271,328	XX	Portugal	Notícias
3,048,020	XX	Portugal	Ficção
1,100,303	XX	Portugal	Oral
2,816,802	XX	Brasil	Acadêmico
3,346,988	XX	Brasil	Notícias
3,028,646	XX	Brasil	Ficção
1,078,586	XX	Brasil	Oral

Tabela 17: Organização do Corpus do Português

Nossa hipótese era de que o contexto disponibilizado pelo Corpus do Português não favorecia o surgimento da construção estudada, devido ao maior grau de formalidade presente nos textos que constituem o corpus. Nesse sentido, buscaram-se novos recursos para obtenção de dados, recorrendo-se, primeiramente, ao Google.

3.3.2 As buscas no Google

Diante da baixa frequência e pouca produtividade do resultado da busca através do Corpus do Português, era necessário buscarem-se novas formas de se ter acesso à construção em seu uso real e espontâneo. Para tanto, foi necessário deixar de lado os corpora tratados¹³, uma vez que tais corpora disponibilizados em Português são fundamentalmente constituídos de textos com maior caráter formal, e partir para outros tipos de busca. Frente aos fatos, a primeira “dissidência” em relação à Linguística de Corpus teve que ser assumida – abandonar o barco, desistindo do objeto, ou ir em frente, ainda que ferindo, em parte, parâmetros mais rigorosos de constituição de corpus? Ainda que contando com algumas restrições, como, por exemplo, a dimensão precisa do corpus, a decisão foi por manter o objeto da presente dissertação.

Nesse sentido, o Google (www.google.com.br) foi considerado com uma possível saída. Como se sabe, o Google é um famoso *site* de busca que nos permite encontrar *sites* que contenham uma determinada palavra ou frase. Ele nos dá acesso aos mais diversos tipos de *sites* e recebe informação nova o tempo todo. Isso significa que o Google possibilita que se tenha acesso ao uso linguístico constantemente renovado e presente em uma grande variedade de gêneros e de autoria.

Dentro do *site* é possível se fazer uma busca avançada, tendo algumas restrições, como idioma, região, data, dentro outros.

Foram utilizadas como restrições, nas buscas feitas por nós, apenas o filtro do idioma (Português) e da região (Brasil). Além disso, a palavra que se queria procurar era colocada entre aspas (“aprovadíssimo”, por exemplo), para restringir a busca àquela palavra, exatamente, nessa forma, evitando possíveis distorções ou aproximações (aprovado, íssimo, etc.).

Contudo, ao utilizar o recurso de busca do Google, mesmo com as restrições, nos deparamos com o problema oposto ao encontrado no Corpus do Português: o excesso de dados. As buscas no *site* do Google geravam resultados extraordinariamente grandes, que ultrapassavam 100 mil ocorrências em diversos dos nossos *types*/tipos. A tabela abaixo demonstra o resultado da busca de seis *types* da construção investigada¹⁴:

¹³ Outros corpora tratados foram consultados sem sucesso.

¹⁴ A busca no Google foi efetuada com apenas seis *types*, pois foi constatada a inviabilidade de se utilizarem os resultados na atual pesquisa.

Aprovadíssimo	82.753
Recomendadíssimo	209.388
Solteiríssimo	52.186
Confirmadíssimas	167.369
Gravidíssima	97.560
Prontíssimo	42.405

Tabela 18: Resultado da busca no Google

Além do grande volume de dados, a busca também era bastante custosa uma vez que o *site* Google só permite que a busca seja feita pela palavra exata o que significa fazer, uma a uma, a busca dos *types* e suas variações de gênero e número.

Outro problema com que nos deparamos nos resultados da busca do Google foi o grande número de repetições e ocorrências indesejadas. Para que pudesse ser utilizado, o resultado gerado pelo Google ainda teria que passar por uma limpeza manual, dados os inúmeros casos repetidos e as muitas ocorrências não-relacionadas com a nossa busca. Isso significaria ler um por um das centenas de milhares de ocorrências antes mesmo de analisarmos. Esse seria um trabalho gigantesco o qual não teríamos tempo (e nem corpo!) para executar.

Diante desses problemas, a utilização do Google como ferramenta para a constituição de nosso corpus específico foi inviabilizada. Contudo, o Google atestou a produtividade e o grau de convencionalização da construção, dando a nós novo fôlego para a pesquisa.

3.3.3 O concordanciador eletrônico *Web Concordancer beta*

Como é possível constatar até aqui, os desafios de se realizar uma pesquisa linguística com base no uso real da linguagem não são poucos. O nosso percurso para a constituição do corpus enfrentou da quase completa escassez de dados a abundância insustentável deles. A descoberta do concordanciador eletrônico *Web Concordancer beta* (<http://webascorpus.org/searchwac.html>) representa, por fim, o encontro da ferramenta adequada à nossa busca

O *Web Concordancer beta* é uma ferramenta eletrônica que permite buscar, através de uma palavra chave, a ocorrência de determinada construção no meio digital.

Para tanto, utiliza-se o *site* Bing (<http://www.bing.com/?cc=br>) como base de busca. O Bing é um *site*, em expansão, que se assemelha, e muito, ao Google e, por isso, possibilita o acesso a uma grande diversidade de *sites*, como *blogs*, jornais e revistas eletrônicos, *sites* de compra, redes de relacionamento e etc.

Sendo assim, e evitando problemas semelhantes ao que aconteceu na busca no *site* do Google, o *Web Concordancer Beta* possibilita ao pesquisador, em “Source Options”, restringir o número de páginas em que será feita a pesquisa, entre 10 até 500 páginas, como é possível se perceber na Figura 5, abaixo, destacado em 1. Contudo, o manual da ferramenta sugere que o limite fique entre 300 a 400 páginas, uma vez que o servidor sofrer restrições de tempo de execução e pode não dar conta de verificar todas as 500 páginas. Selecionado o número de páginas desejadas, o processo de busca efetuará a pesquisa das páginas mais recentes para as mais antigas. Nesse sentido, buscas realizadas em épocas diferentes terão resultados diferentes, uma vez que o acervo de páginas do provedor é constantemente renovado.

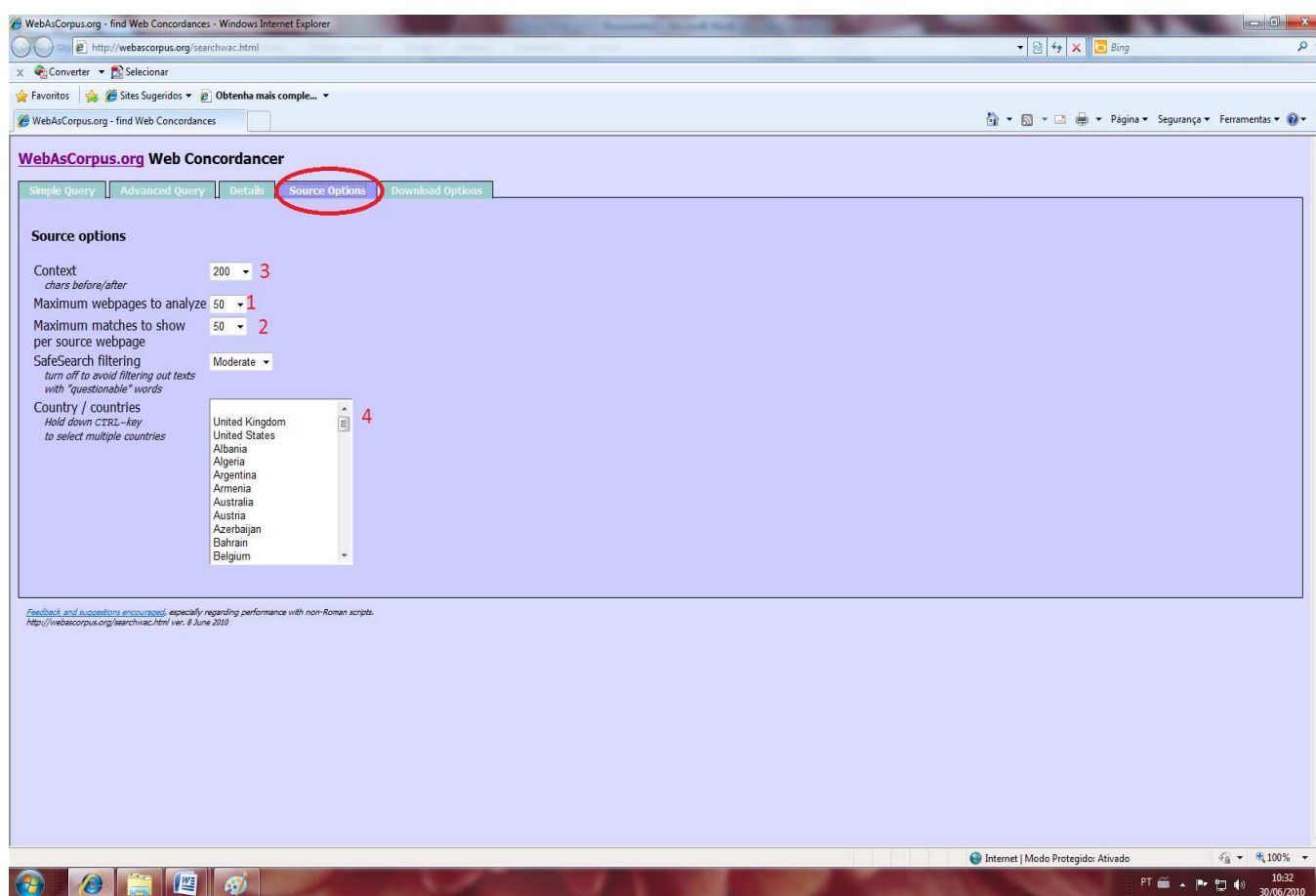


Figura 30: Destaque das “Source Options”

Além disso, é possível se especificar o limite de ocorrências a serem encontradas em uma mesma página. Essa opção possibilita o controle das repetições da construção em uma mesma página e pode-se optar por 10 a 100 ocorrências por página (destacado em 2, na Figura 6), uma vez que 100 é o limite estabelecido pelo servidor Bing.

De acordo com as necessidades de análise, pode-se, também, definir o tamanho do contexto no qual a construção está inserida, em termos da quantidade de palavras. Assim, o programa fornece a possibilidade de se especificar o número de palavras ao redor da construção, que pode ser de 50 a 1000 palavras (destacado em 3, na Figura 6).

O Web Concordancer Beta permite que a busca seja feita em várias línguas e ainda diferencia o Português do Brasil e o Português de Portugal (destacado em 4, na Figura 6). Apesar de só possibilitar a busca através da palavra exata, o programa dispõe de uma ferramenta de busca avançada que permite que seja feita, a um só tempo, o rastreamento de várias Unidades Lexicais (no nosso caso, uma unidade lexical flexionada em gênero e número), sendo possível inclusive delimitar a busca em páginas em que uma determinada palavra apareça ou não (Figura 7):

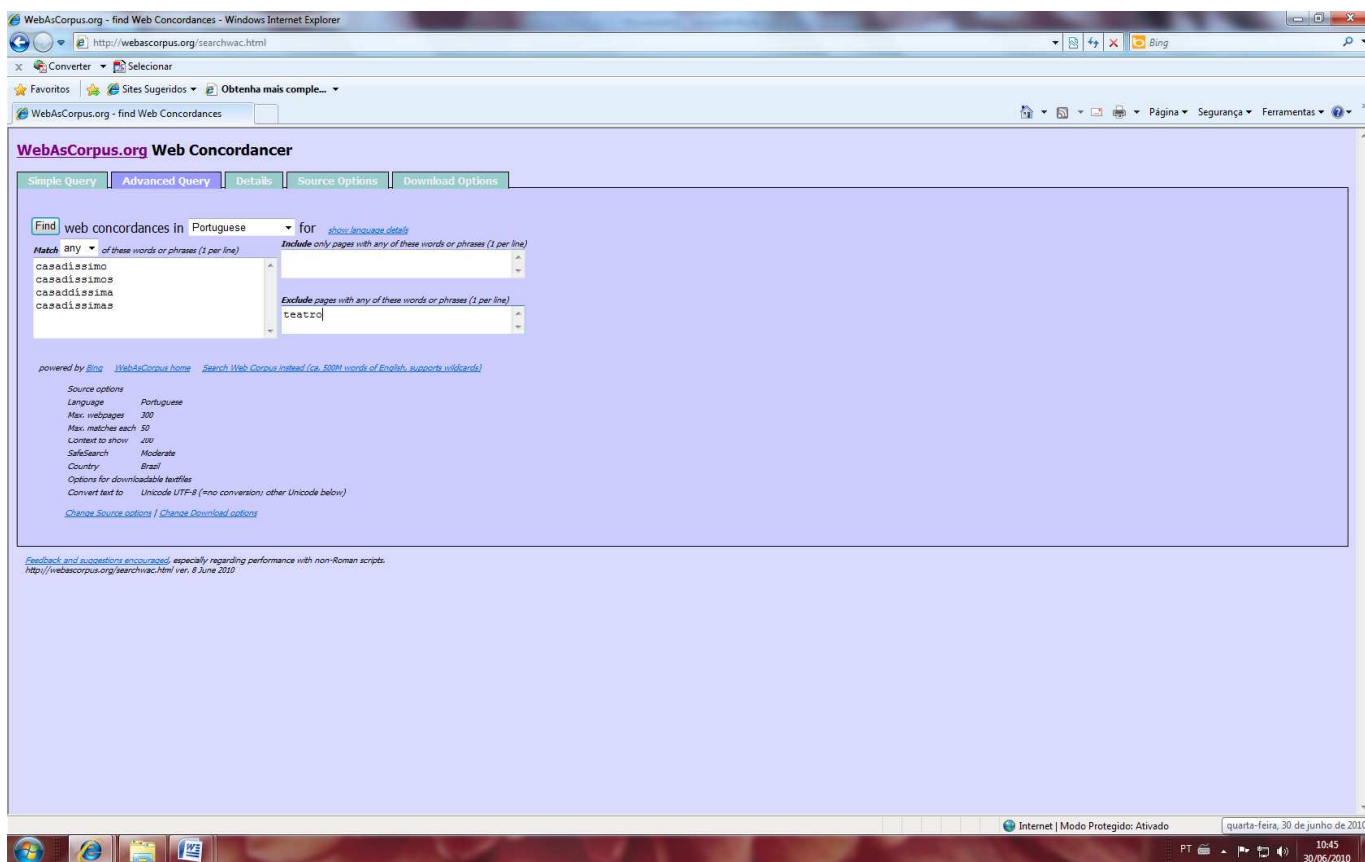


Figura 31: Busca avançada no concorcanciador eletrônico *Web Concordancer Beta*

A partir das especificações acima descritas, o resultado da busca é um documento em que aparece o item investigado, em destaque, dentro de seu contexto de uso, com limites previamente estabelecidos. Os resultados ainda incluem algumas informações estatísticas, como o número de palavras e parágrafos que contém cada página e também uma média de palavras por parágrafo, o que possibilita a averiguação do universo que constitui o corpus específico. Além disso, esse documento com os resultados ainda oferece o *link* da página e a indicação da linha em que aparece a construção, o que possibilita que se retorne ao contexto original e se ache, com maior facilidade, o item investigado, como é possível se verificar na Figura 8:

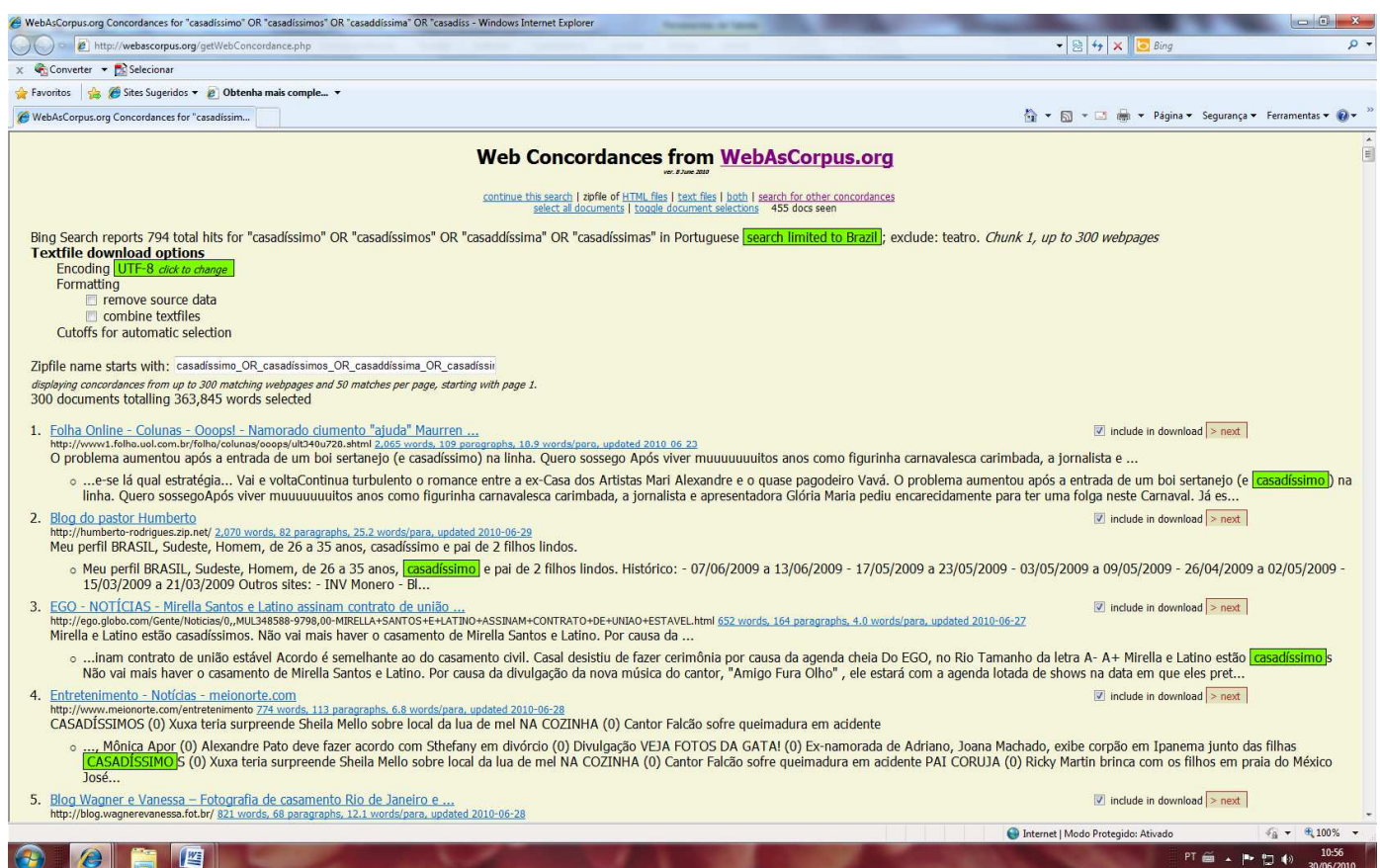


Figura 32: Documento com os resultados – Web Concordancer Beta

De fato, essa nova ferramenta trouxe grandes facilidades para o processo de coleta de dados, apesar de não dispensar o trabalho manual de limpeza e desambiguação dos dados, uma vez que seus resultados ainda apresentam ocorrências repetidas e indesejadas para a pesquisa, como os casos de polissemia, por exemplo.

O procedimento de busca para a construção de nosso corpus específico foi realizado nos meses de janeiro a agosto de 2010 e submetido às seguintes restrições:

Opções

Contexto *palavras antes/depis*

Máximo de wepages analisadas

Máximo de ocorrências por webpage

Filtro

País

United Kingdom
United States
Albania
Algeria
Argentina
Armenia
Australia
Austria
Azerbaijan
Bahrain
Belgium

Assim, o quadro abaixo demonstra o resultado obtido através da busca dos 30 *types* instanciados utilizando a ferramenta Web Concordancer Beta, já devidamente limpos:

1	<i>aprovadíssimo(a)</i>	419
2	<i>recomendadíssimo(a)</i>	289
3	<i>solteiríssimo(a)</i>	173
4	<i>candidatíssimo</i>	156
5	<i>confirmadíssimo</i>	138
6	<i>gravidíssima</i>	118
7	<i>casadíssimo(a)</i>	82
8	<i>prontíssimo(a)</i>	75
9	<i>combinadíssimo(a)</i>	64
10	<i>noivíssimo(a)</i>	32
11	<i>vivíssimo</i>	30
12	<i>dentríssimo(a)</i>	26
13	<i>foríssimo(a)</i>	26
14	<i>fetíssimo(a)</i>	21
15	<i>assinadíssimo(a)</i>	15
16	<i>formadíssimo(a)</i>	14
17	<i>condenadíssimo(a)</i>	13
18	<i>reprovadíssimo(a)</i>	12
19	<i>compradíssimo(a)</i>	09
20	<i>graduadíssimo(a)</i>	09
21	<i>mortíssimo</i>	08

22	<i>eleitíssimo</i>	07
23	<i>namoradíssimo(a)</i>	05
24	<i>viuvíssimo(a)</i>	05
25	<i>namorandíssimo(a)</i>	03
26	<i>eliminadíssimo(a)</i>	02
27	<i>separadíssimo(a)</i>	02
28	<i>vendidíssimo(a)</i>	02
29	<i>desempregadíssimo(a)</i>	01
30	<i>nascidíssimo</i>	01
Total		1.757

Tabela 19: Resultado da busca no Web Concordancer Beta

Nosso corpus se configura, portanto, da seguinte forma: 30 *types* totalizando 1757 ocorrências/*tokens*, diante de um universo cujo total de palavras é de 8. 189. 656, o que, nos termos de Sardinha (2004, cf. sessão 3.2.1) permite que ele seja classificado como *Médio-grande* em relação o número de palavras.

3.4. Considerações Finais: avanços e dificuldades

Lidar com todo e qualquer corpus implica lidar com uma série de restrições e limitações, das quais o pesquisador precisa ter consciência. Para esse estudo, os recursos disponibilizados pelo concordanciador Web Concordancer Beta se encaixaram melhor em nossos interesses investigativos, dando-nos condições de explorar a construção eleita dentro de seu ambiente interacional real.

Se por um lado o Web Concordancer Beta viabilizou a utilização de textos disponíveis na internet, organizando-os em um banco de dados/ corpus e possibilitando o nosso acesso ao contexto situacional e ao universo de palavras, por outro ele também traz a desvantagem de não se constituir como um corpus tratado, não apresentando etiquetagem sintática de seus constituintes. Ou seja, esse recurso nos dá acesso a textos mais informais e mais ligados ao cotidiano das pessoas, mas requer que o pesquisador faça a análise morfossintática do item pesquisado.

Outra questão – e esta está presente em qualquer trabalho com corpus, mesmo tratado – é a limpeza dos dados. Como não se tem um controle eletrônico dos processos de polissemia e usos metafóricos de expressões, problemas como repetições e ocorrências não desejadas continuam sendo uma realidade que exige que o corpus passe por um processo **manual** de limpeza. Como, especificado anteriormente, o resultado

das buscas no Web Concordancer Beta produz vários casos de ocorrências repetidas e usos não desejados da construção (literais ou metafóricos) e, por isso, ainda requer que seja feita uma limpeza dos dados, separando o que é apropriado. Assim, fica a cargo do pesquisador excluir as ocorrências repetidas e separar os casos de polissemia. Para tanto, valemo-nos do conceito de *frame*, considerando como válido para a descrição da construção aquele acionado pela Unidade Lexical específica, isto é, por aquela unidade que se constituía como um *type* da construção.

Em nosso caso, os *frames* específicos da construção têm que apontar para estados não-graduáveis, inviabilizando, em um primeiro momento, uma leitura escalar. Contudo, houve casos polissêmicos como os ilustrados abaixo:

- (19) Tolinha Uma fofa que meche com dentes, botou na cabeça que aquele partidon *separadíssimo* e disputadíssimo está lhe dando bola,e o pior é que em todos os lugares que o lindinho está ela 'toma gosto" e finca pé.....desgruda mulher!!!!!!

<http://www.nominuto.com/blog/getulio-soares/iii-bazar-de-natal-firulas/13590/>

- (20) o que viu caber afinal foi um enorme sucesso na sua carreira. Tudo graças aos dentes *separadíssimos*.

<http://www.ruadebaixo.com/ugliness-is-the-new-beauty.html>

Em (19), exemplo extraído de nosso corpus específico, estamos lidando com uma cena do *frame* de Relacionamento_Pessoal e *separadíssimo* diz respeito ao estado civil da pessoa. Esse estado não pode ser graduado – ou se é casado ou separado. Esse caráter não-graduável o faz um estado absoluto e, portanto, uma instanciación da CSSEA. Já em (20), *separadíssimos* faz alusão à noção de espaço e, portanto, pode ser graduado – um pouco separado > muito separado > separadíssimo. Esse fato nos coloca diante a um caso de polissemia em que a primeira ocorrência faz parte de nosso objeto de estudo enquanto a segunda não. Assim, fica comprovada a importância do processo de limpeza para a construção de nosso corpus específico.

Como dito anteriormente, o Web Concordancer beta possibilita dimensionar o universo de palavras presentes em cada uma das páginas em que se encontra a construção. O universo do corpus seria, então, a soma desse número de palavra de cada página. Esse universo de palavras permite dimensionar o tamanho do corpus com que estamos lidando – 8. 189. 656 de palavras.

Por fim, um último ponto que se faz relevante é a questão dos limites de abrangência da busca realizada pelo concordanciador. Sabemos que ele toma um *site* de busca como base para a pesquisa, que é feita nos domínios da internet em geral. Apesar de extremamente abrangente e livre, os textos que circulam pela internet também têm determinadas limitações. Nesse sentido, a internet favorece alguns contextos e temas mais que outros (como Entretenimento, Notícias diversas, Vida das Celebridades, Produtos e Serviços, etc.), o que acaba influenciando no número de ocorrências de determinados *types*.

Talvez, essa questão justifique, de certa forma, tamanha divergência de número de ocorrência entre “aprovadíssimo” (419 *tokens*) e “reprovadíssimo” (12 *tokens*), por exemplo. A oposição desses dois *types* traz à tona a natureza dos temas e contextos que eles sugerem. Assim, como veremos no Capítulo 4.4, o *type* aprovadíssimo está fortemente ligado à temática do Entretenimento, da Culinária e de Produtos e Serviços. Enquanto reprovadíssimo se vincula mais à temática da Vida Pessoal. Quando somos aprovados ou aprovamos alguma coisa queremos logo contar a novidade a todos, contudo, o mesmo não ocorre quando somos reprovados. Ou seja, notícias desagradáveis, tendem a não ser vinculadas com tanta frequência pela internet. Contrariando aquele famoso dito popular que diz que “notícia ruim chega rápido”, nosso corpus, através da baixa frequência de *types* com conotação negativa, parece evidenciar que não há tantas pessoas dispostas a serem porta-voz das más notícias, ou dos maus julgamentos.

Estando cientes da abrangência e limitações de nossos dados e tendo delimitado nossos procedimentos metodológicos, passemos à análise das Construções Superlativas Sintéticas de Estados Absolutos. Como um Estudo de Caso, sabemos os limites certos de nossas generalizações.

4. A CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA SINTÉTICA DE ESTADOS ABSOLUTOS COM O SUFIXO -ÍSSIMO: UM CASO DE DESENCONTRO MORFOLÓGICO

No presente capítulo, passamos à descrição da CSSEA como um par form-sentido, isto é, como um padrão construcional em seu habitat discursivo.

Sustenta-nos, como principal escopo teórico-analítico, os Modelos de Uso da Gramática das Construções (cf cap. 2). Nossa agenda analítica tem como guia as hipóteses apresentadas à Introdução e abaixo retomadas:

- a. A CSSEA é um caso de Desencontro/*mismatch* morfológico;
- b. A CSSEA é um padrão construcional produtivo do Português, não um fenômeno idiossincrático e irrelevante para o seu léxico.
- c. A CSSEA com o sufixo -íssimo é um dos padrões da Construção Superlativa Genérica (sintética ou analítica) de Estados Absolutos.

No cumprimento de nossa tarefa analítica, começamos por evidenciar a primeira hipótese acerca do Desencontro (seção 4.1). A seguir, passamos à descrição da CSSEA com o sufixo -íssimo como um padrão construcional, começando pelo seu pólo formal (seção 4.2), para, em seguida, descrever suas bases de significação semântica (seção 4.3) e pragmática (seção 4.4). Todas as análises terão suporte em evidências empíricas buscadas em base de dados reais do Português do Brasil, como anunciado no capítulo de metodologia.

4.1. A questão da integração conceptual e a emergência de um novo padrão construcional por Desencontro

Partindo de uma abordagem formalista acerca da integração conceptual, Rio-Torto (2006) marca como **agramatical** a ocorrência de sentenças como: “*está muito casado” e “*está muito acamado”. A autora diz que a leitura literal não é licenciada uma vez que estamos lidando com “adjetivos de estados que denotam situações encaradas como absolutivas num quadro de disjunções (ou se está ou não se está casado ou se está ou não se está acamado), e que não admitem, portanto, variações escalares” (RIO-TORTO, 2006, p. 111-112).

De fato, “a leitura literal” não é o esperado para tais construções, como veremos em nossas análises, mas, nem por isso, deixam de ser gramaticais. Considerada a perspectiva teórico-analítica do programa sociocognitivo e construcionista assumido neste estudo e a Hipótese Fraca da Composicionalidade – transparência e previsibilidade no processo de integração conceptual são, largamente, relativos (cf. Introdução e Cap. 2), não há como negar a existência de um aparente conflito semântico entre os constituintes da CEASS. Contudo, ao invés de se declarar, a agramaticalidade desse uso, estas expressões passam a ser vistas à luz do nomeado fenômeno do Desencontro (ou *mismatch*, nos termos de FRANCIS & MICHAELIS, 2000; MICHAELIS, 2004; TRAUGOTT, 2007). Como apresentado na seção 2.5, o Desencontro implica incongruências entre as propriedades semântico-formais, em nosso caso, entre o operador escalar, o sufixo de intensificação superlativa -íssimo, e o item lexical graduado por ele.

Construções desencontradas apresentam, em seu mapeamento de forma e função, elementos ou estruturas incongruentes (FRANCIS & MICHAELIS, 2000). Para tanto, construções consideradas harmônicas servirão de base para a identificação das construções desencontradas. Tal hipótese implica dizer, contudo, que o significado de construções mais específicas não se conforma ao significado previsto em regras de interpretação semântica de construções regulares, genéricas, demandando regras semânticas mais específicas. Como neste trabalho estamos lidando com o fenômeno da superlativização de estados absolutos, a construção que nos servirá de base é a Construção Superlativa Genérica.

De modo geral, as construções superlativas que estamos aqui chamando de harmônicas, graças a seu alto grau de gramaticalização em nosso idioma, já foram, de alguma forma, descritas pela tradição gramatical. Assim é que se sabe que são, fundamentalmente, constituídas a partir da integração e/ou fusão, analítica ou sintética, de um Núcleo Graduável (Adjetivo e (alguns) Advérbios) e de um Operador de Escala Superlativa (afixo, advérbio).

Nos termos da Gramática das Construções seria possível, então, considerar-se a existência de um padrão mais aberto ou genérico (cf. seção 2.4.2) para a rede das construções superlativas, que recobriria as combinações mais canônicas ou regulares do Português. Assim, é possível nos apropriarmos dos diagramas sintáticos propostos por Goldberg (1995, 2006) para o uso no campo morfológico e formalizar a Construção

Superlativa Genérica, uma construção abstrata, mais aberta, configurada da seguinte forma:

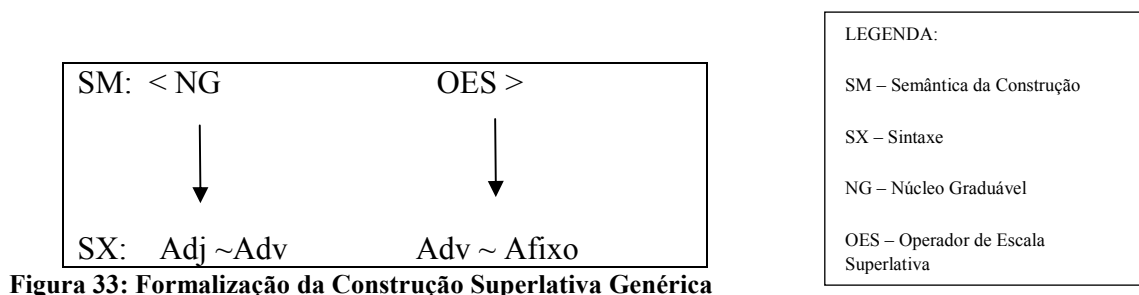


Figura 33: Formalização da Construção Superlativa Genérica

A formalização proposta no quadro acima mostra o esquema construcional (pólo do sentido e da forma) da Construção Superlativa Genérica. Tal construção recobre às estratégias morfológica (superlativo sintético) e lexical (superlativo analítico), altamente convencionalizadas, de expressão do superlativo nas classes dos adjetivos e do advérbio. Sabe-se que o Português também dispõe de outras estratégias lexicais menos gramaticalizadas e metafóricas para exprimir as gradações superlativas de diferentes classes gramaticais (como as apresentadas, por exemplo, por ALBERGARIA (2008) – *A **fera** do computador; o **gigante** dos refrigerantes*), mas dada a natureza de nosso objeto o foco específico desse estudo são padrões construcionais morfológicos.

Antes de prosseguirmos, e de modo a evitar equívocos analíticos, cabe aqui um parêntese para voltar a lembrar uma premissa nuclear aos Modelos de Uso da Gramática das Construções (cf. cap. 2). Trata-se da afirmação da dimensão nuclear do uso, o que implica, como vimos afirmando reiteradamente, considerar o papel do uso na arquitetura cognitiva do Léxico e da Gramática. Nesse enquadre, a realidade fundamental da linguagem é a enunciação de uma pessoa para outra em ocasiões particulares de USO.

Assim, a postulação de um padrão construcional como o acima formalizado significa dizer que tal padrão genérico emerge do uso diversificado e reiterado de instâncias concretas de expressões superlativas. São, pois, os parâmetros de produtividade e de convencionalização de tipos/*types* que sinalizam a emergência de padrões construcionais. O que significa dizer, nos termos de Goldberg (2006, p.22), que “as gramáticas não geram sentenças, são os falantes que o fazem”.

Nos termos assumidos, portanto, a presença altamente consolidada no Português de uma Construção Superlativa Genérica é o resultado de instanciações produtivas e

convencionalizadas, como os exemplos a seguir, que apresentam o adjetivo *divertido* como Núcleo Graduável com o qual se combina um Operador de Escala Superlativo (OES), que pode ser um Advérbio, como *muito*; um prefixo, como *super-* ou um sufixo, como o *-íssimo*.

(21) O jogo foi muito divertido.

Adv.	Adj
OES	NG

(22) O jogo foi superdivertido.

Pref.	Adj
OES	NG

(23) O jogo foi divertidíssimo.

Adj.	Suf.
NG	OES

O adjetivo “*divertido*”, núcleo das instanciações exemplificadas em (21), (22) e (23), é um típico exemplo de Núcleo Graduável. Ele estabelece com os itens de polaridades dentro do seu domínio conceptual – *frame* de Emoção (*Emotion_directed*¹⁵) – uma relação de **contrário** (ISRAEL, 2004); isso significa que o item de polaridade “*divertido*”, admite gradação e, assim, pode ser inserido em uma escala, que pressupõe outra:



Figura 34: Escalas *divertido/chato*

¹⁵ Disponível na *Framenet* em:
<http://framenet.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?banner=/fnReports/banner.html>

“*Muito divertido*”, “*superdivertido*” e “*divertidíssimo*” podem ser, pois, consideradas instanciações da construção superlativa canônica ou harmônica. Assim, é a partir da construção superlativa harmônica que vão se estabelecer as condições típicas, ou *defaults*, que servirão de base para a identificação das construções desencontradas.

Quanto aos Advérbios, as gramáticas do Português atribuem-lhe a flexão de grau superlativo, pontuando, no entanto, que tal flexão se dá de modo muito restrito nesta classe. Aplica-se aos advérbios *pouco/pouquíssimo*, *muito/muitíssimo* e a advérbios de modo como *muito bem*, *muito mal* (forma analítica), *malissimamente*, (sintética) ou a formas sintéticas derivadas de adjetivos superlativos como, *lentissimamente*, *rapidissimamente*, *pessimamente*. Quanto aos substantivos, sua gradação se estabelece de dois modos: aumentativo e diminutivo.

As construções desencontradas apresentam incongruências em relação às construções harmônicas, mas preservam, de alguma forma, sua estrutura básica. Assim, a CSSEA com -íssimo, objeto de nosso estudo, dentro de uma rede de heranças, constitui-se como um elo de uma rede mais ampla de construções – a Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos. Tal construção genérica, como não poderia ser diferente, emergindo do uso de novas criações e integrações lexicais, com distintos operadores de escala (advérbios e afixos como -íssimo, -aço, -errimo, super-, muito, dentre outros) se institui como uma herança do esquema genérico da Construção Superlativa do Português. Contudo, o novo padrão se diferencia do primeiro em um ponto crucial que o define como um Desencontro/*mismatch*, a saber, o caráter não graduável de seu núcleo.

Em síntese, as condições do desencontro de tal construção, formalizadas na Figura 11 abaixo, são as seguintes:

1. O núcleo apresenta peculiaridades quanto à estrutura que o constituiu. Enquanto as superlativas canônicas lidam com núcleos graduáveis (adjetivos e advérbios), as superlativas de estados absolutos têm como núcleo um adjetivo ou um substantivo ou um advérbio que remete a um estado absoluto e, por isso, a princípio, tem uma dimensão semântica não-graduável.
2. Fundamentalmente, o que muda na estrutura das Construções Superlativas de Estados Absolutos é, portanto, o caráter semântico de seu núcleo.

3. Em síntese, a Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos opera a integração e/ou fusão de um Núcleo Absoluto com um Operador de Escala Superlativa, como proposto na Figura 11 abaixo:

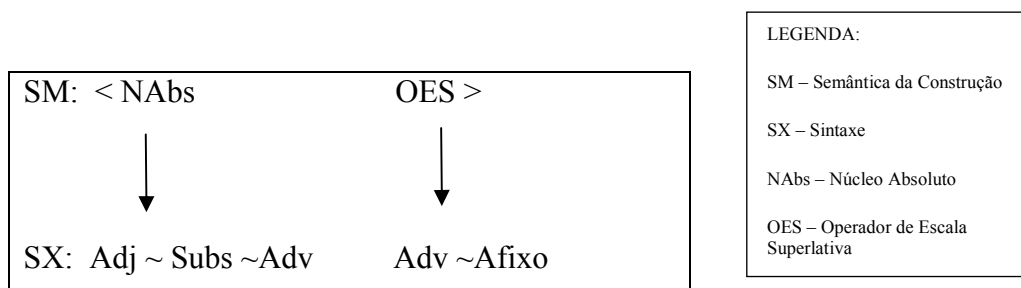


Figura 35: A Construção Superlativa Genérica (Sintética ~ Analítica) de Estados Absolutos

A Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos abrange, assim, tanto as construções analíticas quanto as sintéticas, com os mais diversos afixos, como demonstram os exemplos de (24) a (26):

- (24) Fazendo jus à minha condição de **solteirérrimo**, gosto de cozinhar. Gosto mesmo, de preparar qualquer coisa, arranjar os ingredientes, ...
farrapovelho.blogspot.com/2009_02_01_archive.html
- (25) Sou **casadão** agora. Se falar que a mulherada não é folgada, minha mulher vai dizer que é mentira... (risos) Mas estou sossegado nos últimos ...
www.terra.com.br/istoegente/224/entrevista/index_2.htm
- (26) o juiz roubar,descaradamente,um ponto q a bola foi **MUITO dentro** e a bandeirinha deu dentro tb desequilibra mentalmente qualquer time
forum.portaldovt.com.br

Contudo, conforme definição já explicitada de nosso objeto, nos ateremos apenas às construções sintéticas formadas a partir do sufixo -íssimo, aqui nomeadas como **Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo –íssimo**. Nesse sentido, extraímos de nosso banco de dados as seguintes instanciações do padrão construcional, demonstrado anteriormente:

- (27) Há muito tempo estava atrás de uma receita de bolo de milho que ficasse fofinho assim. Já fiz duas vezes aqui em ksa e foi **aprovadíssimo** por todos.

Adj.	Suf.
Nabs	OES

<http://www.dadivosa.org/2006/09/13/bolo-de-milho-super-caseiro/>

(28) Viviane Castro, **candidatíssima** a peladona do carnaval 2008

Adj. Suf.
Nabs OES

http://oglobo.globo.com/carnaval2008/rio/mat/2008/02/03/viviane_castro_candidatissima_pela_dona_do_carnaval_2008-425462090.asp

(29) Agora jah esta fora da disputa...**eliminadíssimo**,desclassificado...

Adj. Suf.
NAbs OES

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080817182243AApWGg>

O conflito/incongruência da construção pode ser compreendido a partir das relações de polaridades descritas por Israel (2004) e já, apresentados na seção anterior (cf. seção 2.6). Separadamente, o núcleo e o sufixo apontam para relações de polaridade diferentes. Por remeter a um estado absoluto, o item que constitui o núcleo vai estabelecer uma relação semântica de **contradição**. Isso significa que, em outros contextos, quando não há a presença de qualquer Operador de Escala, aquele item determinado não vai permitir gradação ou meio termo (*João é solteiro, enquanto Mário é casado; Apenas Maria foi aprovada no exame, os demais foram reprovados; Estou sem notícias de Carmem há meses, não sei se ela está viva ou morta.*). Já o sufixo -íssimo implica uma leitura escalar de seu núcleo, colocando-o no topo da escala. Essa leitura escalar que emerge a partir do uso desse sufixo, desloca o item de estado absoluto para o campo de relações de **polaridades contrárias**.

Dessa forma, então, estabelece-se a tensão no interior da Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos:



Figura 36: Tensão núcleo VS sufixo da CSSEA

Contudo, a visão holística que emerge do conceito de construção permite reconhecer que essa tensão, em vez de gerar agramaticalidade, faz emergir um novo padrão construcional no Português, com sentido e uso peculiares. Assim, podemos dizer que os Desencontros não criam incongruências semânticas, mas acabam atuando no

discurso como gatilhos para um ajuste de interpretação, fazendo emergir novas construções, com novas funções dentro do sistema lingüístico. O que se sobressai é, pois, o sentido da construção. Desse modo, o sentido da construção coage o sentido das partes (radical + sufixo) que a integram, gerando, assim, uma nova leitura.

Desse modo, nas Construções Superlativas Sintéticas de Estados Absolutos, as noções como *casado*, *solteiro*, *candidato*, *desempregado* e etc. passam pelo processo de reanálise quando se unem com o operador de escala superlativa –íssimo, deixando de ter relação de **contradição** e passando a constituir uma relação de **contrário**, o que permite, assim, sua leitura escalar.

Nesse sentido, da mesma forma que podemos traçar, entre os pólos de um mesmo domínio conceptual, uma escala graduando os itens em relação de **contrário**, tendo como um dos pólos um superlativo canônico, a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos também licencia a ordenação de estados em uma escala de pólos **contrários**, atribuindo grau a esses estados. Contudo, um dos pólos dessa nova escala será um superlativo desencontrado, como vemos na representação das escalas abaixo:

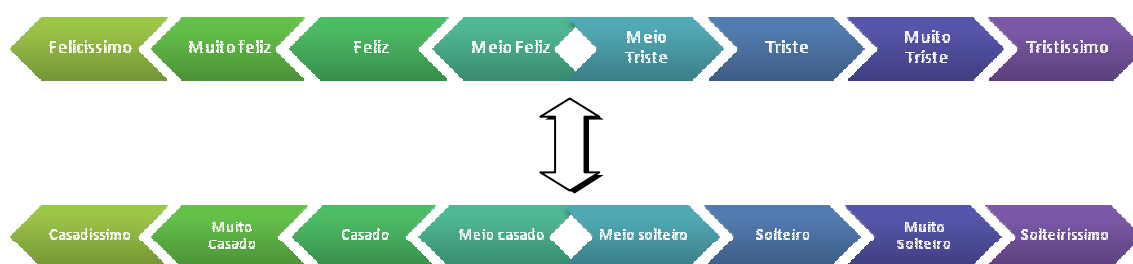


Figura 37: Relação entre a escala harmônica e a desencontrada

Nesse jogo, *casadíssimo*, *solteiríssimo*, *candidatíssimo* e *desempregadíssimo* passam a ser o topo da polaridade e apontam a noção prototípica (Lakoff, 1987) a que esses estados remetem. Na sessão 4.3, que trata da semântica da construção, voltaremos a essa questão. Na próxima seção tomaremos a descrição do polo formal da CSSEA, dando início, assim, à descrição do padrão construcional específico com o sufixo -íssimo.

4.2. O Polo da Forma

O percurso argumentativo dessa dissertação vem tentando equacionar a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos ao modelo de construção

proposto pela Gramática das Construções (Goldberg, 1995, 2006), definindo-a como um par de forma e sentido específico. Sendo assim, ancorados na definição de construção como unidade significativa maior ou menor que a palavra e no decorrente princípio da continuidade essencial entre Léxico e Gramática (cf. seção 2.1), buscamos estender os estudos propostos para construções sintáticas (de fato, a Gramática das Construções é um modelo sintático (cf. seção 2.4)) às construções morfológicas.

Passamos, então, na presente seção, a considerar o pólo da forma de nossa construção. Sabemos que, como uma unidade simbólica, ou como um signo, nos termos saussurianos, uma construção é um par indissociável. A divisão, pois, em cada um dos pólos que a institui, é uma estratégia didática, com objetivo de tornar mais clara a descrição proposta.

Como estamos diante de uma construção morfológica, uma vez que nosso recorte limita-se às construções sintéticas, o pólo formal de tal construção se define por três aspectos:

1. O tipo de sintagma (TS) de base que constitui o morfema lexical ou radical da construção mórfica;
2. O operador de escala superlativo – o morfema sufixal *-íssimo*;
3. A função sintática (FS) da construção.

Os dois primeiros aspectos respeitam à formação mórfica do novo lexema e o terceiro à sua função sintagmática no enunciado.

A CSSEA apresenta um padrão formal **prototípico**. Temos uma estrutura produtiva que irradia um padrão construcional XY, em que X é um sintagma adjetivo verbal e Y é um sufixo; em nosso caso, o sufixo *-íssimo*, como ilustram os exemplos de (30) a (33) abaixo:

(30) Solução aprovadíssima! Parabéns

X_{adj} Y_{suf}

http://www.danosse.com/?comments_popup=16266

(31) A morena Sheila Carvalho está casadíssima

X_{adj} Y_{suf}

<http://portaldaclube.globo.com/Albuns/listar.php?hash=9f0497ef97e95033598d14b88c696538&album=2&pag=10>

(32) Salão de Festas Aberto Salão prontíssimo e lindíssimo para a festança

$X_{adj} \quad Y_{suf}$

<http://curumins.nafoto.net/>

(33) Waack é preparadíssimo, mas, vendidíssimo.

$X_{adj} \quad Y_{suf}$

<http://colunistas.ig.com.br/luisnassif/2010/01/10/os-tres-pndhs-a-midia-e-a-folha>

Em relação à natureza dos sintagmas adjetivais, temos, majoritariamente, *types* deverbais. Dos 30 *types* investigados, 22 *types* (Tabela 8) são constituídos a partir do particípio passado (o particípio passado pode funcionar sintaticamente como adjetivo (MATEUS et al., 2003)). Em termos de frequência de ocorrência, do total de 1757 casos da CSSEA, temos 1.342 *tokens*, o que equivale a 76,5%.

1	aprovadíssimo(a)
2	assinadíssimo(a)
3	candidatíssimo(a)
4	casadíssimo(a)
5	combinadíssimo(a)
6	compradíssimo(a)
7	condenadíssimo(a)
8	confirmadíssimo(a)
9	desempregadíssimo(a)
10	eleitíssimo(a)
11	eliminadíssimo(a)
12	feitíssimo(a)
13	formadíssimo(a)
14	graduadíssimo(a)
15	mortíssimo(a)
16	nascidíssimo(a)
17	namoradíssimo
18	prontíssimo(a)
19	recomendadíssimo(a)
20	reprovadíssimo(a)
21	separadíssimo(a)
22	vendidíssimo(a)

Tabela 20: Types constituídos a partir do particípio passado

Fugindo, em parte, a tal padrão, temos oito (08) formas adjetivas não participiais. Quatro (04) ocorrem no *frame* de Relacionamento_Pessoal (*solteiríssimo*, *viuvíssimo*, *noivíssimo*, *namoradíssimo*), uma no *frame* de Morto_ou_Vivo (*vivíssimo*), uma também no *frame* de Maternidade (*gravidíssimo*) e duas no *frame* do Avaliação (*dentríssimo*, *foríssimo*). Nossa hipótese é de que se tratam de formações em decalque, isto é, em analogia com as formas já existentes no mesmo *frame* ou em outros. Destaque-se a ocorrência de um *type* na forma gerundiva – *namoradíssimo* – com apenas 3 ocorrências, em clara herança decalcada de formas participiais do mesmo *frame*, como *namoradíssimo*, *casadíssimo*.

Dentro deste padrão formal, como sintagma adjetivo, a CSSEA aparece, no corpus desempenhando função predicativa (34, 35 e 36) em Construções Estativas ou como adjunto adnominal, com valor atributivo (37, 38 e 39):

- (34) Olha no momento eu tou eh *desempregadíssima* da silva! Se souber de algum trampo me avisa ta?

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070724122941AA7CkFk>

- (35) Este aí em cima é o novo WinAMP 5 com seu skin default na versão reduzida, ele ainda está na Release Candidate 8 (pegue aqui >>) mas já está *aprovadíssimo!*

<http://wbloggar.com/diariodebordo/2003/11/26/winamp-2-3-winamp-5/>

- (36) Bárbara disparou: "Estou *solteiríssima* e vim aqui curtir a noite."

<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1411336-9798,00-BARBARA+EVANS+REENCONTRA+AFFAIR+EM+BOATE+E+DISPARA+ESTOU+SOLTEIRISSIMA.html>

- (37) Iron Maiden confirmadíssimo e com contrato *assinadíssimo* para as duas primeiras semanas de março no Brasil.

http://www.punknet.com.br/colunas/mostra_colunas.php?id_colunas=215

- (38) Tolinha Uma fofa que meche com dentes, botou na cabeça que aquele partidon *separadíssimo* e disputadíssimo está lhe dando bola

<http://www.nominuto.com/blog/getulio-soares/iii-bazar-de-natal-firulas/13590/>

- (39) Claudia Leitte, *gravidíssima*, cantando seu mais novo sucesso, "Beijar na boca".

<http://tvgloboblog.globo.com/extras/tag/beijar-na-boca/>

Quanto à função sintática, dentre as 1.757 ocorrências da CSSEA, os sintagmas adjetivos somam 1.622 (92,3%), distribuídos da seguinte maneira:

Função	Frequência	%
Adnominal	1072	66.1%
Predicativa	550	33.9%
TOTAL	1622	100.00%

Tabela 21: Distribuição Sintática dos SAdj da CSSEA

A formalização do pólo formal do padrão descrito pode ser posta nos termos seguintes:

	X	Y
TS:	SAdj (deverbal)	Suf (-íssimo)
FS:	Adnominal ~ Predicativo	

Figura 38: Padrão Formal Prototípico da CEASS

De fato, o comportamento sintático distinto sugere, nos termos da Gramática das Construções, dois padrões diferentes. Sem ignorar tal distinção, estamos formalizando tal diferença, contudo, de forma alternativa (Adnominal ~ Predicativo).

Dois outros comportamentos formais são evidenciados em nosso corpus, mas de modo bastante restrito.

O primeiro deles respeita às formas substantivas da CSSEA, que equivalem a 4,8% das ocorrências.

Temos o caso dos itens específicos dos *frames* de Relacionamento_pessoal e Maternidade – gravidíssimo, solteiríssimo, namoradíssimo, noivíssimo, viuvíssimo que, tendo como radical formas substantivas (*grávida, solteiro, namorado, noivo, viúvo*) atuam como Nomes Próprios, portanto, com SN substantivos (Figura 15), em funções sintáticas distintas, como núcleos de sujeitos, complementos, adjuntos, como ilustramos a seguir:

[X SN Y Suf –íssimo] SN-Nome Próprio

Figura 39: Padrão Formal das CSSEA como SN substantivos

- (40) A Noivíssima tem como objetivo atuar no mercado de trajes para casamentos, promovendo a felicidade, o bem estar e a segurança da noiva no dia mais feliz da sua vida!

<http://www.noivissima.com.br/>

- (41) Os alunos dos cursos de Graduação em Design de Moda e do Curso de Graduação Tecnológica em Design de Interiores da UVA participarão do evento Noivíssima, no Casa Shopping.

http://uvaonline.uva.br/mkt/cursos_de_moda/evento.asp?id=4702

- (42) A pagina tá no menu*** Gravidíssima *** ... é só clicar lá e vai direto para os textos... mas pode entrar tb pelo endereço novo

<http://cantinhoazul.zip.net/index.html>

- (43) Primeira parte do compacto dos melhores momentos da nova montagem de SOLTEIRÍSSIMA.

<http://www.solteirissima.com.br/>

Foram encontrados 56 *tokens* com *types* do tipo Nome Próprio. São nomes de lojas (40), eventos (41), blogs (42) e teatros (43). Equivalem a 3,2% do total de *tokens* da CEASS.

Além dos nomes próprios, a CSSEA também pode exercer a função de núcleo substantivo de outros tipos de SNs. Nesse caso específico, além dos *types* contidos no *frame* de Relacionamento_Pessoal e Maternidade – *casadíssimo*, *solteiríssimo*, *noivíssimo*, *gravidíssimo* – outro *type*, *candidatíssimo*, ainda que se apresente majoritariamente como adjetivo, ocorre também como substantivo. São 27 os *tokens* em que se registra a flutuação de tais formas como substantivo, como ilustram os exemplos de (44) a (49).

- (44) E as candidatíssimas a pior atriz da década são: Lindsay Lohan, Jennifer Lopez, Madonna, Mariah Carey e... Paris Hilton!!!

<http://www.extremedays.com.br/altoverao/comportamento.php?pagina=3>

- (45) A gravidíssima Claudia Leitte foi a grande sensação, durante a gravação do programa MTV na Rua, na Praça do Pôr do Sol, na capital paulista

<http://ofuxico.terra.com.br/materia/holofote/2008/07/24/claudia-leitte-para-a-praca-do-por-do-sol-86290.htm>

- (46) A **solteiríssima** Panicat Nicole Bahls estará no Paparazzo que vai ao ar no sábado, 31 com fotos de um ensaio pra lá de sensual.

<http://www.superperolas.com/fotos-da-panicat-nick-a-nicole-bahls-no-paparazzo/>

- (47) Os convidados foram por terra mesmo, incluindo o fenômeno Ronaldo e sua nova namorada, a modelo Raica, e o capitão do penta, o **casadíssimo** Cafu.

<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0%2C%2CAA1096425-4005-0-0-25122005%2C00.html>

- (48) Desfilando de aliança na mão direita os **noivíssimos** Niqueilaine Moraes Menezes e Hilton Gomes Filho.

<http://www.folhadonorte.com.br/site/ver.php?manchete=461>

- (49) Houve um tempo em que os dois **candidatíssimos** para sucessão do grão aiatolá Ruhollah Khomeini eram os grão aiatolás Hussein Ali Montazeri e Ali Khamenei.

<http://pedrodoria.com.br/2008/04/05/o-tse-nao-sabe-mas-3/>

Um terceiro padrão emerge ainda, em que o núcleo é um advérbio. Pouco frequente (52 ocorrências, 2,9%), este padrão ocorre apenas com dois itens lexicais específicos e, por sinal, pertencentes à categoria dos advérbios “invariáveis” – *fora e dentro* – como ilustram os exemplos abaixo

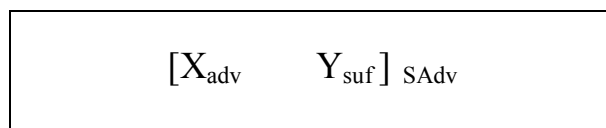


Figura 40: Padrão Formal das CSSEA com núcleo adverbial

- (50) O vendedor de caranguejo (Gordurinha), as divertidas Baile na Piedade (Jorge Veiga/Raul Marques) e Falsa patroa (Geraldo Jacques/Isaias de Freitas), além de mais *uma bola* **dentríssimo** do Luiz Carlos da Vila Profissão

$X_{adv} \quad Y_{suf}$

<http://www.marcelomoutinho.com.br/blog/2007/10/>

- (51) Tira essa idéia maluca de disputa da cabeça, viu Tatiana? Eu tô fora! - Fora?! Pois eu faço você *ficar* **dentríssimo**!

$X_{adv} \quad Y_{suf}$

<http://www.filhodomeio.blogger.com.br/>

- (52) Nem vou explicar o motivo disso ser *uma bola foríssima* das Lojas

X_{adv} Y_{suf}

<http://www.blogdojotace.com.br/demonstrao-de-dvds-em-blu-ray-players-nas-lojas-americanas/>

- (53) Depois, as mais céticas já vêm que o fulaninho é *carta foríssima do baralho*.

X_{adv} Y_{suf}

<http://www.interney.net/blogs/gravataimerengue/2003/02/>

Esse terceiro padrão formal com advérbio tem contexto de ocorrência delimitado a idiomas cristalizados, isto é, os itens *foríssimo* e *dentríssimo* integram um grupo de palavras que corresponde a uma unidade significativa, i.e., uma Unidade Lexical (UL) já idiomatizada na língua. Nesses casos temos as seguintes ULs polilexemicas: ^{estar/}ficar *dentríssimo*; ^{estar/}ficar *foríssimo*; ^{bola}*foríssima*; ^{bola}*dentríssima*; ^{por}*foríssima*; ^{carta}*foríssima*^{do baralho}; *foríssima*^{de controle}.

Uma marca curiosa em relação a tais *types* é um processo de flexibilização em gênero de advérbios ‘invariáveis’, registrado em algumas ocorrências (exemplos de 54 a 56):

- (54) Se nao tiver problema qto as suas leitoras e seguidoras internacionais, eu to *dentrissima* e quero MUITO participar!

<http://diadebeaute.com/2009/10/28/sorteio-de-niver-do-dia-de-beaute/>

- (55) bem, estão na maioria das vezes, em situações onde não temos 100% do controle, ou que estão totalmente fora de nossas rédeas. seja em um assalto (*forissimo* de controle), um salto de asa-deltas, um cavalo-de-pau num carro de corrida,

<http://bloglog.globo.com/blog/blog.do?act=loadSite&id=297&mes=2&ano=2009>

- (56) Um estádio de futebol com capacidade para 50,000 pessoas foi inaugurado em Taiwan. Até aí nada demais, se não fosse por uma bola *dentrissima*: 100% da energia utilizada pelo estádio é solar.

<http://blogblogs.com.br/tag/taiwan>

Em (54), *dentríssima* concorda com o gênero de quem está falando, que, devido ao morfema de gênero -a, concluímos ser feminino. Já em (55), *foríssimo* concorda com *um assalto* e, em (56), *dentríssima*, concorda com *bola*. Assim, além de graduado de forma superlativa, os núcleos da construção *fora e dentro* passam a ter masculino e feminino. Não foram encontradas ocorrências no plural. Uma vez que Sintagmas Adverbiais se caracterizam por serem invariáveis e Sintagmas Adjetivais se definem por serem variáveis em gênero e número e por concordarem com algum SN da oração (PERINI, 2010), uma clara decalcagem das formas adjetivas que constituem prototipicamente a CSSEA parece ser a explicação para tais ocorrências adverbiais. Dito de outro modo, temos uma herança por tipo (cf. seção 2.4.2), em que o padrão adjetivo, usado e reiterado, serve como modelo.

Assim, quanto aos padrões formais estabelecidos, a construção se estabelece dentro da seguinte distribuição:

		Frequência	%
padrão (i)	X _{adj} Y _{suf}	1622	92.3%
padrão (ii)	X _{subs} Y _{suf}	83	4.8%
padrão (iii)	X _{adv} Y _{suf}	52	2.9%
Total		1757	100.00%

Tabela 22: Padrões Formais da CSSEA

Nas próximas seções passamos à descrição do pólo de significação da CSSEA com sufixo *-íssimo*, começando pela sua constituição semântica (seção 4.3) para, em seguida, considerar seu ambiente discursivo, pragmático (seção 4.4).

4.3. A configuração semântica da CSSEA

Conforme apresentado no Capítulo 2, a Semântica de *Frames* busca explicar o significado a partir de uma interação entre o item linguístico e sua estrutura conceptual ou *frame* (FILLMORE, 1977). Dito de outro modo, tem-se em conta a tese largamente anunciada por Fillmore de que *os significados são relativizados às cenas*, o que significa dizer que a construção do significado de uma expressão linguística requer processos que ativem a cena conceptual em que ela se insere, de tal modo que para se

compreender um determinado conceito é preciso entender o sistema inteiro (PETRUCK, 1996, p. 01).

Desse modo, para explicar o pólo semântico de nossa construção, a primeira tarefa analítica consiste exatamente em desvelar as cenas conceptuais a que se vinculam os 30 *types* considerados no presente estudo. É o que trataremos na subseção 4.3.1. Na subseção 4.3.2, discutiremos os tipos de perfilamentos impostos pela CSSEA e, na 4.3.3, consideraremos a semântica do sufixo –íssimo.

4.3.1. A Construção e os *frames* emergentes

Como são diversos os *types*, também serão diversas as cenas conceptuais que integram a CSSEA. Nossas análises recortam doze (12) *frames* suscitados por esta construção mórfica. Uma vez que estamos diante de uma construção morfológica, os diferentes *types* são identificados, em primeira mão, pelos morfemas lexicais ou radicais, podendo, contudo, se multiplicarem na medida em que evocam diferentes dimensões semânticas em distintos contextos de ocorrência. É o que veremos pelo conjunto de *types* e seus respectivos *frames* apresentados na Tabela 11 abaixo:

<i>Types</i>	<i>Tokens</i>	<i>Frame</i>	<i>%</i>	<i>Exemplos</i>
aprovadíssimo(a)	419	Avaliação	46%	Release São Paulo, segunda-feira, 2 de outubro de 2006 Kaiser é aprovadíssima pelos consumidores
recomendadíssimo(a)	289			É rápido e você acha tudo o que procura. Recomendadíssimo!
condenadíssimo(a)	13			Avó de Isabella diz que Jatobá e Nardoni já estão 'condenadíssimos'
(bem/ mal)feitíssimo (a)	13			A escrita é uma cópia mal- feitíssima da língua.
reprovadíssimo(a)	12			David Lauren, vice-presidente-sênior da Polo Ralph Lauren, foi outro reprovadíssimo por sua escolha camisa com babados e calça de couro.
assinadíssimo(a)	11			Assinadíssimo embaixo do que a Miriam disse.... Sem tirar nem por uma vírgula.... => #9 - Elisandra em 15.12.07 at 11:12 pm
dentríssimo(a)	26			Passados os primeiros meses, já

				dá para ver que o projeto Cidade Limpa (que eliminou outdoors e diminuiu o tamanho dos letreiros comerciais) foi uma bola dentríssima do prefeito A monica me ofereceu uma campanha!v6 precisam ver q linda!Pra fazer mais amizades e tals.Adoooooooooooo!!Tô dentríssimo!!
foríssimo(a)	26			Comentário de: Rodrigo Cara, aí tu deu um bola foríssimo . As animações da DC não são nem um pouco voltadas à crianças ou retardados mentais, como tu erroneamente quis afirmar. Namorado com filho eu também tô fora, forríssimo . Depois, as mais cétricas já vêem que o fulaninho é carta foríssima do baralho. Moça, moçoila, mocérrima... Está por fora, por forríssima ...
solteiríssimo(a)	173	Relacionamento _ pessoal	17,2%	Gyselle está solteiríssima e não tem nada com o Henri Castelli
casadíssimo(a)	82			É mas, a rapaziada pode tirar o cavalinho da chuva, pois Abril é casadíssima , com o Deryck Whibley vocalista da banda Sum 41.
noivíssimo(a)	32			Todas estão noivíssimas .
namoradíssimo(a)	5			Namoradíssima ... =D 1 ano atrás (RESPOSTA PARA: Qual é a sua atual situação?)
viuvíssimo(a)	5			a Tita Cervera, antes capa chungosa da Interviú e hoje viuvíssima baronesa Thyssen-Bornemisza
namorandíssimo(a)	3			To NAMORANDÍSSIMO vc sabe
separadíssimo(a)	2			Eu nunca o vi mais gordo, mas posso traçar-lhe o perfil: uns 40 anos, separadíssimo e caladão
confirmadíssimo(a)	138	Estado_final	16,8%	Na novela Alessandra Maestrini, que tanto sucesso faz na pele da hilária empregada Bozena, no "Toma Lá Dá Cá", está confirmadíssima no elenco de "Bom Dia, Frankstein"
prontíssimo(a)	75			Salão de Festas Aberto Salão

				<i>prontíssimo</i> e lindíssimo para a festança de casamento!!!
combinadíssimo(a)	64			<i>Combinadíssimo</i> Mestre. Assim que tivermos alguma coisa, mandamos para a aprovação.
formadíssimo(a)	9			Não é uma opinião <i>formadíssima</i> , apenas um feeling...
feitíssimo(a)	8			você agora, na verdade, quiserem conhecer a minha nova casinha, causo quê logo eu me mudarei, o convite está <i>feitíssimo</i> ,
assinadíssimo(a)	2			Iron Maiden <i>confirmadíssimo</i> e com contrato assinadíssimo para as duas primeiras semanas de março no Brasil.
candidatíssimo(a)	156	Competição	9,4%	Viviane Castro, <i>candidatíssima</i> a peladona do carnaval 2008
eleitíssimo(a)	7			Aécio Neves, <i>eleitíssimo</i> em Minas Gerais, berço de prudentes e presidentes, chegou a apregoar que ele mesmo era Alckmin
eliminadíssimo(a)	2			Espanha, favoritíssima, volta ao passado de sempre, <i>eliminadíssima</i> . Ninguém esperava que os EUA chegassem à semifinal.
gravidíssimo(a)	118	Maternidade	6,7%	<i>Gravidíssima</i> , Gisele Bündchen brinca com o enteado
vivíssimo(a)	30	Morto _ ou _ vivo	2,2%	ela nao morreu nao ela esta <i>vivíssima</i> kelly eu sou a sua fan
mortíssimo(a)	08			Nós, como indivíduos, certamente estaremos <i>mortíssimos</i> e nem poeira restará.
graduadíssimo(a)	9	Formação_ profissional	0,8%	Talvez poucos de vocês, queridos leitores, saibam disso mas eu sou <i>graduadíssima</i> em mergulho.
formadíssimo(a)	5			O engraçado é que mesmo <i>formadíssima</i> e operante levei um tempo para mergulhar de peito aberto nesse universo das palavras.
compradíssimo(a)	4	Moralidade	0,4	O árbitro estava <i>compradíssimo</i> pelo Eurico.
vendidíssimo(a)	2			Waack é preparadíssimo, mas,

				<i>vendidíssimo.</i>
compradíssimo(a)	5	Cena_comercial	0,3	Meu ingresso está <i>compradíssimo...</i>
assinadíssimo(a)	2	Autoria	0,1	A decoração será toda em clima de Copa do Mundo, <i>assinadíssima</i> por Saulo Souza, um expert no assunto.
recém-nascidíssimo(a)	1	Nascimento	0,05	Cara de joelho, esta é boa! Sim, eu acho, se tratando de recém <i>nascidíssimo</i> mesmo!
desempregadíssimo(a)	1	Trabalho	0,05	Olha no momento eu tou eh <i>desempregadíssima</i> da silva!
Total: 1.757				

Tabela 23: Os Frames emergentes da CSSEA

Como podemos comprovar, os radicais que constituem a construção parecem apontar para diversos estados em diferentes domínios conceptuais: Avaliação; Relacionamento_Pessoal; Estado_Final; Competição; Maternidade; Morto_ou_vivo; Formação_profissional; Moralidade; Cena_comercial; Autoria; Nascimento e Trabalho. Além disso, a separação dos *frames* mostra que estamos diante de mais unidades lexicais (ULs, cf. sessão 2.3) do que lexemas. Assim, lexemas como *compradíssimo*, por exemplo, fazem emergir mais de um *frame*, de acordo com a situação em que se encontram (Cena_comercial e Moralidade), dando, assim, origem a unidades lexicais diferentes.

Conforme já anunciamos (cf. seção 2.3.1), a *FrameNet* constituiu-se como nossa fonte de busca de *frames*, ainda que em Inglês. Nela encontramos descritos os *frames* seguintes: Personal Relationship / Relacionamento Pessoal/ (descrito a seção 2.3.1), Dead_or_alive / Morto_ou_vivo, Competition/ Competição, Birth / Nascimento (cf. anexo 1). Alguns dos *frames* propostos no quadro acima, no entanto – em especial o *frame* de Avaliação – são, de fato, um enquadramento amplo de cenas que poderiam ser perspectivadas de outras maneiras. A dificuldade em lidar com tais rótulos de modo mais rigoroso é grande ante a ausência de descrição destes *frames*. A tarefa de descrevê-los também não caberia nos limites do presente estudo. Acresce-se a isto o grande número de dados que constitui nosso corpus específico.

Passamos, assim, às considerações **possíveis** acerca da natureza semântica dos principais *frames* apresentados.

Em relação ao *frame* que estamos nomeando como Avaliação, que inclui 46% dos *tokens* encontrados, temos uma ampla cena avaliativa que implica um EF Avaliador, que emite um juízo de valor sobre um EF Avaliado que pode ser uma pessoa, um objeto, uma situação ou um serviço. As UL's que acionam a CSSEA são os predicadores/atributos da cena e, como tais, expressam um juízo de valor.

Esse juízo de valor pode ser positivo ou negativo. Foram encontradas quatro ULs que remetem a um juízo positivo (*aprovadíssimo*, *recomendadíssimo*, *assinadíssimo*, *dentríssimo*) e três que remetem a um juízo negativo (*condenadíssimo*, *reprovadíssimo*, *foríssimo*). Além dessas, temos a UL *feitíssimo* que pode remeter a um juízo positivo ou negativo dependendo do advérbio com que se relaciona (bem/mal).

Abaixo temos a identificação dos EFs em alguns exemplos do *frame* de Avaliação:

(57)	a qualidade da cerveja Kaiser,	considerada <u><i>aprovadíssima</i></u>	pelos consumidores.
Avaliado			Avaliador

<http://twitter.com/caveantiga>

(58)	ter sido meu ato	<u><i>reprovadíssimo</i></u>	por todos.
Avaliado			Avaliador

http://www.comercioartes.com.br/interna.asp?cod_secao=5

(59)	O Arraial do Ouro está	<u><i>recomendadíssimo</i></u>	por nós.
Avaliado			Avaliador

http://www.apoema.com.br/arraial_do_ouro2.htm

A frequência de ocorrência/*token* majoritária dos *types* desse *frame* tem, nos termos de Israel (2004, p. 703, cf. Cap. 2), uma relevante justificativa pelo fato de que grande parte, se não todos os domínios conceptuais mais básicos serem escalares por natureza. Domínios perceptual, emocional e **experiências avaliativas** de todos os tipos, e as palavras que usamos para descrever tais experiências refletem essa “escalaridade”. Nesse sentido, o *frame* de Avaliação apresenta os *types* mais convencionalizados (*aprovadíssimo* – 419 *tokens* e *recomendadíssimo* – 289 *tokens*).

O *frame* de Relacionamento_pessoal (cf. Cap. 2), que reúne 8 *types*, é o segundo em relação à frequência de *tokens* (29,9%). Como os *types*, sintaticamente, têm

função de adjetivo ou nomes, podem representar, como nomes, os EF's Parceiro1, Parceiro 2 ou Parceiros, e, como adjetivos, são predicadores/atributos da cena, como demonstram os exemplos abaixo:

(60)	Minha personagem está	<u>solteiríssima</u>	Ø
Parceiro_1			Parceiro_2

<http://live-malhacao.blogspot.com/>

(61)	Angelina Jolie-	<u>casadíssima</u>	com Brad Pitt
Parceiro_1			Parceiro_2

http://gente.ig.com.br/materias/2008/01/02/angelina_jolie_revela_um_grande_medo_de_sua_vida_1134944.html

(62)	os <u>noivíssimos</u>	Niqueilaine Moraes Menezes	e Hilton Gomes Filho
Parceiros			

<http://www.folhadonorte.com.br/site/ver.php?manchete=461>

Em relação ao *frame* que rotulamos como Estado _final (16,8%, 296 *tokens*, 6 *types*), as UL's remetem ao resultado, ao estado final de um processo ou a uma ação concluída. Como ilustram os exemplos de (63) a (65) abaixo:

(63) dos gatinhos que já foram cuidados e estão **prontíssimos** para adoção

<http://blog.bichonoparque.com.br/2007/11/22/>

(64) No time de atrações, já estão **confirmadíssimas** as bandas Jammil,

NxZero, Cláudia Leitte e Biquíni Cavadão!!!

<http://www.marafolia.com/festival.php>

(65) Iron Maiden confirmadissimo e com contrato **assinadíssimo** para as duas primeiras semanas de março no Brasil.

http://www.punknet.com.br/colunas/mostra_colunas.php?id_colunas=215

Em relação ao *frame* de Competição, descrito pela *Framenet* (cf. anexo 1), cabe considerar que estamos incluindo nele todos os tipos de eventos competitivos que

emergem através da CSSEA, quais sejam, esporte, beleza e política¹⁶, como ilustram os exemplos de 64 a 66 abaixo. Com produtividade mais baixa, apenas 3 *types*, esse *frame*, no entanto, tem uma frequência de *tokens* significativa (165 *tokens* – 9,4%), mas situada no *type candidatíssimo*, que equivale a 156 das 165 ocorrências.

(66)	Viviane Castro,	<u><i>candidatíssima</i></u>	a peladona do carnaval
Participante			Competição (beleza)

http://oglobo.globo.com/carnaval2008/rio/mat/2008/02/03/viviane_castro_candidatissima_peladona_do_carnaval_2008-425462090.asp

(67)	onde (governo de São Paulo)	serra estava	<u><i>eleitíssimo</i></u>
Competição (política)		Participante	

<http://www.blogdoalon.com.br/2009/10/um-jogo-por-ser-jogado-1110.html>

(68)	A Espanha, favoritíssima	volta ao passado de sempre, <u><i>eliminadíssima</i></u> ,	da disputa.
Participante			Competição (esportiva)

<http://www.tribunadaimprensa.com.br/?m=20090624>

Como já foi explicitado na descrição do pólo formal da CSSEA (cf. sessão 4.2) os *types* que envolvem os advérbio *dentríssimo* e *forríssimo* constituem expressões idiomáticas da língua. Do ponto de vista semântico, cabe uma consideração especial sob o caráter metafórico de dentro/ fora que remetem ao esquema imagético de container. Esse esquema tem como elementos estruturais – INTERIOR (1), FRONTEIRA (2), EXTERIOR (3), como o diagrama abaixo exemplifica:

¹⁶ Apesar de a *Framenet* postular para as competições políticas um *frame* específico, neste trabalho, estamos enquadrando esse tipo de competição junto com as demais, buscando uma maior economia e a partir de uma perspectiva mais ampla da cena.

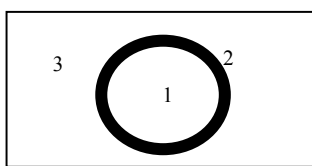


Figura 41: Diagrama do esquema imagético do container

Assim, esses esquemas projetam-se, através de metáforas espaciais, em muitos campos conceituais abstratos, como relações pessoais (*saiu do casamento*), empresariais (*entrou no negocio*), dentre outras muitas formas de relações e/ou associações por ideias, ideais, trabalho etc.

Os casos de CSSEA formados a partir de *dentríssimo* e *foríssimo* constituem-se como metáforas desse tipo. Estamos lidando com sentidos metafóricos que põem em jogo dois domínios conceptuais. O primeiro, evocado pela construção *dentríssimo/foríssimo*, faz emergir o esquema imagético do container e os elementos estruturais INTERIOR e EXTERIOR – ou se está dentro ou se está fora do container. O outro domínio, demarcado pela FRONTEIRA do container, se refere às situações, ideias, posicionamentos avaliadas nos enunciados pela CSSEA. Assim, emerge o sentido metafórico dos idiomas, como ilustram os exemplos abaixo:

- (69) Rodrigo Cara, aí tu deu um bola *foríssimo*. As animações da DC não são nem um pouco voltadas à crianças ou retardados mentais, como tu erroneamente quis afirmar.

http://www.interney.net/blogs/melhoresdomundo/2009/09/16/super_e_metallo_quebrando_o_pau_em_inimi

- (70) Falou em fedorento e falador de palavrão eu tô *foríssima* amigo, os outros adjetivos até quem sabe?

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081026120030AAhMYED>

- (71) Um estádio de futebol com capacidade para 50,000 pessoas foi inaugurado em Taiwan. Até aí nada demais, se não fosse por uma bola *dentríssima*: 100% da energia utilizada pelo estádio é solar.

<http://blogblogs.com.br/tag/taiwan>

- (72) Agora, campanha pra voto nulo? Tô *dentríssimo*! Pra mim é a melhor arma pra quem é obrigado a votar e não foi convencido por nenhum dos candidatos.

<http://forum.brasilecola.com/index.php?act=findpost&pid=48650>

O que determina se estamos dentro ou fora do container é o julgamento/ avaliação que fazemos dessa situação. Assim, *dar uma bola dentro* ou *estar dentro* de uma campanha sinaliza um certo grau de concordância/ aprovação, enquanto *estar fora* de um relacionamento ou fazer um comentário do tipo *uma verdadeira bola fora* sinaliza o grau de discordância.

Como discutido anteriormente, a CSSEA legitima uma leitura de gradação superlativa de estados absolutos através do fenômeno do desencontro/*mismatch*. Dessa forma, o desencontro é identificado quando o *frame* do radical da construção, caracterizado como estado absoluto, não pode, a princípio, licenciar uma leitura escalar. O sentido imposto pela construção acaba, contudo, por prevalecer, autorizando a gradação superlativa desses itens.

A identificação dos *types/ tokens* da CSSEA, contudo, não é uma tarefa simples. Consideremos os exemplos abaixo:

- (73) a. Muniz ! A informação que tenho para lhe dar, pode ser boa ou pode ser ruim. Se o BUJÃO (INFANTARIA DA MINHA TURMA 163^a, ALIÁS SOU IG TAMBÉM) estiver lhe devendo grana, a notícia é boa pois ele está ***vivíssimo*** e se voce estiver devendo dinheiro a ele, é problema. Constantemente ligo para ele. Atualmente ele não está morando em Rio das Ostras mas sim em São Pedro D'Aldeia.

<http://www.reservaer.com.br/gblnew/index.php?paginaAtual=68&qtosPagina=10>

- b. encontramos uma série de edifícios coloniais, uns vermelhos ocre, outros de um azul ***vivíssimo***, outros ainda verdes ou amarelos

<http://andessemparar.blogspot.com/2010/08/lima-la-fea.html>

É através da ativação do *frame* que estabelecemos os estados graduáveis ou não-graduáveis. Então, em (73)a, o *frame* que o adjetivo *vivíssimo* suscita é o de Vivo_ou_morto. Sendo assim, o estado *vivo* não admite gradação – ou se está vivo ou se está morto. Caracteriza-se, então, um estado absoluto e *vivíssimo*, em (73)a, constitui-se como uma ocorrência da CSSEA. Contudo, em (73)b, o *frame* emergente é outro, uma vez que *vivíssimo* está sendo usado com uma conotação metafórica, correspondente a “forte” ou “intenso”. Temos, então, uma nova cena, diferente da apresentada pelo primeiro exemplo - um *frame* intensidade de COR, que permite uma gradação – fraca/

fraquíssima; forte/ fortíssima, viva/ vivíssima. Em analogia, cores vivas e mortas também podem ser graduadas nesse *frame*.

Além da questão dos sentidos metafóricos, teremos ainda que distinguir, nos casos de ocorrências de sintagmas adjetivos deverbais, a leitura de grau, definidora da CEASS, de uma outra leitura, típica do padrão canônico das superlativas, demonstrada nos exemplos abaixo:

- (74) a. Carinha de santa, JULIA ROBERTS, 41 anos, foi pedir a bênção ao guru indiano Swami Dharam Dev antes de começar a filmar Comer, Rezar, Amar, baseado no **vendidíssimo** livro da americana Elizabeth Gilbert, 40.

<http://veja.abril.com.br/300909/gente.shtml>

- b. E pra garantir eu marquei com um médico que me *foi* **recomendadíssimo**, pq todas me disseram q ele acertou os palpites!!

www.e-familynet.com/.../h1-nosso-point-vamos-bater-papo-h1--vt275163.html

Note-se que nos exemplos (74) a-b não há qualquer desencontro na construção destacada. Apesar de ter exatamente o mesmo radical e o mesmo sufixo das CSSEA (vendid-/ recomendad- + -íssimo), tem-se, de fato, cenas graduáveis. Parafraseando a cena, teríamos um livro pouco ou muito vendido. O mesmo para o recomendadíssimo – um médico muito/ muitas vezes recomendado.

Assim, não há incongruências nessas construções, em que o grau atribuído aos estados remete a uma escala intensificadora de uma propriedade de natureza deverbal imputando à cena a idéia de **freqüência** – o aspecto reiterativo, de quantidade de vezes em que a cena se repete. A cena evocada pela CEASS difere dessa na medida em que **não evoca freqüência** e, sim, **qualidade do estado** – uma avaliação qualitativa, envolvendo um processo marcado pela subjetificação (processo semântico-pragmático que demarca a necessidade de expressão pessoal – crenças e atitudes do falante (TRAUGOTT, 2007)) – ante o processo de significação (cf seção 2.5), como mostram os exemplos (75) a-b:

- (75) a. Olha a passagem ta **compradíssima** e essa semana to resolvendo a inscricao do workshop, contando os dias e fazendo inveja nos amigos que por aqui ficam!

<http://www.andersonmiranda.com.br/blog/2009/05/22/gabriela-eduardo-ensaio-o-video/>

b. Quase dormi no filme... ***Recomendadíssimo*** à um inimigo!!!

<http://cinema.yahoo.com.br/filme/13409/deualoucanachapeuzinho>

Assim, apesar das semelhanças formais entre os exemplos em (74) e (75), temos funções semânticas diferentes em cada um dos grupos. Os exemplos contidos em 74 lidam com a frequência, o número superlativo de vezes que uma determinada cena ocorreu, podendo trazer também à cena uma avaliação qualitativa. Trata-se de instanciações do padrão canônico da Construção Superlativa Genérica do Português (cf. seção 4.2). Já em 75, a leitura de frequência não é autorizada e a de qualidade do estado cria uma tensão na estrutura da construção, constituindo-se o *mismatch*. Em 75a e 75b, *compradíssima* e *recomendadíssima* não remetem à frequência, à reiteração da cena e, sim, à qualidade, ao engajamento subjetivo do enunciador.

4.3.2. Os perfilamentos da CSSEA

É bem verdade que os diferentes radicais da CSSEA evocam distintos *frames*. Contudo, a construção traz um novo significado (avaliação qualitativa) que se impõe ao significado do radical e do sufixo -íssimo, sem desconsiderar, contudo, o significado de cada uma dessas partes. Assim, o resultado gestáltico, para o qual contribuem o sentido da construção e dos elementos mórficos que a integram é maior que a soma de suas partes.

Sendo assim, a CSSEA, para dar conta de sua tarefa semântico-pragmática de avaliar a cena de modo superlativo, vai dar aos *frames* evocados pelos radicais um novo perfilamento (LANGACKER, 1987). A noção de perfilamento traz uma significativa contribuição para esse estudo, na medida em que permite uma interface com a teoria psicológica da gestalt e sua oposição entre *figura/fundo* (SILVA, 1997). Nesse sentido, certos traços semânticos são enfatizados, criando a figura, enquanto os outros ficam fora de foco, constituindo o fundo.

O que temos com as CSSEA é uma escolha de configuração variável entre figura e fundo, colocando em foco ora as Partes ou atributos que constituem os estados, ora o estado como um Todo, em sua nova dimensão significativa. Na tentativa de organizar tais ocorrências, estamos, assim, postulando a presença de dois tipos de perfilamento

nos contextos discursivos da CSSEA, quais sejam: i. Perfilamento por Traços; ii. Perfilamento por contradição.

Começando pelo Perfilamento por Traços, tomemos então a noção de solteiro. Por definição, solteiro é aquele “*não envolvido em um relacionamento romântico ou sexual estável*”¹⁷ (tradução nossa).

A definição da *Framenet* perfila o *frame* de Relacionamento_pessoal, por isso, seu enfoque é na relação que um “solteiro” estabelece entre as pessoas. Contudo, ser “solteiro” demanda alguns outros atributos. Quando a construção “solteiríssimo” é utilizada esses outros atributos, que não apenas o de estar envolvido em um relacionamento estável, entram em foco no contexto enunciado, ou seja, no seu habitat discursivo. Traços como vida social (tipo de programa), idade, estado emocional (felicidade), características físicas, etc são colocados em foco na cena, como ilustram os exemplos abaixo:

(76) Bárbara disparou: "Estou **solteiríssima** e vim aqui curtir a noite."

<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1411336-9798,00-BARBARA+EVANS+REENCONTRA+AFFAIR+EM+BOATE+E+DISPARA+ESTOU+SOLTEIRISSIMA.html>

(77) **Solteiríssima**, Perlla se joga na pista de dança ao lado de ator

<http://extra.globo.com/lazer/retratosdavidia/posts/2009/06/15/solteirissima-perlla-se-joga-na-pista-de-danca-ao-lado-de-ator-195625.asp>

(78) Cissa Guimarães, 51 anos, está '**solteiríssima** e felicíssima'

http://contigo.abril.com.br/flagra/galeriaflagras_290890.shtml?ft=4p

Logicamente, em nenhum dos exemplos anteriores se perde a noção do Relacionamento_pessoal, ou seja, os solteiríssimos dos exemplos (76) – (78) continuam sem estabelecer qualquer tipo de relacionamento estável com alguém. Contudo, o que esses exemplos, explicitamente, evidenciam é a emergência de um novo foco para outros atributos que anteriormente mais periféricos à definição do EF Solteiro.

Os exemplos (76) e (77), de certa forma, se completam; se por um lado o exemplo (76) enfoca a programação de uma solteiríssima, sair para curtir a noite, o exemplo (77) destaca sua atitude, de dançar na companhia de um possíveis

¹⁷ Definição oferecida pela *Framenet*. COD: not involved in a stable romantic or sexual relationship.

pretendentes. O exemplo (78) destaca, por sua vez, a questão da idade. Além da idade, o exemplo (78), também destaca o estado de espírito do indivíduo, *felicíssima*, e liga, de certa forma, esse estado de espírito com o estado civil.

O mecanismo do Perfilamento por Traços, atua, pois, quando traz à tona, como figura, atributos como os exemplificados anteriormente e os coloca em lugar de destaque na constituição significativa. Ou seja, se esses atributos não são necessários para se definir um *solteiro*, para a definição de um *solteiríssimo* eles são **fundamentais**. Apesar da co-ocorrência da idéia de Relacionamento_pessoal, uma vez que um *solteiríssimo* é também uma pessoa que não possui um relacionamento estável assim como *solteiro*, o mecanismo de perfilamento possibilita o destaque de outros atributos que constituem o solteiríssimo.

Da mesma forma, com outros *types*, de outros *frames*, atributos periféricos vão para o primeiro plano no enunciado, como os exemplos abaixo podem demonstrar:

- (79) Agora jah esta fora da disputa...*eliminadissimo*,desclassificado...
concorrência esmagou vc amigo...ou vc acha mesmo que uma mulher lindissima,gostosissima,inteligente e td de bom iria ficar esperadn oo amiguinho mudar...!??!

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080817182243AAapWGg>

- (80) Tenho uma amiga q por sua vez tem um tio q ja fez 10 provas de legislação (CNH),e em todas ele é *reprovadissimo*.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061110193353AA3Im7s>

- (81) Ou volte para à nossa página inicial Dados Perguntas Encaminhar SITIO *FORMADISSIMO* COM 6 LAGOS [www. nereuimoveis. com.br](http://www.nereuimoveis.com.br) Cote e compare para sua economia Consórcio de Imóveis Compare agora: cote um Consórcio e receba propostas competitivas.

<http://www.quebarato.com.br/classificados/sitio-formadissimo-com-6->

Em (79), *eliminadíssimo* diz respeito à forma como se perdeu a disputa, ou seja, foi de forma vergonhosa – “perdeu feio”, como se diz em linguagem popular. Em (80), o superlativo de *reprovado* destaca o número que vezes em que isso aconteceu; mesmo com tantas tentativas, a pessoa não chegou nem perto de ser aprovada. Por fim, em (81), *formadíssimo* remete à noção de completude, do sítio ter tudo aquilo de que se precisa,

incluindo seis lagos. Temos, nesses casos, portanto, um Perfilamento por Traços – em que Partes são colocadas como figura, para dar uma nova e enriquecida configuração ao Todo.

Contudo, nem sempre ocorre esse perfilamento por traços, mas, sim, **por Contradição**. O exemplo da CSSEA, focalizado em seu valor prototípico, superlativo, é colocado em contraposição a um estado contraditório, como ilustram os exemplos a seguir:

(82) Victor está **solteiríssimo**, enquanto Leo é **casado** e tem um filhinho.

<http://www.victoreleofans.com.br/curiosidades-sobre-victor-e-leo/>

(83) com isso,o psdb **vai perder** o governo de são paulo, onde serra estava **eleitíssimo**, e a presidência da república.

<http://www.blogdoalon.com.br/2009/10/um-jogo-por-ser-jogado-1110.html>

(84) A Espanha, **favoritíssima**, volta ao passado de sempre, **eliminadíssima**

<http://www.tribunadaimprensa.com.br/?m=20090624>

(85) E citou o exemplo de João Henrique, também **reprovaíssimo** em 2008 e que ainda assim **conseguiu a reeleição**

<http://www.pimentanamuqueca.com.br/>

Os fragmentos em negrito marcam o ponto em que estabelece o contraste com a construção. Assim, em (82) *solteiríssimo* se contrapõe a *casado*, em (83), o contraste se dá entre *perder* e *ser eleito*, da mesma forma que, em (83), ele se estabelece entre *favorito VS eliminado* e, por fim, (85) estabelece um contraponto entre *reprovado – reeleito*. O superlativo, aqui, de certa forma, realça esses contrastes e por isso, falamos em um Perfilamento por Contradição.

A noção de protótipo se torna fundamental tanto no Perfilamento por traço quanto no Perfilamento por contradição. Na verdade, o significado de “*ser casadíssimo*”, “*ser recomendadíssimo*”, “*estar aprovaíssimo*” e etc., para além de identificar um estado, atribui-lhe propriedades consensuais, idealizadas e por isso aponta em direção à noção de protótipo. Assim, declarar-se “*casadíssima*” ou “*solteiríssima*” vai além de dizer o seu estado civil. Da mesma forma, anunciar uma gravidez dizendo “*Estou gravidíssima!*” é mais que reportar o estado em que se encontra. O sentido da CSSEA se dá a partir do momento que esse novo perfilamento é

instituído e temos um novo enfoque dos elementos com base no que consideramos ser o melhor exemplo de determinada categoria. Vejamos os exemplos do *type casadíssimo*:

- (86) Pois apaixonei-me “a sério” aos 21 anos e em dois meses estava **casadíssima**, com **igreja, papel e sobrenome novo**.

<http://www.quandoadoroadeus.com.br/integrantes/index.html>

- (87) Pois é, não que "ele" não seja casado, porque, apesar de eu **não ter notado a presença da aliança, o fato dele ter comentado que seria avô em breve** (preciso da fórmula da juventude que ele usa, não dava mais de 40 anos, e, PLU o cara já é avô!) já fez minha cabeça platinada reluzir sobre a hipótese dele ser **casadíssimo**.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080327051917AAdtEAM>

- (88) a gente tá casado, **casadíssimo**, comprometido. **sem cartório, igreja, anel, essas coisas todas, mas com uma casa comprada meio a meio**

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080920163857AAhrXFi>

- (89) A moça é **casadíssima** com Alceu (Nuno Leal Maia), mas **não consegue se manter fiel**.

<http://claudia.abril.com.br/materias/2951/?pagina7&sh=26&cnl=13&sc=32>

- (90) Meus **estado civil é divorciada**, mas **moro junto faz 3 anos** e me considero **casadíssima**. O papel não importa e sim a felicidade. Também vc pode ser casada sem morar junto e ser solteira morando com alguém. Depende de suas atitudes e sentimentos.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080616133028AAF2uxB>

Os exemplos acima mostram situações que lidam com a questão das expectativas que o estado de ser casado implica ou não, trazendo à tona a noção do protótipo. De modo resumido, o protótipo de estar casado envolve a noção de constituir uma família (pai, mãe, filhos), morar na mesma casa, ser fiel, amar o parceiro, ficar junto para sempre e etc., também envolve uma série de eventos sociais que legitimam a união, como a ida ao cartório, a cerimônia religiosa, a troca de alianças e a festa de comemoração.

Em (86), um conjunto de traços ressalta o padrão dos eventos sociais, enquanto em (87) faz-se, também por traços, a seguinte ligação: o fato de ele ser avô o insere em uma família e a noção de família está ligada ao estado de ser casado. Nos três últimos

exemplos (88 – 90), as sentenças envolvem a quebra de expectativa do protótipo. Assim toma-se o protótipo como padrão e afastam-se os atributos especificados dessa noção. Em (88), “a gente tá casado, casadíssimo, comprometido. sem cartório, igreja, anel, essas coisas todas, mas com uma casa comprada meio a meio.”, ao contrário do que aconteceu em (86), a expectativa quanto à realização dos eventos sociais é quebrada e, em (90), “Meus estado civil é divorciada, mas moro junto faz 3 anos e me considero casadíssima.”, temos alguém que é casada pela segunda vez, por isso foge do padrão. O que os exemplos (88) e (90) demarcam é um alargamento na categoria de “estar casado”. Essa proposta não aparece tão marcadamente em (89), “A moça é casadíssima com Alceu (Nuno Leal Maia), mas não consegue se manter fiel.”. Na verdade, o emprego de “casadíssima”, no exemplo (89), ao mesmo tempo em que enfoca o protótipo de alguém casado também ressalta, de forma veemente, a inserção do sujeito no estado de casado, a fim de contrastar sua atitude com a esperada de alguém em sua situação. Nesse sentido, a sentença (89) nos diz “a moça não é fiel, essa não é uma atitude esperada de alguém que é casada”. Apesar de tudo, em todos os exemplos, o caráter de se estar casado não é comprometido, pelo contrário, é fortemente reafirmado.

Como é possível comprovar, os tipos de perfilamento presentes nos exemplos (86) – (90) são distintos, mas a noção de protótipo é que vai fundamentar e especificar os traços ou as contradições/oposições existentes. Assim, em (86) e (87), temos um Perfilamento por Traço. Nesse sentido, vêm à tona traços que irão definir o sentido da construção; esses traço surgem em função da concepção que temos do modelo ideal, i.e., do protótipo. Já em (88), (89) e (90), temos um Perfilamento por Contradição. Nesse sentido, o contexto reúne alguns traços que conflitam com a noção prototípica de *casado*. Assim, tem-se uma contradição entre o protótipo e a “realidade”, instituindo o perfilamento por contradição.

Contudo, o que se faz relevante é que o foco não está em atributos quaisquer, mas nos atributos que instituem a nossa noção idealizada e, por isso, o protótipo se faz tão relevante nos processos de perfilamento da CSSEA.

O novo perfilamento sugerido pelas CSSEA traz à tona a noção de protótipo uma vez que dá a entender que o protótipo é a soma de todos os atributos que constituem um determinado estado. Podemos, então, concluir que, em uma CSSEA, é possível atribuir ao sujeito não só uma, mas todo um conjunto de propriedades. Se com a expressão *ser solteiro* se predica uma propriedade específica – não ter um

relacionamento estável – com *ser solteiríssimo*, predica-se um conjunto de propriedades sobre o sujeito derivadas da noção prototípica desse estado.

A partir do momento em que se concebe o protótipo proposto pelas CSSEA como a soma de todos os atributos torna-se também possível representar o conjunto de propriedades de um determinado estado absoluto em uma gradação escalar. Assim, o topo seria o conjunto de todas as propriedades, o protótipo representado lexicalmente pelas CSSEA, possibilitando uma gradação em que se quanto menos propriedade/ atributo se tem menos intenso se é. Nesse sentido torna-se, portanto, possível uma gradação escalar cujo topo é ocupado pela CSSEA:



Figura 42 Modelo Escalar da CSSEA com o *type casadíssimo*

O processo de interpretação dessa construção passa, pois, por uma reanálise que aponta para a soma total de propriedades ou qualidades mais relevantes e específicas e equivale, por isso, a uma forma adjetiva ou substantiva graduável.

4.3.3. A semântica do sufixo -íssimo

Antes de encerrarmos esta seção, cabe-nos uma ligeira consideração sobre a semântica do operador de escala superlativa – o sufixo -íssimo que integra a CSSEA em estudo.

A tradição gramatical examina o superlativo dentro dos estudos do grau dos adjetivos. O próprio cenário proposto para o estudo já limita, por si só, a investigação do fenômeno, uma vez que se restringe ao tratamento dos adjetivos e não o expande para as outras categorias lexicais.

No que tange à semântica dos superlativos, a perspectiva tradicional limita-se a descrevê-la a partir de duas dimensões. Segundo Cunha e Cintra (2001), podem denotar:

a) “que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (*SUPERLATIVO ABSOLUTO*)” e **b)** “que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a

mesma qualidade, um se sobressai por possuí-la em grau maior que os demais (*SUPERLATIVO RELATIVO*)”.

A Gramática Tradicional tem seu estudo mais concentrado, de fato, na descrição da **forma** superlativa, sem considerar aspectos interativos ou intenções comunicativas que mobilizam o uso de tal recurso gramatical. Não foi encontrada qualquer observação mais específica acerca dos significados dos superlativos, nem tão pouco do sufixo –íssimo.

Em Neves (2000), se alarga o entendimento do conceito de superlatividade, e inserindo-se a noção de **valor** superlativo. Nesse sentido, a superlatividade deixa de ser uma característica intrínseca dos adjetivos e passa a ser entendida como uma função semântica imanente do discurso e da interação. Contudo, também não foram encontradas maiores especificações acerca do uso do sufixo aqui estudado.

Ainda em busca de referência acerca da semântica do operador de escala superlativa –íssimo, recorremos ao dicionário eletrônico Houaiss (versão 1.0.5 de Agosto de 2002).

Nesta obra, ao procurarmos o sufixo “-íssimo”, somos reconduzidos à definição de “-ímo”. A entrada inicia-se com uma definição sucinta do sentido do sufixo “*um formador do grau sup. de adjetivos*”, em seguida faz-se um breve apanhado histórico de suas origens. Por fim, são listadas oito regras para formação e uso de palavras formadas através do processo de sufixação com “-íssimo”. Para nós, interessa observar a oitava regra:

8) embora normalmente a sufixação de *-imo* seja de sup. sintéticos de adj., ocorre tb., a partir do sXIX, em advérbios (*pertíssimo, longíssimo, até jocosamente, dentríssimo, foríssima/foríssimo*) e substantivos, neste caso como hiperbolizante qualitativo, como em ela é uma *mulheríssima*, é um *diabíssimo* em forma de anjo, comprei um *automobilíssimo*.

O oitavo ponto remete, de modo claro, ao fenômeno investigado neste estudo. Na citação acima vemos que Houaiss mostra uma nova distribuição do sufixo “-íssimo” que passa a se ligar não só a adjetivos, mas também a **advérbios e substantivos**. No caso dos advérbios, o verbete destaca o uso “jocosos” de “dentríssimo” e “foríssimo(a)”. Nesse ponto, o que o dicionário chama de jocosos é justamente esse caráter Desencontrado já destacado entre forma e função, presente nessas duas construções. Em relação à atribuição do sufixo aos substantivos, o autor fala de um caráter “hiperbolizante qualitativo”, que de fato é possível se comprovar nos dados analisados no presente Capítulo (cf. seção 4.1). De fato, nossa construção, que estamos nomeando

como superlativa por estar vinculada a uma grande rede do Projeto Construções Superlativas (MIRANDA, 2008a; cf. Introdução), poderia, de igual modo, ser vista e nomeada como hiperbólica.

Cabe considerar ainda que o registro desses usos em um trabalho lexicográfico mostra sua contemporaneidade em relação aos usos do léxico da Língua Portuguesa, o que não acontece, via de regra, com as nossas gramáticas.

A Gramática da Língua Portuguesa (MATHEUS et. al, 2003), contudo, apesar de não se ater na descrição de tal sufixo, traz, sob um viés funcionalista, uma questão relevante para o presente estudo: a sufixação avaliativa.

Para Matheus et. al (2003, p. 958) são sufixos avaliativos os chamados sufixos diminutivo, aumentativos e os sufixos de grau. Como em 20. a – c.

- (91)
- | | |
|----------|-----------------|
| a. -inho | cf. livrinho |
| -zinho | cf. bombonzinho |
| b. -ito | cf carrito |
| -zito | cf. pãozito |
| c. -ão | cf. dedão |
| -zão | cf. pezão |

Apesar de se falar em sufixos de grau, o sufixo –íssimo não é tratado. Mas a autora destaca uma questão relevante acerca da semântica desses sufixos. Interessa-nos destacar a seguinte consideração:

Tendo em conta que a descrição da interpretação semântica das palavras que estes sufixos integram é complexa, não se esgotam na expressão de dimensão (que os termos diminutivo e aumentativo consagram) e admitindo que, qualquer que seja o efeito concreto da adjunção de um destes afixos, todos eles exprimem um juízo de valor do locutor relativamente ao conteúdo semântico da forma de base, adopta-se, para os identificar, a designação de avaliativos.

Nesse sentido, o fragmento acima destaca uma questão já pontuada nesse trabalho (cf. seção 4.3) em relação às CSSEA – seu caráter avaliativo da cena. Na seção 4.3, em acordo com as propostas de Traugott (2007), consideramos a necessidade de expressão pessoal do falante, que se utiliza de uma nova construção atribuindo-lhe uma carga de expressividade. Tem-se, então, um processo de subjetificação em que se tornam mais aparentes as crenças e as atitudes do enunciador, ou seja, quando se fala em

estar *casadíssimo*, *solteiríssimo*, *aprovadíssimo* ou *candidatíssimo*, mais que relatar estados, tem-se um posicionamento, um juízo de valor acerca desses estados.

O que a gramática de Matheus et al. vem nos confirmar – e nossa intuição já apontava nessa direção – é que esse caráter avaliativo não é exclusividade das CSSEA, mas das construções superlativas genéricas, em geral.

Em relação aos estudos lingüísticos, com diferentes recortes teóricos, nossa busca por materiais que nos dissessem um pouco acerca da semântica e da pragmática desse item morfológico foi extensa, mas sem muitos resultados. Os poucos trabalhos que possivelmente abordam essa temática não são de fácil acesso, não estando disponíveis na internet. De fato, pouco se tem a dizer acerca dos estudos semântico-pragmáticos acerca das construções superlativas com *-íssimo* harmônicas e muito menos das desencontradas.

A seção a seguir busca desvelar, de modo mais detalhado, a dimensão de significação pragmática da CSSEA, descrevendo, a partir de nosso corpus específico, o ambiente discursivo em que ocorre.

4.4 O ambiente discursivo da Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo *-íssimo*

Ainda quando na construção de nosso corpus específico, o fato de não termos encontrado um número de ocorrências significativo da construção estudada dentro do Corpus do Português (cf. Capítulo 2) nos chamou a atenção, principalmente por essa baixa frequência não se ter confirmado nas outras fontes de busca.

Essa discrepância quanto à frequência em fontes de busca distintas nos serviu como um indicador de que o ambiente discursivo encontrado no Corpus do Português e nos corpora tratados disponíveis em Língua Portuguesa, de modo geral, não favoreceria o aparecimento da construção estudada.

Basicamente, o Corpus do Português, como mostrado anteriormente (cf. Cap. 2), é constituído de textos jornalístico e acadêmico que privilegiam, em sua maioria, o registro mais formal da linguagem. Mesmo no caso dos gêneros literários, igualmente frequentes neste corpus, mas que não se definem necessariamente pela formalidade, a ausência de *types* da CEASS ocorre dado o fato de a maioria dos exemplares usados serem obras de séculos passados. A ausência de dados do século XXI também seria outro dado relevante. Por isso, a ocorrência da construção foi bastante restrita, apenas 4

types (prontíssimo(a), reprovadíssimo(a), aprovadíssimo(a) e solteiríssimo(a)) somando 17 *tokens*, como já foi detalhado no Capítulo de Metodologia.

Por outro lado, através da ferramenta de busca eletrônica Web Concordancer Beta, foram encontrados 30 *types* da construção, no total de 1757 *tokens*. Como detalhamos no Capítulo 2, essa ferramenta possibilita a busca nos domínios do *site* Bing, que disponibiliza o acesso aos mais diversos tipos de texto, dos mais formais até os mais informais, basta que estejam disponível na rede da internet. Assim, as possibilidades quanto aos ambientes discursivos possíveis em nosso corpus específico são muito amplas. Frente a tal amplitude e à tarefa analítica de descrição da construção em seu pólo funcional, o que envolve seus aspectos semânticos e pragmáticos, tivemos que eleger um procedimento analítico para delinear o uso discursivo de nossa construção. Recortamos, assim, as seguintes categorias de análise em relação ao texto fonte: (i) temática principal, (ii) gêneros discursivos e (iii) público alvo.

No que diz respeito à temática principal, foram especificados 17 grandes temas. De alguma forma, o rastreamento do tema textual já começa a comprovar o caráter informal da construção. Os assuntos principais dentre os quais circula a construção estudada são os seguintes:

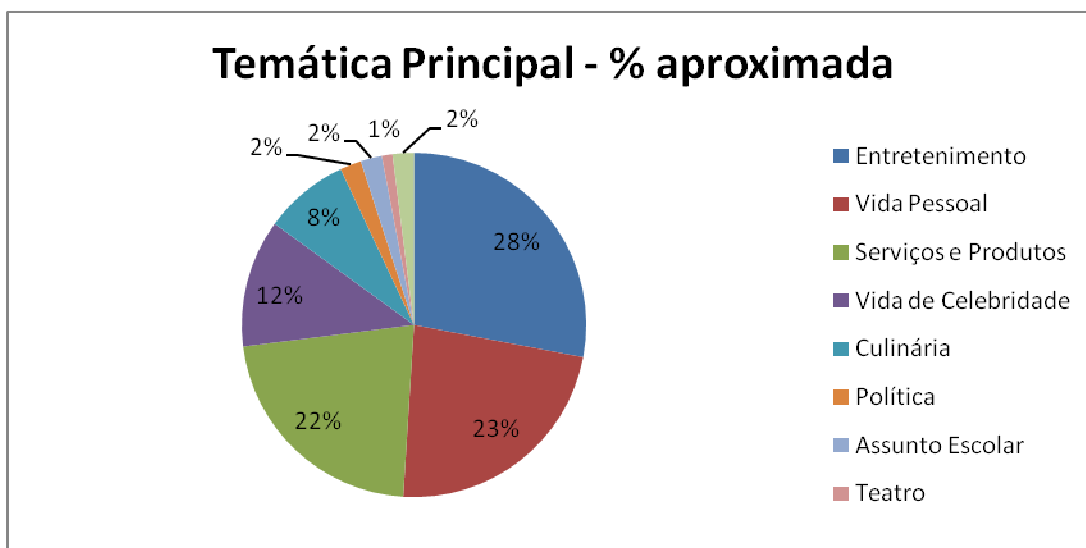


Figura 43: Gráfico – Temática Principal e Porcentagem aproximada

A temática do Entretenimento se sobressai em relação às demais quanto à porcentagem de ocorrência, 27,19%, seguida pela Vida Pessoal, com 22,52% e Serviços e Produtos, com 20,05%, contextos esses ilustrados, sucessivamente, nos exemplos (92) a (94):

- (92) No time de atrações, já estão **confirmadíssimas** bandas Jammil, NxZero, Cláudia Leitte e Biquíni Cavado!!!

<http://www.marafolia.com/festival.php>

- (93) Olá a todos! Meu nome é Pamela Beatriz, mais conhecida como Bia... Tenho vinte e poucos anos, sou **casadíssima** e muito feliz!

<http://www.receitasdabia.com.br/quembia.php>

- (94) Costa Diz: **Recomendadíssimo**! Programa de mensagens instantaneas mais usado atualmente.

<http://www.facildownloads.com.br/2008-12-28/windows-live-messenger-2009-16854.html>

Vida de Celebridade (12%) e Culinária (8%) são temas também relevantes no corpus. Cabe explicitar a diferença que estamos fazendo entre Vida Pessoal e Vida de Celebidades. A temática Vida de Celebridade abrange os textos que giram em torno da vida dos famosos, então envolve assuntos a cerca de suas carreiras artísticas, mas também abordam detalhes de suas vidas pessoais, grande parte com tom de fofoca. Já a temática da Vida Pessoal, diz respeito à vida privada das pessoas em geral, em sua maioria, relatam detalhes acerca da vida como estado civil, compromissos, opções de lazer, etc. Os temas Política e Escolar, que giram, respectivamente, em torno dos assuntos políticos e escolares (como tarefas a serem cumpridas, teste e etc.), tem, cada um, o percentual de 2%. Temos abaixo os exemplos que ilustram, de modo sucessivo, tais contextos:

- (95) **Gravidíssima**, Gisele Bündchen brinca com o enteado (Vida de Celebridade)

<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1388760-9798,00-GRAVIDISSIMA+GISELE+BUNDCHEN+BRINCA+COM+O+ENTEADO.html>

- (96) excelente receita foi **aprovadíssima** esta e uma ótima receita pra se comer deu fome agora então foi fazer pra mim (Culinária)

<http://salada.caioruman.com/macarrao-com-molho-simples-2008-01-11/>

- (97) **Candidatíssimo** Em entrevista a José Luiz Datena, na Band, o até então indeciso José Serra, governador de São Paulo, admitiu ser o candidato do PSDB à presidência (Política)

<http://blogs.abril.com.br/celsociampimedeiros>

(98) **Combinadíssimo** Mestre. Assim que tivermos alguma coisa, mandamos para a aprovação. Super beijo no coração! DeRose Reply:janeiro 5th, 2010 at 10:29 (Escolar)

<http://www.uni-yoga.org/blogdoderose/diversos/voce-sabia/>

A Categoria Outros, agrupa as temáticas que não alcançaram sozinhas 1% no total de ocorrências e aparecem discriminadas na figura abaixo:

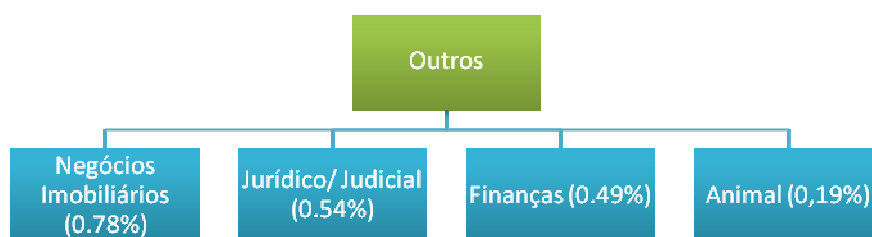


Figura 44: Detalhamento das temáticas sob o rótulo de “Outros”

Em relação ao destaque do tema Entretenimento no mapeamento feito cabem mais algumas considerações. A frequência deste tema está articulada a *types* específicos de nossa construção. São 12 os *types* que ocorrem no contexto discursivo de Entretenimento, a saber: *confirmadíssimo*, *combinadíssimo*, *compradíssimo*, *dentríssimo*, *eleitíssimo*, *feitíssimo*, *foríssimo*, *mortíssimo*, *assinadíssimo*, *recomendadíssimo* e *aprovadíssimo*. Grande parte das ocorrências referentes a essa temática, cerca de 89,74%, se concentra em 3 *types*: *aprovadíssimo* (42,37%); *confirmadíssimo* (32,37%) e *recomendadíssimo* (15%). As demais, somadas, como é possível se verificar no gráfico abaixo, totalizam apenas a 10,26%.

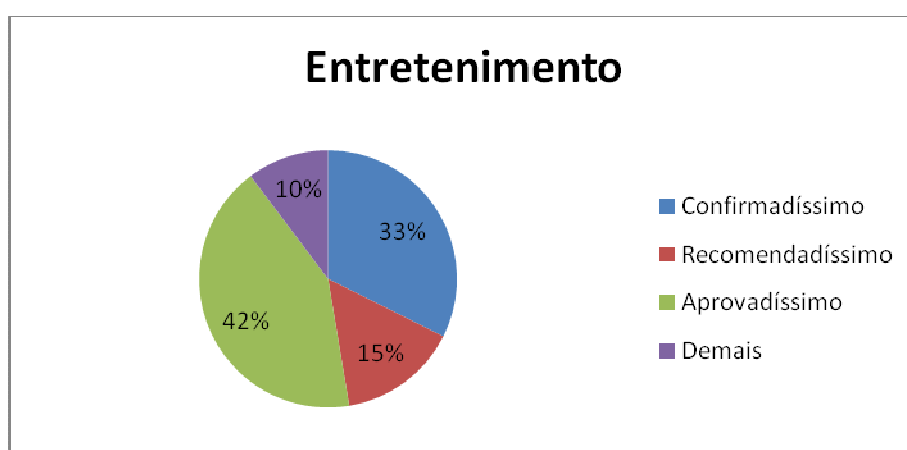


Figura 45: Gráfico - Temática *Entretenimento* e os *types* que a articulam

Como o Entretenimento serve de contexto, fundamentalmente, para os *types* que apresentam mais ocorrências no corpus – *aprovadíssimo* (419 *tokens*), *recomendadíssimo* (291 *tokens*) e *confirmadíssimo* (138 *tokens*) – essa temática ganha consistências de ocorrência em relação às outras. Assim, quando mapeadas as temáticas existentes nesses três *types*, podemos perceber que o Entretenimento ganha destaque. Em *confirmadíssimo*, o *type* cuja ocorrência de tal contexto é a mais significativa, 87,86% são referentes ao Entretenimento, já em *aprovadíssimo*, esse percentual é de 38,7% e em *recomendadíssimo* é de 21,11%. Com isso, a temática ganha consistência quanto ao número de ocorrências, mas sua abrangência, como foi constatado, é mais limitada.

Já em relação à temática da Vida Pessoal (22,52%) os *types* de distintos *frames* (cf. seção 4.3.1) comparecem neste contexto discursivo, de maneira mais uniforme, abrangendo 20, dos 30 *types* coletados: *prontíssimo*, *solteiríssimo*, *reprovadíssimo*, *confirmadíssimo*, *combinadíssimo*, *feitíssimo*, *foríssimo*, *formadíssimo*, *graduadíssimo*, *dentríssimo*, *desempregadíssimo*, *mortíssimo*, *nascidíssimo*, *noivíssimo*, *separadíssimo*, *gravidíssima*, *namoradíssimo*, *namorandíssimo*, *casadíssimo* e *recomendadíssimo*. Sua distribuição, diferentemente do que ocorre com o Entretenimento, não se concentra em nenhum *type* específico. Assim, se por um lado a temática do Entretenimento é mais freqüente em termos de *tokens*, a temática da Vida Pessoal é mais abrangente em termos de *types*, o que significa um habitat discursivo mais produtivo para a CEASS.

De modo geral, os temas principais que mapeamos permitem o uso de linguagem amplamente informal. Os usuários da língua falam de seus divertimentos, de suas vidas, das vidas das outras pessoas, etc. de maneira mais descontraída e sem grandes preocupações com a formalidade da linguagem. São temáticas cotidianas que admitem um grande grau de proximidade do falante, o que contribui, ainda mais, para esse clima mais descontraído no uso lingüístico.

A segunda categoria usada para a delimitação do ambiente discursivo de nossa construção, como já explicitado, foi o **gênero discursivo** do texto fonte. O mapeamento dos gêneros discursivos trouxe à tona um número bastante diversificado de gêneros. Foram encontrados 37 gêneros dos quais os mais representativos estão listados na tabela abaixo:

Gênero Discursivo	%
Coment (comentários)	34,01%
Notícia	20,8%
Post	20,01%
Fórum	8,68%
Perfil	2,1%
Anúncio	1,78%
Coluna Social	1,78%
Nome de Loja/Evento	1,64%
Nome de peça teatral	1,45%
Nick/ apelido	1,18%
Outros	6,57

Tabela 24 Distribuição dos *types* nos Gêneros Textuais

Os resultados obtidos contribuem na mesma direção indiciada pela busca temática – a construção investigada é marcada pela informalidade. Nossa busca atesta a presença de gêneros utilizados no cotidiano e que, por isso, não têm grandes compromissos com a formalidade da linguagem. Além disso, gêneros como Coment (Comentários), Post e Fórum são espaços utilizados para interação dos usuários. Assim, esses gêneros primam pela liberdade de expressão e por uma sistemática dialógica de comunicação, favorecendo a manifestação de atitude e crença pessoal de seus usuários.

Cabe ainda uma ressalva quanto ao gênero notícia apresentado na tabela anterior. Como é possível perceber, tal gênero é bastante recorrente (20,8%) e poderia nos levar a repensar a questão da informalidade que vem sendo, fortemente, afirmada ao longo dessa seção, uma vez que, na maioria das vezes, a notícia é um gênero mais ligado à formalidade. Contudo, é sabido que a internet vem reestruturando e tornando mais diversos os gêneros conhecidos por nós. Em nosso corpus, grande parte das ocorrências registradas como notícias fazem parte de jornais/revistas virtuais. Como a tela do computador é o suporte para tais notícias, uma das estratégias facilitadoras da leitura é modificar o grau de formalidade da linguagem. Assim, esses jornais e revistas virtuais divulgam notícias através de uma linguagem mais descontraída e informal, facilitando a leitura na tela. Além desses jornais e revistas virtuais, também encontramos parte significativa de nossos dados em notícias de fofoca, que também trazem essa característica informal. São exemplos os casos a seguir:

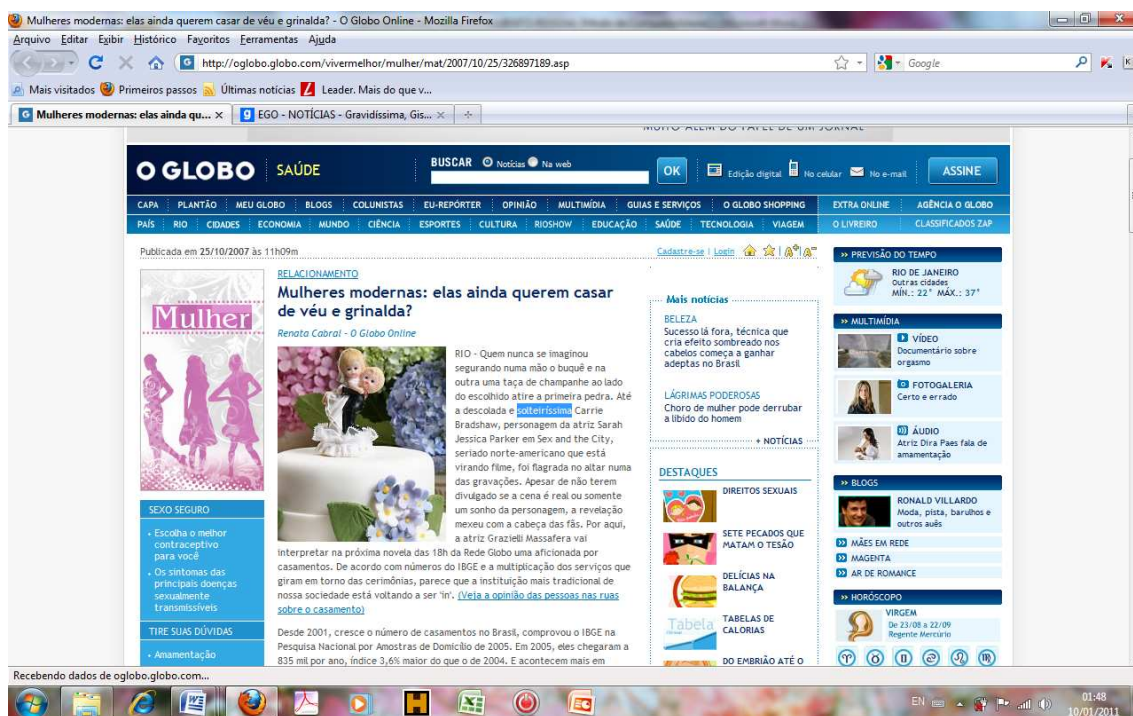


Figura 46: jornal O Globo online



Figura 47 notícia de fofoca

Na Figura 22, temos o *site* de um jornal impresso que publica, em seu endereço virtual, reportagens, como a ilustrada acima, de cunho mais informal. Assim, são eleitas temáticas mais descontraídas, como as expectativas das mulheres modernas em relação

ao casamento, ilustrada acima (Figura 22), tratadas com uma linguagem bastante informal. Também são usados artifícios visuais como uma grande quantidade de imagens e trechos da reportagem em destaque com letras coloridas e em tamanho maior. Esse recurso da imagem é amplamente explorado também pela indústria das fofocas, como ilustrada na Figura 23. São textos que abusam da linguagem informal e das imagens para se aproximarem de seus leitores, como vemos no exemplo anterior.

Uma questão que sempre vem à tona quando pensamos no Superlativo Sintético de Estados Absolutos é a função indexical (COOPER-KUHLEN, 1986 apud GONÇALVES, 2003) da construção, i.e., questões que dizem respeito aos mecanismos que servem com índices de reconhecimento de determinados traços sociolingüísticos do falante, tais como classe social, etnia, sexo, faixa etária, etc. Em nosso caso, seria, pois, possível, através dessa função presente em nossa construção, identificar os traços de gênero (sexo) dos usuários?

Tal questão emergiu de diferentes formas em debates sobre o nosso objeto de estudo. Vale, aqui, um parêntese a fim de relatar algumas experiências que tivemos nesse sentido em alguns eventos científicos. Sabemos que é parte fundamental da elaboração de uma dissertação a apresentação dos resultados parciais em eventos científicos. De alguma forma, essas apresentações contribuem para o amadurecimento do trabalho. Foi o que aconteceu com o presente estudo. Em nossas apresentações, com frequência nos deparávamos com as seguintes questões: “Mas isso não é coisa de mulher?”; “Não seria esse um recurso homossexual?”. Era a intuição dos falantes que ganhava voz nessas perguntas. Dessa forma, pôs-se em discussão o sexo daqueles que tomavam mão de nossa construção e seu caráter indexical.

Tornou-se, então, necessário, investigar o ambiente discursivo de modo a se levar em conta questões ligadas ao sexo do usuário. Como lidamos, fundamentalmente, com textos extraídos da internet, e sabemos que nem sempre é possível identificar seus autores, uma vez que muitos textos não apresentam autoria explícita, optamos por fazer um mapeamento do público a que esses textos se dirigiam. Partimos, assim, da hipótese de que os autores buscam estratégias lingüísticas para se aproximar de seus leitores/público alvo, de tal modo que é possível se relacionar as características de sua linguagem com a do público prototípico - o que, por certo, não exclui os demais leitores - a que se destinam os textos.

Nesse sentido, os exemplos abaixo ilustram nossa classificação:

- (99) Agora é pra valer! Bambu Station **confirmadíssimo** na América do Sul em maio! Veja no Surforeggae! "Conexão Brasil x Jamaica": Don Carlos e Ponto de Equilíbrio juntos em turnê histórica!

<http://surforeggae.ig.com.br/>

- (100) Para variar, é um Campeonato NITIDAMENTE sujo. Arbitros **compradíssimos**.

<http://colunas.globoesporte.com/robertogalluzzi/2009/11/09/alem-do-espinafre/>

- (101) **Solteiríssima**, Perlla se joga na pista de dança ao lado de ator

<http://extra.globo.com/lazer/retratosdavid/posts/2009/06/15/solteirissima-perlla-se-joga-na-pista-de-danca-ao-lado-de-ator-195625.asp>

- (102) Verônica Marques: veroncia_palevicius@hotmail.com Indaiatuba, São Paulo Branca, Meu Deus, e só..., Homossexual, 20, **Solteiríssima**

http://www.umoutroolhar.com.br/pontodeencontro_adsant3.htm

Temos, em (99), o anúncio da confirmação do show do grupo musical “Bambu Station”. Ao que tudo indica, esse anúncio não estabelece restrições quanto ao sexo de seu público alvo, sendo assim classificado como “todos os gêneros”. Já em (100) – (102), há, um público alvo mais propício. Assim, em (100), classificamos a temática esportiva, como sendo, prototipicamente, mais relacionada ao público masculino. Sob o mesmo critério, o exemplo (101) teve o público alvo definido como feminino, pois abordava uma temática que agrada mais as mulheres – fofoca. Em (102), uma vez que a ocorrência se deu em um *site* de relacionamento destinado, especificamente, aos gays, lésbicas e simpatizantes, classificamos o público alvo como homossexual.

Assim, ancorados no conceito de função indexical, buscamos identificar uma **tendência** em relação ao público alvo dos textos em nosso corpus específico a fim de se estabelecer uma relação entre os leitores desses textos e a linguagem utilizada pelos redatores. O gráfico abaixo apresenta tal tendência de uso da construção em termos do gênero sexual do público alvo dos textos fonte:

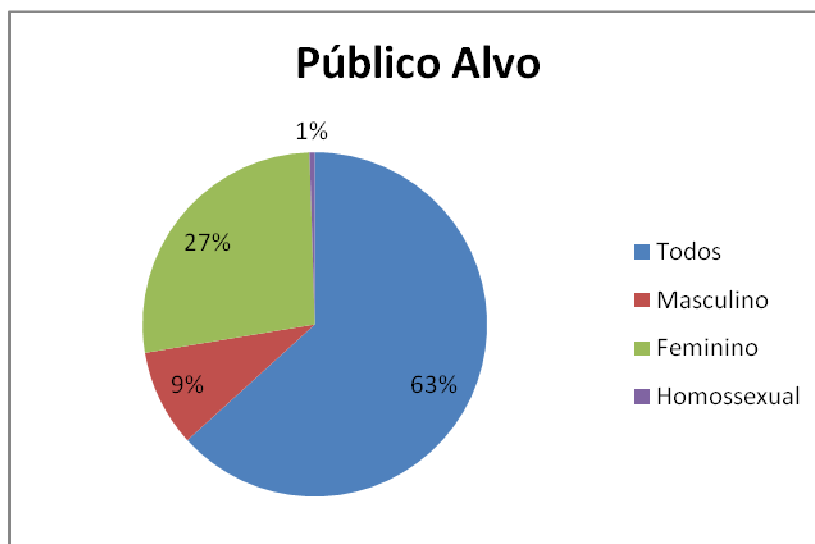


Figura 48 Gráfico da tendência em relação ao público alvo

Cerca de 63% das ocorrências da construção não apresentam especificação quanto ao gênero de seu público alvo. Nesta faixa de frequência estão presentes *sites* de entretenimento, em geral, que abordam temáticas bem diversificadas que agradam a ambos os sexos, como cinema, teatro, literatura etc. Já quando há especificação quanto ao gênero do público alvo, a construção é usada em 27% dos casos para o público feminino, 9% para o masculino e apenas 1% para o público homossexual. Assim é que, nos limites de nosso corpus, a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos não precisa ser, necessariamente, encarada como um mecanismo indicador de gênero, uma vez que surge com alta frequência em textos sem especificação de público alvo. Contudo, em casos em que se deseja delimitar o público alvo, a construção aparece mais caracterizada para público feminino, do que para o masculino e para o homossexual.

De fato, o que essa investigação acerca da função indexical da CSSEA nos aponta é apenas uma tendência configurada neste corpus específico. A título de rigor, cabe considerar ainda o fato de que ignoramos a frequência da massa de dados/textos destinada aos leitores diferentes (todos os gêneros, masculino, feminino, homossexual) no *site* de busca usado para a constituição de nosso corpus – O *site* Bing. Uma hipótese muito provável é que neste *site* os textos destinados a todos os gêneros excedam os textos destinados a públicos específicos e que o público homossexual seja menos focalizado. Assim, ainda que nosso corpus específico configure o quadro acima descrito, mediante as ocorrências atestadas, não estamos livres de distorções em relação aos resultados. Este é, de fato, o preço que se paga em uma pesquisa de corpus dada a ausência de corpora tratados.

No próximo capítulo passamos à consideração final acerca dos ganhos teóricos e analíticos – e também profissionais – obtidos com este projeto investigativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresenta a síntese dos ganhos analíticos e teóricos alcançados com essa dissertação e aponta novos rumos para futuras pesquisas.

A partir do aporte teórico sociocognitivo e construcionista delineado pela Linguística Cognitiva e, em especial pelos Modelos Baseados no Uso da Gramática das Construções, este trabalho, integrado ao macroprojeto Construções Superlativas do Português do Brasil: uma Abordagem Sociocognitiva (MIRANDA, 2007 (Edital MCT/CNPq 14/2008 - Universal[477670/2008-3]; MIRANDA, Universal [479984/2010-7] CNPq) se propôs a investigar formas lexicais superlativas correntes no Português, como “solteiríssimo(a)”, “casadíssimo(a)”, “gravidíssima”, “desempregadíssimo(a)”, “dentríssimo(a)”. Nossa hipótese fundamental, determinativa do percurso analítico traçado neste estudo, era de que tais formações mórficas, longe de serem idiossincráticas ou mesmo agramaticais, se constituiriam como um padrão construcional – uma construção, nos termos de Goldberg (1995, 2006) – produtivo do Português. Nosso principal ganho analítico foi, portanto, a comprovação do estatuto de construção para tais formas, tidas, então, como instâncias da **Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos (CSSEA) com o sufixo -íssimo**.

As evidências construídas em favor da CSSEA, que passamos a sintetizar, voltaram-se para a descrição de seus polos formal e semântico-pragmático. O primeiro desafio analítico foi a configuração morfológica e semântica incongruente da construção – um núcleo que remete a um **estado absoluto não-graduável** (*desempregada, casada, grávida*) integrado a um **operador de escala superlativa** (*-íssimo/a*). O fenômeno do Desencontro/ *mismatch* (cf. Cap. 2) foi a resposta analítica encontrada. Assim, a visão holística que emerge do conceito de construção nos permitiu reconhecer que a tensão entre os constituintes dessas unidades, em vez de gerar agramaticalidade, faz emergir um novo padrão construcional no Português, com sentido e uso peculiares. Os Desencontros, portanto, não criam incongruências semânticas, mas acabam atuando no discurso como gatilhos para um ajuste de interpretação, fazendo emergir novas construções, com novas funções dentro do sistema linguístico.

A partir das relações polares de **contrário** e **contradição**, descritas por Israel (2004), foi possível compreender melhor o processo de desencontro presente na CSSEA. Constatamos, pois, que o núcleo e o sufixo apontam para polaridades diferentes, estabelecendo uma tensão no interior da construção. Enquanto o radical

estabelece relações de **contradição**, por ser um estado absoluto, não graduável, o sufixo, por ser um atribuidor de grau, estabelece relações **contrárias**.

Em termos dos elos de herança, vinculamos a nossa construção, em primeira mão, à construção superlativa harmônica, a Construção Superlativa Genérica do Português, definida por núcleos graduáveis (como *divertido*, *cansado*, *feliz*). Em seguida, postulamos a Construção Superlativa Genérica de Estados Absolutos (CSSEA), uma construção desencontrada, que pode apresentar a forma analítica (*muito casado*, *bastante solteiro*, *muito dentro*) ou sintética, através de diferentes afixos de valor superlativo (*solteiríssimo*, *casadoço*, *gravidíssima*). Assim, a CSSEA, na forma sintética, com -íssimo, objeto do presente estudo, definiu-se como um elo de uma rede mais ampla de construções superlativas do Português.

Tendo compreendido o processo que permite a união de um núcleo absoluto e um operador de grau, buscou-se entender os processos de significação emergentes e característicos dessa construção. Pôs-se, então, uma questão: Como poderíamos conceber um estado absoluto em termos de grau?

A resposta a essa pergunta apontou para um novo perfilamento dos doze *frames* (Avaliação, Relacionamento_Pessoal, Estado_Final, Competição, Maternidade, Vivo_Morto, Formação_profissional, Cena_comercial, Moralidade, Autoria, Nascimento, Trabalho) que constituem a CSSEA. Foram identificados dois tipos de perfilamento: i. Perfilamento por Traços; ii. Perfilamento por Contradição. Esses perfilamentos trazem à tona uma nova interpretação para os estados/atributos que constituem as CSSEAs. Conjuntos de traços ou relações de contradição são colocados em perspectiva na cena discursiva de modo a realçar a condição prototípica e superlativa de cada ocorrência (Para demonstrar melhor sua condição de *solteiríssima*, a Cali Gilr usa shorts e um top biquíni, argolas nas orelhas e tem uma cor super bronzada; Pois apaixonei-me “a sério” aos 21 anos e em dois meses estava *casadíssima*, com igreja, papel e sobrenome novo.).

A noção escalar passa, então, a ser licenciada uma vez que o protótipo proposto pelas CSSEA é tido como a soma de todos os atributos, tornando-se também possível graduar o conjunto de propriedades de um determinado estado absoluto. Assim, teríamos uma escala de grau em termos de cada um desses estados em que o topo seria o conjunto de todas as propriedades – o protótipo – representado lexicalmente pelas CSSEA. Seria então possível conceber uma gradação em que quanto menos propriedade/ atributo se tem menos intenso se é.

Em termos dos padrões formais, as CSSEA podem constituir-se a partir de núcleos **Adjetivos** (Estou *solteiríssima* e vim aqui curtir a noite) **Substantivos** (E as *candidatíssimas* a pior atriz da década são: Lindsay Lohan, Jennifer Lopez, Madonna, Mariah Carey e... Paris Hilton!!!) ou **Adverbiais** (Tira essa ideia maluca de disputa da cabeça, viu Tatiana? Eu tô fora! – Fora?! Pois eu faço você *ficar dentríssimo!*). Em nosso corpus o padrão mais reiterado foi o constituído por radicais deverbiais participiais (76,5%). como *casadíssimo*, *eleitíssimo*, *aprovadíssimo*, *compadíssimo* e etc. A ocorrência de formas adjetivas não participiais (*gravidíssima*, *namorandíssimo*, *vivíssimo*), com frequência menor (23,5%) se explica, a nosso ver, como uma forma de decalque, i.e., de analogia às formas já existentes no mesmo *frame* ou em *frames* semelhantes. Ainda em relação à forma, as 1622 ocorrências com função adjetivas puderam ser divididas, quanto a sua função sintática, entre adnominais (1.072 ocorrências – 66.1%) e predicativas (550 ocorrências – 33.9%).

O mapeamento do ambiente discursivo da CSSEA aponta para a informalidade da construção e amparou-se nas seguintes categorias de análise em relação ao texto fonte: (i) temática principal, (ii) gêneros discursivos e (iii) público alvo. De modo geral, tanto a temática quanto os gêneros evidenciaram o grau de informalidade da construção, uma vez que as temáticas principais giram em torno do Entretenimento (27,19%), Vida Pessoal (22,52%), Serviços e Produtos (20%) e Vida de Celebridade (12%) e os gêneros que as veiculam são, majoritariamente, Comentários (34%), Notícias (20,08%), Posts (20%) e Fóruns (8,6%). Os usuários da língua recorrem à CSSEA, portanto, para falar, de maneira descontraída, do cotidiano, daquilo que os diverte, de suas vidas, das vidas das outras pessoas, dos artistas etc.

Buscando esclarecer uma frequente curiosidade despertada pela construção investigada, investigamos o sexo dos usuários de nossa construção e seu caráter indexical através do mapeamento do público alvo dos textos disponíveis em nosso corpus. Constatamos que 63% dos textos não apresentavam qualquer especificidade de público, quanto ao sexo dos potenciais leitores. Nos casos em que pudemos definir o gênero do público alvo, verificamos que a construção é usada em 27% dos casos para o público feminino, 9% para o masculino e apenas 1% para o público homossexual. Contudo, a título de rigor, cabe considerar que, dada a natureza de nosso corpus não tratado, tais resultados não estão livres de distorções, uma vez que não temos o controle total sobre a massa de dados no *site* de busca utilizado. Acreditamos mesmo que *sites* como o Bing e a internet em geral disponibilizam um maior número de textos para o

público em geral do que para públicos específicos, o que, certamente, influencia o resultado obtido. De fato, o que essa investigação acerca da função indexical da CSSEA pode nos apontar, portanto, é apenas uma **tendência** configurada neste corpus específico.

Tal dificuldade é apenas uma dentre outras enfrentadas em relação à metodologia eleita neste estudo. A escolha por um Linguística Cognitiva baseada em estudo de corpus, amplamente justificada neste estudo pelo viés construcionista assumido, tem, contemporaneamente, um preço alto. A escassez de corpora tratados, especialmente os de fala e de registro informal de linguagem, levou-nos à necessária constituição de um corpus específico (30 *types*, 1.757 *tokens* em um universo de 8. 189. 656 palavras). O recurso usado para coleta de dados, o concordanciador eletrônico *Web Concordancer Beta*, de grande valia, permitiu a busca no universo digital, dando-nos acesso a uma grande gama de textos. A definição da configuração de corpus constituído implicou, contudo, um trabalho redobrado. Assim, tivemos que realizar um trabalho manual árduo que incluiu desde a marcação sintática dos dados até a dimensão do corpus (número de palavras), os tipos de gêneros textuais, a temática abordada e o público alvo. Além destas, outras categorizações manuais, dispendiosas em termos de tempo e difíceis, tiveram de ser enfrentadas, como a definição de *types* por *frames* e os usos metafóricos. Vê-se, portanto, que o estudo de corpus na Linguística, com análises quantitativas e qualitativas entrecruzadas, ainda é uma tarefa metodológica a ser aperfeiçoada.

O percurso analítico percorrido de modo a confirmar o estatuto de construção para as nossas formações mórnicas trouxe também contribuições teóricas. Um ganho relevante deste estudo é a entrada no campo da Morfologia, tão raramente abordado pelos estudos cognitivistas¹⁸. Erguida no confronto com os modelos sintáticos e semânticos da Linguística Gerativa, a Linguística Cognitiva e, em especial, a Gramática das Construções vem privilegiando os modelos sintáticos e fazendo boas incursões no léxico. No campo da Morfologia, no entanto, o mesmo não acontece, ainda que, nos termos aqui apresentados, a noção de construção (GOLDBERG, 1995, p. 4, cf. Cap. 2) envolva os morfemas com significados, formas e usos específicos. Assim, nosso trabalho ocupa um novo e relevante espaço. De igual modo, promovemos a incursão do

¹⁸ Cabe, contudo, ressaltar a existência do Núcleo Morfossemântico do Português – NEMP (UFRJ), sob orientação dos professores Carlos Alexandre Victorio Gonçalves e Maria Lucia Leitão de Almeida.

fenômeno do Desencontro no campo morfológico, comprovando sua relevância na constituição de novas construções no Léxico da Língua Portuguesa.

Nossos achados analíticos contribuem também para o fortalecimento da tese cognitivista de que o componente lexical, como qualquer outro componente de interface linguística, não é o lugar das idiossincrasias, mas, sim, do conhecimento. Nesses termos, a tese do continuum entre Léxico e Gramática, defendida pela GrC, ganha mais uma evidência em seu favor.

Diante de tantas lacunas deixadas pela tradição formalista ante os processos de integração formal e conceptual e em vista da grande complexidade revelada pela CSSEA, consideramos o presente trabalho como apenas um primeiro passo na busca do desvelamento de todas as facetas dessa construção. No tempo restrito de um mestrado não nos foi possível abordar todas as dimensões da CSSEA, o que nos levou à elaboração de um projeto de doutorado (aceito pelo PPGLinguística - UFJF), visando ampliar a abrangência do atual estudo.

Por fim, cabe-me considerar o aprendizado construído no processo de elaboração deste estudo. Primeiro, a difícil tarefa de recorte do objeto; depois, o passo gigante entre uma teoria que precisava (E ainda preciso!) dominar e a tarefa analítica ante um oceano de dados. A redação acadêmica – outro trabalho árduo. As lacunas e imprecisões que certamente este estudo apresenta se devem, portanto, à minha condição de aprendiz ante tudo isso.

O trabalho em equipe, solidário, envolvendo, de modo efetivo, os colegas de mestrado e os bolsistas de Iniciação Científica, foi outra experiência altamente formadora como pesquisadora e como profissional da educação. Aprendi que a pesquisa não pode, não deve ser uma tarefa solitária e, assim, uma rede de solidariedade e de ética na pesquisa foi a melhor lição que pude guardar para minha vida profissional.

Aprendi muito! *Aprovadíssimo!* – esta é a minha manifestação superlativa sobre este percurso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBERGARIA, G. **Projeção figurativa e expansão categorial no PB: o caso de um frame ‘animal’**, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.

ALMEIDA, G. M. de B. & ALUÍSIO, S. M. **O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para pesquisa linguística**. Revista Caleidoscópio, V.4, n. 3, p. 155 – 177, Unisinos: set/dez, 2006* 2007

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.

Bauman Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2007b.

Berlin P. & Kay B. **Basic color terms: their universality and evolution**. Berkeley: University of California Press. (1969)

CARRARA, A. C. F. **As construções Superlativas Causais Nominais do Português – uma abordagem construcionista**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2010.

CORPUS DO PORTUGUES.ORG. O Corpus do Português. Disponível em: < <http://www.corpusdoportugues.org/> > Acessado de janeiro – agosto, 2010.

COSTA, I. de O. **Construção Superlativa de Expressão Corporal: uma abordagem construcionista**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2010

CROFT, W. & CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. **Construction Grammar**. In. GEERAERTS, D. & CUYEKENS, H. The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics. Oxford – New York: Oxford University Press, 2007, p. 463 – 508.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FAUCONNIER, G. & TUNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002

FILLMORE, C. J. **The case for case reopened**. In: COLE, P.; SADDOCK, J. (eds.). *Grammatical relations*. New York: Academic Press, 1977.

_____. **Inocence: a second idealization for linguistics**. Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society, 1979.

_____. **Frame Semantics**. In. Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the Morning Call*. Seoul: Hánshin, 1982.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. **Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of 'let alone'**. *Language*, v. 63, n. 3, p. 501-538, 1988.

FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et al. (coord.) Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet>>.

FRANCIS, E. J. & MICHAELIS L. A. **Approaches to mismatch: introduction**. In.: Miriam Butt & Tracy Holloway King (Eds.) *Proceeding of the BFG00 Conference Workshops*. Satanford: CSLI Publication. [online conference proceedings], 2000.

GAWRON, J. M. **Frame Semantics**, 2008 Disponível em <http://hj.uib.no/forskerskole/new_frames_intro.pdf> Acesso em: Janeiro/2010

GIBBS, R. W. Jr. **Why cognitive linguistics should care more about empirical methods** In.: GONZALEZ-MARQUEZ et al. (eds.) *Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007, p. 2 – 18.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. A função indexical das formações X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo no português do Brasil Veredas (UFJF), *Juiz de Fora*, v. 5, n. 2, 2003, p. 47-59.

HOPER, P.J e TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antonio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0.5. São Paulo: Editora Objetiva, agosto de 2002.

ISRAEL, M. **The pragmatics of polarity**. In Horn & Wards (eds) *The Handbook of Pragmatics*. Blackweel, 2004, pp. 701-723.

JACKENDOFF, R. **Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution**. New York: Oxford University Press, 2002.

JOHNSON, M. **The body in the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KOCH, I. V. & CUNHA-LIMA, M. L. **Do cognitivismo ao sociocognitivismos**. In.: MUSSALIM, F., BENTES, A. C. Introdução à linguística – fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 251 – 300.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 1980 [2002].

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. Chicago: The University Chicago Press, 1999.

LAKOFF, George **The contemporary theory of metaphor**. In Ortony : 1993, p. 202-251.

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive Grammar**. Vol. I Stanford: Stanford University of Chicago Press 1987.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003

MICHAELIS, L. A. **Type Shifting in Construction Grammar: na intergrated approach to aspectual Coercion**. In. Cognitive Linguistics 15: 1 – 67, 2004.

MIRANDA, N. S. **Construções Superlativas do Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala**. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008a.

_____. **Construções Superlativas no Português do Brasil** – uma abordagem sociocognitiva. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2007.

_____. **Domínios Conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo de Espaços mentais**. Veredas v. 3, n. 1. Juiz de Fora: UFJF, 1999, p. 81 – 95.

_____. **Gramaticalização e Gramática das Construções – Algumas convergências. Um estudo de caso: as construções Negativas Superlativas de IPN**. Relatório Acadêmico de Pós-doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo, dezembro, 2008b.

_____. **O caráter partilhado da construção da significação**. Veredas v. 5, n. 1, Juiz de Fora, UFJF, 2002, p. 57 – 81.

_____. **Relatório Final do Projeto**. Edital MCT/CNPq 14/2008 Universal[477670/2008-3], Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade federal de Juiz de Fora: inédito, 2011.

MIRANDA-CARVALHO, L. C. **As Construções Concessivas de Polaridade Negativa no Português do Brasil**, 2008, Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, 2008.

Neves. **Gramática de Usos do Portugues**. São Paulo: UNESP, 2000.

PERINI, M. **Corpus, introspecção e o objetivo da descrição gramatical**. UFMG/CNPq, inédito.

PERINI, M. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PETRUCK, M. R. L. **Frame Semantics**. In: Jef Verschueren et. al (Eds.). *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.

PIRES, R. E. Metáfora e construções lingüísticas (título provisório). Tese (Doutorado em Lingüística em andamento) Faculdade de Letras – Universidade Federal de Juiz de Fora. **2009-2012**.

RIO-TORTO, G. **Para uma gramática de usos do Adjectivo**. *Alfa*, 50 (2): 2006, p. 103 – 129.

SALOMÃO, M. M. M. **A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem**. Veredas, Juiz de Fora: UFJF, v. 4, n. 1, 1999, p. 61 – 79.

_____. **FrameNet Brasil: um trabalho em progresso**. In: Revista Calidoscópio, Vol. 7, n. 3 – set/dez. São Paulo: Unisinos 2009c, p. 171-182.

_____. **Tudo certo como dois e dois são cinco**. In.: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. *Construções do Português do Brasil: da Gramática ao Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b, p. 33 – 74.

SAMPAIO, T. F. **O Pensamento não é uma coisa à toa**: Uma reflexão sobre a concepção de mente que subjaz à Lingüística Cognitiva Contemporânea. Revista Gatilho. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

SAMPAIO, T. F. **O Uso Metafórico do Léxico da Morte, 2007**. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística). Faculdade de Letras, UFJF, Juiz de Fora, **2007**.

SAMPAIO, T.F. **A família de Construções de Argumento Cindido no Português do Brasil, 2010**. Tese (Doutorado em Linguística) – PPG em Lingüística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

SARDINHA, T, Berber. **Lingüística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

SILVA, A. S. da **A Lingüística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Lingüística**. Revista Portuguesa de Humanidades I, Braga: Faculdade de filosofia da U.C.P., 1997, p. 59 – 101.

SILVA, A. S. da **Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro.** *Revista de Estudos da Linguagem* 16-1, Belo Horizonte, Brasil, 2008, p. 49-81.

TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization: Prototypes in linguistic Theory.** Oxford: Clarendon Press, 1989.

TOMASELLO, Michael. *As origens culturais da aquisição do conhecimento humano.* São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization, Emergent Constructions, and the Notion of “Newness”.** Stanford University, 2006.

TRAUGOTT, E. C. **The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization.** In *Cognitive Linguistics* v. 18 - 4, 2007, p. 523-557.

WEB CONCORDANCER BETA. Disponível em <
<http://webascorpus.org/searchwac.html>> Acesso de janeiro a agosto de 2010.

Anexo 1

Dead_or_alive

Definition:

A **Protagonist** is in the dynamic, maintained state of being alive or has exited this state.

FEs:

Core:

Figure [Fig]

This FE identifies the **Figure** or form being described by the target.
Frank's **DEAD** **body** was appalling.

Protagonist [Prot]

Semantic Type: Sentient

Protagonist identifies the being or entity that is dead or alive.
Frank was **DEAD**.

Non-Core:

Cause [Cause]

Cause identifies any object or event that brings about the death of the **Protagonist**.
Within hours, Frank was **DEAD** **of exposure**.

Degree [Degr]

Semantic Type: Degree

This FE identifies the **Degree** to which a **Protagonist** is dead or alive.

FE Core set(s):

{Figure, Protagonist}

Frame-frame Relations:

Inherits from: [State](#)

Is Inherited by:

Perspective on:

Is Perspectivized in:

Uses:

Is Used by: [Resurrection](#)

Subframe of: [Cycle of life and death](#)

Has Subframe(s):

Precedes:

Is Preceded by:

Is Inchoative of:

Is Causative of:

See also:

Lexical Units:

alive.a, dead.a, dead.n, deceased.a, lifeless.a, living.a, living.n, nonliving.a, undead.a, undead.n

Created by 669 on 04/22/2002 04:23:25 PDT Mon

Competition

Definition:

This frame is concerned with the idea that people (**Participant_1**, **Participant_2**, or **Participants**) participate in an organized rule governed activity (the **Competition**) in order to achieve some advantageous outcome (often the **Prize**). **Rank** and **Score** are different criteria by which the degree of achievement of the advantageous outcome is judged.

FEs:

Core:

Competition [Comp]

This FE is used for the name of the competition.
Jo **PLAYED** **in the foosball tournament**

Participant_1 [Partic-1]

Excludes: Participants

This FE identifies the first (or only) participant in a competition.

Jo **PLAYED** the lottery every day.

Participant_2 [Partic-2]

Requires: Participant_1

Excludes: Participants

This FE identifies the second participant in a competition.

Jo **PLAYED** **Leslie** at tennis.

Participants [Partic-S]

This FE is used for plural NP participants in a competition.

The Yankees **PLAYED** in the World Series.

Non-Core:

Degree []

Semantic Type: Degree

This FE describes the intensity of competition.

Duration []

Semantic Type: Duration

This FE is used to describe the length of time over which competition occurs.

Frequency []

This FE expresses how often the **Competition** occurs.

Manner [Mnr]

Semantic Type: Manner

The way the **Participants** compete.

Means [Means]

Semantic

Type: State_of_affairs

The action the **Participants** (or **Participant_1**) are involved in that constitutes a **Competition**.

They **PLAYED** **by seeing who could get the ball to the**

far side of the parking lot.

Place [Place]

Semantic

Type: Locative_relation

Where the event takes place. A constituent tagged as **Place** may require annotation on a secondary FE-layer.

First layer: John's first **COMPETITION** **at Wimbledon** astonished the crowd.

Second layer: John's first **COMPETITION** **at Wimbledon** astonished the crowd.

Prize [Prize]

This FE indicates a prize won in a competition. John was **COMPETING** **for a bronze medal**.

Purpose []

Semantic

Type: State_of_affairs

This FE is used to describe the intended outcome of the competition.

Rank [Rank]

This FE is used for the ranked results of a competition, and is translatable into a numerical value. Jo came in **third**.

Score [Score]

This FE is used for the score in a game.

The Yankees won the game **2 to 0**.

EX: The Yankees won the game **by two points**.

Time [Time]

Semantic Type: Time

Venue [Venue]

The period of time when the **Competition** occurs.

This FE is for the named venue of a competition, particularly when the place has been built for the purpose of a competition.

The Mets will play **at the ball park** on Sunday.

The Mets will play **at Shea Stadium** tonight.

Frame-frame Relations:

Inherits from:

Is Inherited by:

Perspective on:

Is Perspectivized in:

Uses: [Intentionally act](#)

Is Used by: [Alliance](#)

Subframe of:

Has Subframe(s): [Finish competition](#)

Precedes:
Is Preceded by:
Is Inchoative of:
Is Causative of:
See also:

Lexical Units:

challenge.n, compete.v, competition.n, competitive.a, competitor.n, play.v, player.n, rival.n, rivalry.n

Created by 243 on 11/21/2001 03:41:51 PST Wed

Birth

Definition:

A **Mother** and **Father** produce a **Child** or an **Egg**.
Betty **BORE** **Gerry** three intelligent daughters.

FEs:

Core:

Child [Child]

Child identifies the new self-motile creature produced from the **Mother** and **Father**.
Betty **BORE** **Gerry** three intelligent daughters.

Egg [Egg]

Excludes: Child

Egg is an immobile object containing an organism that may hatch as a mobile, infant organism.
Female clownfish **LAY** their eggs around sea anemones

Father [Pop]

Father is the male creature that copulates with the **Mother**, thus leading to the birth of the **Child**.
Betty **BORE** **Gerry** three intelligent daughters.

Mother [Mom]

Mother is the female creature that produces the **Child**.
Betty **BORE** **Gerry** three intelligent daughters.

Parents [Par]

The **Mother** and **Father** expressed together.
We are going to be **HAVING** twins!

Non-Core:

Circumstances [cir]

This FE identifies the **Circumstances** under which a **Mother** and **Father** produce produce a **Child**.
Star fish can be **SPAWNED** under the right conditions.

Depictive [Depict]

Depictive identifies the phrase describing a participant of an action
Demons are **SPAWNED** **fully formed**.

Manner [man]

Semantic Type: Manner

Any description of the intentional act which is not covered by more specific FEs, including secondary effects (quietly, loudly), and general descriptions comparing events (the same way). In addition, it may indicate salient characteristics of the **Parents** (or a **Father** or **Mother**) that also affect the action (presumptuously, coldly, deliberately, eagerly, carefully).
They **eagerly** **SPAWNED** more of their kind until there was no room for more.

Means [Mns]

Semantic

Type: State_of_affairs

Place [Place]

Semantic

Type: Locative_relation

Result []

This FE identifies the **Means** by which the event occurs.

This FE identifies the **Place** where the event occurs.

This FE identifies the **Result** of the birth.
John's mother **BORE** him **into a wealthy family**.

Time [Time]

Semantic Type: Time

This FE identifies the **Time** when the event occurs.

FE Core set(s):

{Father, Mother, Parents}

Frame-frame Relations:

Inherits from: [Event](#)

Is Inherited by:

Perspective on:

Is Perspectivized in:

Uses:

Is Used by:

Subframe of:

Has Subframe(s):

Precedes: [Death](#), [Dying](#)

Is Preceded by:

Is Inchoative of:

Is Causative of:
See also:

Lexical Units:

bear.v, beget.v, birth.n, birth.v, bring_forth.v, calve.v, calving.n, carry_to_term.v, drop.v, father.v, generate.v, get.v, have.v, kid.v, lambing.n, lay.v, mother.v, propagate.v, sire.v, spawn.v, whelp.v

Created by 664 on 03/04/2002 06:05:53 PST Mon
